

REVISTA DA SEMANA

N.º 15

13 - 4 - 946



NA CAPITAL
CR\$ 1,50
NOS ESTADOS

Uma loura de Hollywood

★



Chama-se Margo Shafer e começou servindo de "stand-in" para algumas famosas "estrêlas" da Metro, mas logo a aproveitaram como bailarina. Percorreu os países da América Central e veio a Hollywood onde, só então, descobriram seus reais encantos. É agora um valor novo e indiscutível, que se impôs pelo seu talento. De "cover-girl", vai se convertendo também em "star", e Lana Turner, Joan Blondell e as outras louras do cinema sabem que têm, na garota novata, uma perigosa concorrente. Dêsse material humano saem os "astros" mais famosos da tela — e quantos que hoje nos deslumbram, não foram também, em outros tempos, simples "stand-in", substitutas eventuais das grandes figuras do cinema dos velhos dias de Hollywood!

UM ENCONTRO OCASIONAL, EM NOVA-YORK, COM O SR. WASHINGTON LUIZ --- E UMA ENTREVISTA IMPROVISADA

por Celestino Silveira

(ENVIADO ESPECIAL DA "REVISTA DA SEMANA" AOS EE. UU.)

O nome do antigo presidente da República fôra incluído na relação dos assuntos obrigatórios que devíamos tratar em Nova-York, mas não se oferecia com facilidade o ensêjo de ouvi-lo. Através de outros jornalistas brasileiros cujas tentativas nesse sentido sempre se frustaram, sabíamos das dificuldades existentes, posto que o sr. Washington Luiz, reservado e discreto, jamais favoreceu essa tarefa aos reporters. Preferíamos aguardar que o caso nos facilitasse o serviço, e foi esse providencial amigo do jornalista que nos ajudou quando uma tarde, em fins de fevereiro, entrando no Fornos, restaurante da rua 52 especializado em comida "hispano-americana" e onde também podem matar-se, relativamente embora, as saudades de uma feijoada "à brasileira", deparamos na mesa ao fundo do salão, isolada e calma, a figura simpática e encanecida do antecessor do sr. Getúlio Vargas. Foi o nosso confrade Freitas Guimarães, que nos acompanhava no repasto, quem nos alertou, mas o restaurante, em hora de maior movimento, não permitiu um imediato encontro com o patriótico a quem desejávamos abordar. Premeditávamos o "golpe" para um assalto à fortaleza de Washington quando aquele nosso colega, já familiarizado com o antigo presidente, nos facilitou a aproximação, e confessamos ter sido com fundamentados receios de uma negativa formal, que nos encaminhámos para a mesa solitária, alvo das nossas cogitações.

Ali todavia esperava-nos uma agradável surpresa, pois ao inverso das expectativas sombrias, com o seu mais franco e cordial sorriso, estendendo-nos a dextra e interrompendo a sobremesa, já o sr. Washington Luiz nos recebia e convidava a partilhar do almoço. Si em outros tempos o silêncio intransponível era a arma de que se valia o cidadão exilado contra a investida dos réporters, agora tínhamos á nossa frente um ancião simpático, quasi eloquente, cujas primeiras palavras eram para indagar detalhes sobre a agressão de que havia sido vítima em Petrópolis, dias antes, o jornalista Roberto Marinho.

E sabendo que o diretor de "O Globo" saíra ilêso, o sr. Washington Luiz não escondeu o seu contentamento traduzido em palavras cordeais á pessoa do jornalista brasileiro.

Desviou-se a conversa para assunto locais, os problemas das grêves com que se via a braços o governo norte-americano, a interrupção de toda a vida de Nova-York, dois dias antes, por espaço de dezoito horas, e finalmente, o Brasil. Expressámos a s. ex. a satisfação de que nos possuíamos, encontrando-o forte e bem disposto, quando alguns de seus retratos, divulgados pouco antes no Rio, o apresentavam de fisionomia abatida. Ele encolheu os ombros, passou a

mão pela cabeça muito alva, acariciou o "cavaignac" tão famoso através das caricaturas de outros tempos e respondeu:

— Que se ha de fazer, meu amigo! E' preciso viver...

Frisamos ainda o poder de adaptação que, tudo fazia crêr, s. ex. havia revelado pela América do Norte. Um novo sorriso, um gesto afável e a resposta:

— Que remédio! O recurso é este... Adaptar ou morrer!

E por fim a pergunta inevitável, sobre o seu provável regresso á patria. Foi quando o sr. Washington Luiz evocou a resposta sistematicamente dada aos reporters:

— Quando chegar o momento avisarei... Mas entrou em pormenores sobre a viagem.

Reconheceu não ser ainda fácil obter passagem, desde que o transporte marítimo, alem de moroso é difícil, e os lugares nos aviões são reservados com meses de antecedência. Agora, por exemplo, fizera uma consulta nesse sentido á uma companhia de navegação aérea, e a resposta foi que só em maio

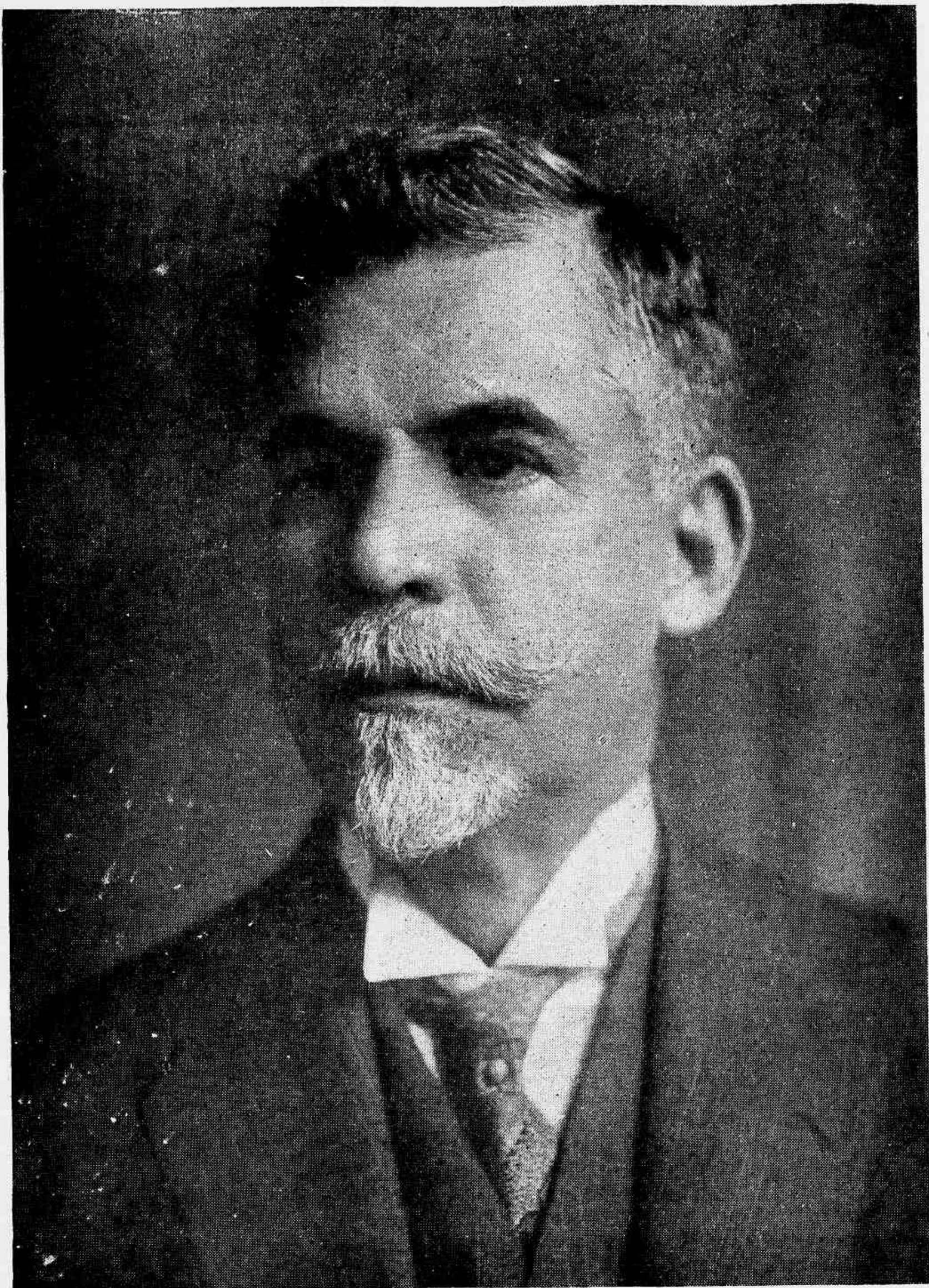
encontraria lugar garantido, embora desaparecidas as prioridades.

De qualquer modo, pode concluir-se que o antigo presidente — em fins de fevereiro, pelo menos — estava pensando efetivamente em voltar ao Brasil, embora não podendo garantir quando viesse a realizar essa viagem. Em Nova-York, continuava sua vida moderada, arredado dos elementos da colonia, retraído mas sem se furtar a alguns comentários sobre os problemas da atualidade. A palestra estendeu-se por alguns minutos, o almoço terminou e viéram as despedidas. Foi batendo-nos nas costas, com um "até logo" muito á carioca, que o sr. Washington Luiz concluiu:

— Então já sabe, Hein? Quando chegar o momento avisarei... Boa viagem — e boa reportagem...

O vulto simpático e nobre do antigo ocupante do Catete desapareceu na moldura da porta do restaurante. Conseguimos, enfim, uma entrevista inesperada e "de assalto", com o antecessor do sr. Getúlio Vargas.

"ADAPTAR-SE OU MORRER"





O "paco" classico: uma nota legitima de vinte, capeando um maço de papel de jornal, é dada como amostra do dinheiro falso... cinco mil cruzeiros falsos por um verdadeiro. Com um pouco de esforço, lê-se uma manchete de futebol no meio do "paco"...

ARTINHA DE FURTAR

Por R. MAGALHÃES JR. ESPECIAL PARA A "REVISTA DA SEMANA"

ANTES, muito antes do aparecimento da "Arte de Furtar", cuja autoria, é ainda hoje discutida, François Villon, o grande poeta francês, que foi professor, excomungado, condenado á morte, boêmio e ladrão, escreveu uma pequena "Arte de Furtar", ou, melhor, uma "Artinha", que deve ter sido muito útil aos neófitos da época. Para furtar um presunto, nas barbas do açougueiro, prescrevia François Villon o seguinte: — "Vai-se ao açougue com um comparsa, toma-se um presunto, e quando se examina e cheira essa peça de vianda, com jeito de quem quer comprar, o comparsa, fingindo ser um desconhecido, estabelece um conflito, a propósito de qualquer coisa. Depois de um insulto pesado, ao qual revidamos, o comparsa nos dá um bofetão e, quando tentamos atingi-lo, ele foge para a rua. Gritando: "ah, briçante, não escaparás ao castigo!" — com muita dignidade e indignação, saímos a perseguir o insolente, com o presunto na mão, o que em meio do tumulto o açougueiro achará muito natural. Só depois de termos ambos desaparecido é que ele, sob o efeito de uma nova surpresa, maior do que a primeira, começará a perceber que caiu num logro". Para obter de graça um garrafão de vinho de graça, eis o que ele sugeria: "Leva-se dois garrafões ao vendedor de vinhos, um vasio e outro cheio d'água. Pede-se-lhe que encha um dos garrafões de vinho tinto e, depois de cheio, fazemos uma cara de contrariedade, dizendo que não era vinho tinto, mas vinho branco, o que o nosso amo nos mandara comprar. E, rapidamente, enfiamos o gargalo do garrafão contendo água no barril de vinho tinto, despejando o seu conteúdo até ao fim. Ao ouvir o gluglú da água, o vendedor de vinhos pensará que é o vinho tinto que está sendo despejado. E, em seguida, nos encherá o garrafão vazio de vinho branco. Assim, teremos dois garrafões de vinho pelo preço de um". E' claro que os garrafões de François Villon, não eram garrafões transparentes, mas vasilhas através das quais não era pos-

sível ver-se o conteúdo. Tinha êle ainda regras para roubar tripas, que consistam em fazer um comparsa insultar a tripeira e o ladrão, cavalheirescamente, tomar-lhe a defesa, para dar-no insolente uma "surra de tripas", desaparecendo os dois, finalmente, depois de curta perseguição, para comer as tripas á moda de Caen, se é que tal moda já existia naqueles tempos...

★

Desde a rapinagem miúda do grande poeta da "Ballade des dames du temps jadis" em Paris, que me veio á lembrança em face das recentes gatunagens desta época de deslavadas ladroeiras, focalizadas por órgãos da nossa imprensa, muito tem progredido a arte de furtar. O "pulo do nove", ladroeira elegante, que reclama grande comparsaria e, em geral, uma mulher bonita, como aliciadora de vítimas, esteve há pouco novamente no cartaz. Voltou também, ao noticiário uma modalidade interessante de conto do vigário, o da lista de loteria convenientemente falsificada e do falso trouxa, que em vez de ir receber diretamente o prêmio com que foi contemplado, prefere vendê-lo por uma nada, porque tem letras colossais a vencer-se num banco ou porque está sendo processada a sua falência e tudo iria ás mãos dos credores. Excitada a cupidez de um falso sabido, o negócio é fechado num lugar sossegado, longe do centro urbano, onde é impossível a verificação rápida da lita e do bilhete. Como o negociador já se confessou um patife e mostrou que a venda atingirá os fins de uma patifaia, o comprador pensará tudo, menos que a tratantada seja outra. Patifes também acreditam em sinceridade. Mas, ao se verem fraudados, embora tenham desejado fraudar a outrem, gritam, esperneiam e queixam-se á Polícia...

★

Há um ano e pouco, o Rio de Janeiro comentou muito um caso em que esteve en-

volvido um modesto diplomata asiático, que era um pequeno gênio da facaltrua. Tomado de amores por uma formosa cantora de rádio, conhecida mais pelas suas aventuras galantes do que pela qualidade da sua voz, êsse patricio de Aladino e de Ali Babá deu um desfalque no cofre da sua Legação, apresentando, de golpes, trezentos mil cruzeiros á sua eleita. A moça, ao devolver o dinheiro, por intimação da Polícia, declarou que não havia ido além de alguns sorrisos. Isso nos faz imaginar que fortuna não teria logrado, se tivesse havido, no caso, uma capitulação total... O trafego diplomata foi recambiado á pátria, mas logo após a sua partida foram conhecidas outras das suas aventuras, estas exclusivamente financeiras. Uma delas pode ser denominada o "conto do tapete". Comprara êle, numa conhecida casa de tapetes da Avenida Rio Branco, uma reles imitação de tapete persa, por quinze mil cruzeiros. Fiado, é bom notar. Em seguida, atraiu para sua casa um milionário de origem oriental, queixando-se de que ia regressar á pátria e teria de se desfazer, por dez réis de mel coado, de um maravilhoso tapete persa, como aquê, que lhe custara em Bagdad nada menos de cem mil cruzeiros... Se ainda conseguisse obter metade do preço! Emfim, não contava encontrar no Rio muitas pessoas de bom gosto, conhecedoras e apreciadoras de tapetes persas. Só mesmo quem tivesse uma alma oriental... Para abreviar a história, o convidado desembolsou cinquenta mil cruzeiros pelo tapete, convencido de que estava fazendo um pechincha. Pelo mesmo sistema de "bon marché", adquiriu, também, os móveis do diplomata, moveis que lhe haviam sido emprestados por uma senhora brasileira, esposa do proprietário da casa de apartamentos e desejos de se mostrar gentil para com um visitante lustre. Só depois da partida do jovem asiático, perceberam os

★

Outro dia um dos nossos jornais narrou um caso pitoresco, parecia com o "conto da loteria", mas ainda mais bem elaborado. Quem caiu nesse conto foi o cidadão Manuel Antonio de Araujo, que hoje deve estar plenamente convencido de que é bem menos inteligentes do que supunha. O caso passou-se assim: um belo dia recebeu êle uma carta re-

gistrada, vinda de Buenos Aires. Nessa carta, alguém, que se dizia um comerciante às portas da falência, lhe propunha um negócio urgente e excepcionalmente lucrativo. Tinha, em seu poder, dois cheques, um no valor de cinquenta mil cruzeiros e outro no valor de cento e cinquenta mil, que não poderia descontar ele próprio em Buenos Aires, pois que o dinheiro seria apreendido e arrolado entre os créditos da falência. Preferia, por isso, vendê-los por uma parte insignificante do seu valor a um comerciante brasileiro idôneo. O Sr. Manuel Antônio de Araujo nunca havia viajado de avião, mas não hesitou. Meteu-se num aparelho da Panair e rumou para Buenos Aires, encontrando-se, imediatamente, com o homem que lhe propusera o negócio. Depois de ligeiras explicações, o argentino entregou-lhe os dois cheques, recebendo do brasileiro a quantia de trinta mil cruzeiros, — 15% do valor total dos mesmos!

Convencido de que fizera um excelente negócio, regressou o Sr. Manuel Antônio de Araujo. E ao chegar encontrou uma carta registrada, aérea, do argentino que num esplêndido rasgo de bom humor lhe comunicava que ele caíra num logro. Não adiantava querer descontar os cheques, pois não o conseguiria, posto que haviam sido sacado contra um banco inexistente.

Qual a finalidade dessa carta? Sem dúvida, sua finalidade era reduzir vítima ao silêncio. A polícia brasileira nada teria que ver com um "conto do vigário" ocorrido em Buenos Aires. O logrado não havia de querer se apresentar, aos olhos de todos, como um ingênuo, um trouxa, um idiota. E o terreno continuaria livre para outras operações dessa espécie. Mas Manuel Antônio de Araujo, que já havia dado uma prova de pouca inteligência, com o negócio de Buenos Aires, entendeu de dar uma outra, não menor, tentando de má fé descontar os cheques falsos no Banco do Brasil, onde se denunciou pela sua insistência e nervosismo, sendo preso e mandado apresentar à polícia...

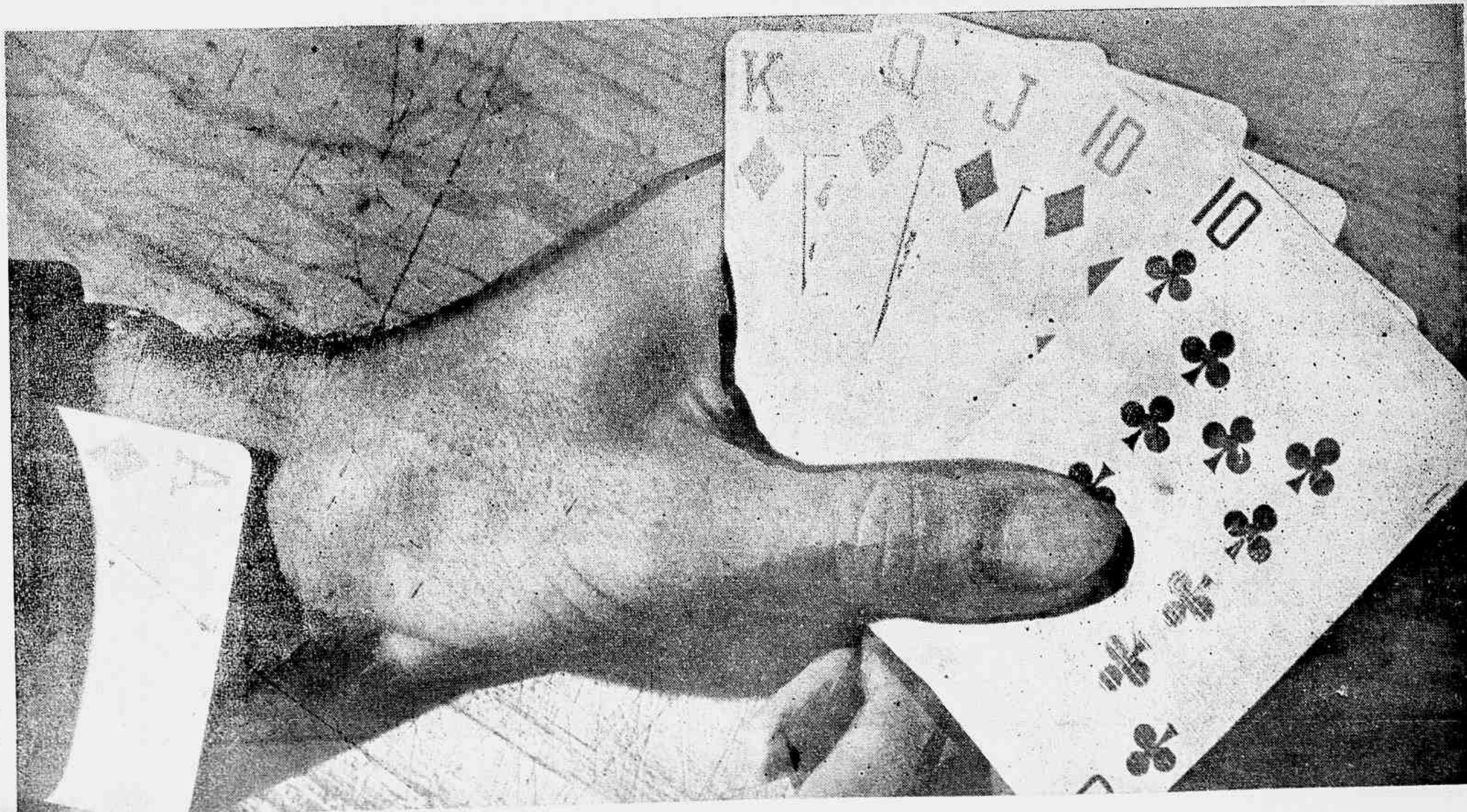
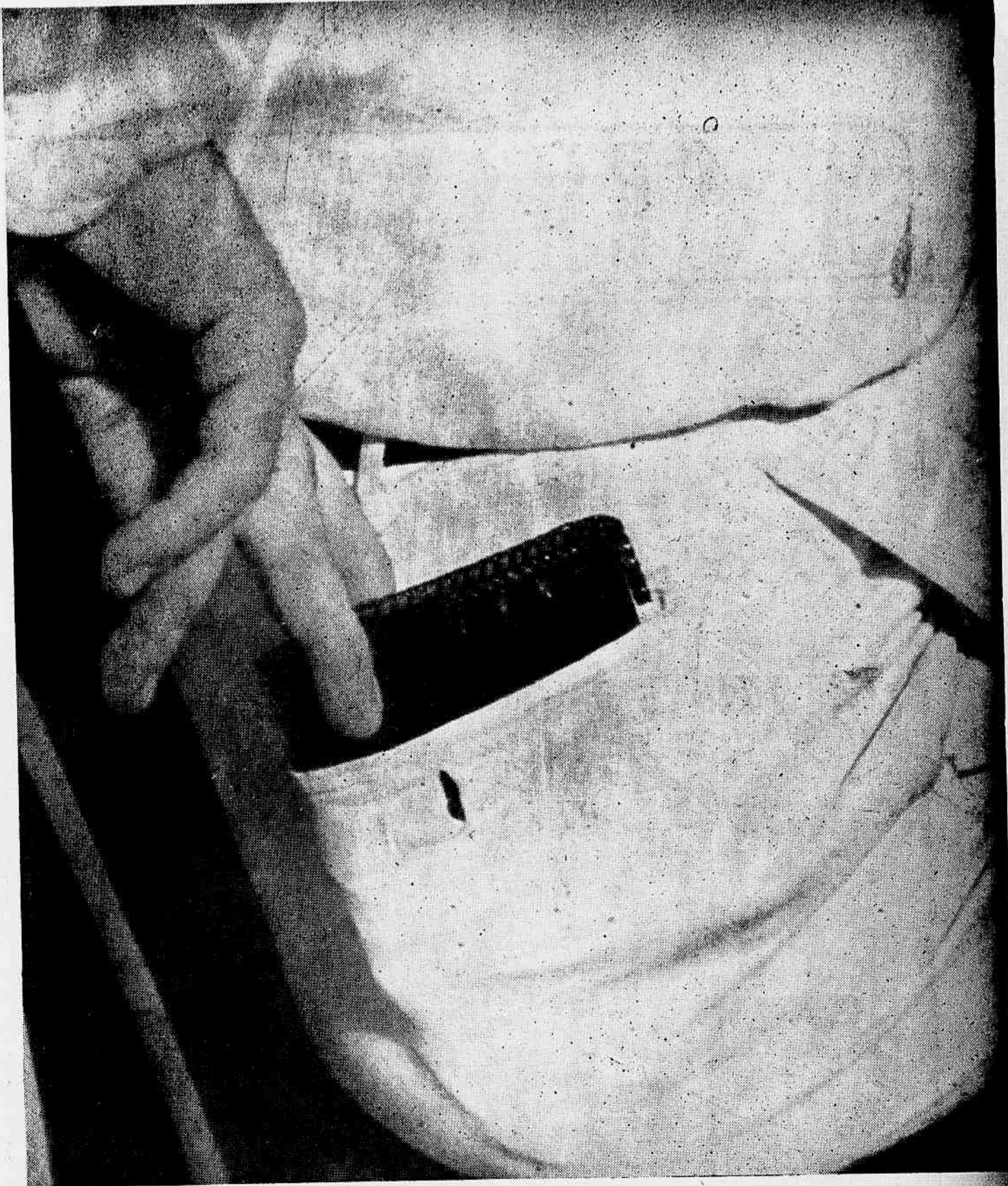
★

Admiro os ladrões que operam sem gazua, utilizando as armas da inteligência e excitando a cupidez dos seus semelhantes, de tal que eles relaxam a sua guarda e oferecem

o corpo aberto ao massacre dos chantagistas. Esse caso de Buenos Aires mostra como um ladrão inteligente se vale dos recursos do progresso moderno, como a aviação, para os seus golpes financeiros. E' uma modalidade nova de furto, que, entre outras coisas, tem a vantagem de estimular o turismo internacional...

Ser ladrão exige audácia, sangue frio, imaginação, talento dramático superior ao de qualquer revelação de "Os Comediantes". A profissão tem muitos encantos. Mas tem perigos, também. E é por isso que muita gente, burguesmente, prefere viver do prosaico comércio do algodão e outras atividades mais ou menos corriqueiras...

Ao alto: A pequena ladroagem que exige agilidade, sangue frio e pouca vergonha... Assim desaparecem carteiras nos estádios, nos cinemas e até nas filas... E' uma das artes dos ladrões menores. Em baixo: No "pulo dos nove", o ás providencial colocado na manga estará á mão para garantir um "royal straight flush"...



A SEMANA EM REVISTA

O QUARTO CAVALEIRO DO APOCALIPSE



Guerra, peste, morte, tudo passou sobre o Velho Continente, como um cataclismo de terror, devastando aldeias e pastagens. A guerra, evitamo-la em nossa terra, mandando à Europa ensanguentada os nossos pracinhas, que formaram a barreira magnífica e poderosa contra a onda nazi-fascista. A morte, não chegou a se tornar ainda uma calamidade pública.

A peste, o dique da penicilina posto sobre o Atlântico, fechou-lhe as portas da América. E a fome?

— A fome não existe. E não existe porque assim o afirma um nobre constituinte brasileiro. E ele diz, embora não acreditemos muito em suas convicções, que fome é um mito criado para explorações políticas.

Aqui pedimos licença para discordar do nobre deputado. Não nos parece que seja exploração política o ato de um homem desmaiar em plena via pública, com duzentos réis no bolso da calça cáqui e nem um bagô de feijão no estômago. Não nos parece exploração política o suplício interminável das filas a que se sujeita trinta por cento da população do Rio, para conseguir um pouco de pão enegrecido.

"LIVROS, LIVROS ÀS MANCHEIAS"



E quando o turista perguntou o que era aquele prédio amarelo da praça Floriano, o cicerone calou-se atônito, coçou a barbicha, tirou o bonet, tornou, a coçar a barbicha, limpou o suor da testa e respondeu envergonhado:

— É a Biblioteca Nacional. Nada de interessante. Passemos adiante para ver o Museu de Belas Artes.

E arrastou o forasteiro pelo braço, com medo de que ele insistisse em vêr a biblioteca por dentro. Era um cicerone patriota e bairrista. Não queria que o outro visse o que temos de feio e de mau.

E o viajante não viu. Mas aos olhos do reporter nada escapou. E foi reporter, confrade nosso de um vespertino popular, que teve a felicidade de cair dentro da Biblioteca Nacional, num dia medonho de calor e falta de assunto. Parece que o rapaz procurava argumento para uma notícia nos velhos alfarrabios, ou nos livros quilométricos de Lin Yutang. Mas procurou em balde o volume cubicado. Virou catálogos, remexeu estantes, pôz os arquivos de pernas para o ar. Não ha-

Vinde conosco, senhor deputado. Vinde vêr na rua senador Dntas, em pleno coração do Rio de Janeiro, o espetáculo doloroso das mães que pedem pão, com os filhinhos esqualidos definhando sobre os seus seios estereis. Se V. Excia. não tem escrúpulos, senhor deputado, nós nos prontificaremos a leva-lo ao alto dos morros do Rio, onde no mesmo prato come uma família inteira, carne seca com arroz de terceira, uma vez ao dia, quando ha carne seca e arroz para comer. Mas se V. Excia. prefere ficar pelo centro da cidade, gastando com parcimônia o seu ordenado e a sua ajuda de custo, nós lhe mostraremos muitas comerciárias, almoçarem pão com banana, escondidas nos bancos do Passeio Público.

Mas, se V. Excia., animado por nossa proposta, prometer ficar bonzinho e não manifestar medo, nós o levaremos aos necroterios de indigentes, onde muitas vezes, os bisturis da autopsia rasgam estômagos vazios, nos quais não entrava ha muito tempo uma migalha de pão. Senhor deputado, nós queremos afirmar uma verdade: Ha fome no Rio, fome negra. Se o senhor quer fazer alguma coisa pelos famintos, proponha um decreto proibindo a fome.

Agora, tem a palavra o nobre deputado.

via o livro, embora existissem na biblioteca, de acordo com as fichas, varios exemplares da obra. O reporter já se retirava, desesperado de não encontrar assunto, quando bateu na testa vitoriosamente. Sim senhor! Aquilo era uma reportagem de arromba. "Meter o pau na Biblioteca". Que colosso! Faltava só o titulo. O texto já lhe vinha todo na imaginação, composto em corpo oito, grifo, com entrelinhas vistosas. Mas faltava a "manchette". E o rapaz dava tratos á bola, quando um empregado da casa o alcançou na escada, entregando-lhe o volume solicitado.

Abriu-o nervosamente. Mas de dentro, em vez de ideias o que saíam fôam traças e baratas. Aquilo não era um livro. Era uma colonia de insetos, um paraíso de bibliofágos vorazes. E o rapaz deceu depeça as escadas para escrever a reportagem. Já havia encontrado o titulo, um grande titulo: "30.000 volumes entregues á sanha das traças". E o jornal saiu para a rua. "Meteu-se o pau" na Biblioteca. Mas as traças não foram desalojadas. Lá estão elas, devorando indistintamente versos de Milton e teorias de Einstein. Lá estão elas as traças das bibliotecas, mais felizes do que nós, porque conseguem ler Shakespeare no original, sem pagar cem cruzeiros por volume.

O "DRAGÃO NEGRO" EXTENDE SUAS ASAS



Gritaram todos em côro: "Acabou-se a guerra, acabou-se o facismo".

Mas era otimismo demais. O fascismo aí está, ferido é certo, mas vivo e perigoso. Agora, morto como força governamental, ele sub existe entretanto como organismo secreto, dividido em seitas, espalhado pelos cinco continentes, disfarçado sob mil formas, camouflado por mil nomes.

Partidos politicos se organizam sob mascaras democraticas, mas trazendo no fundo o estigma negro da marca original de sua fabrica: a marcha sobre Roma. Na Alemanha ocupada, mercê da boa-fé e da tolerancia da tropas norte americanas e inglesas, medram em tods as cidades ramificações postumas do nazismo, como cogumelos nefastos e venenosos.

Mas, se quizermos ter uma prova irrefutavel de que o facismo vive ainda, sob uma de suas formas mais odiosas, que é o militarismo japonês, não precisamos ir muito longe. Compremos uma passagem na Central do Brasil e tomemos o trem para São Paulo.

Ali, em plena terra da liberdade e da democracia, onde Castro Alves e cada rua tem a memoria de uma revolução,

cada esquina lembra estrofes condoreiras e rubras do grande acaba de ser descoberta, como o leitor já deve saber através dos telegramas, uma sucursal do "Dragão Negro". Mas o que talvez o leitor ignore é a significação sinistra desse nome terrífico: "Dragão Negro". Os japoneses anti-militaristas, os que tiveram a infelicidade de nascer com ideias civilizadas numa terra barbara, não desconhecem as ações criminosas dessa sociedade de terror e de covardia.

Nacido para castigar os que não acreditassem na divindade do tabú-imperador, essa camorra amarela vem se caracterizando através dos anos pelos mais barbaros assassinatos jamais descritos nos romances de crime e de pavor. Pouco antes da guerra, o "Dragão Negro", que até então limitara suas atividades criminosas ao Império Nipônico, levou mais longe as suas garras aduncas, matando e espancando velhos e mulheres, operarios e pequenos comerciantes, nos bairros chineses de New York e San Francisco. Agora, ele se vira contra nós. Os ceticos sorriem incredulos, os cinicos olham indiferentemente.

E a fera continua acordada. Que todos os jornais e todos os alto falantes gritem bem alto este anuncio: "Alô Brasil! Precisamos de um São Jorge".

A decana
de 1911

O número
Visconde

TEM
REPRES
Times B
434, Lou
Na Arge
Prop

O corpo
elabora

REPO

Adapt
Um r
Acont
O pão
Figur
Jocke

LITE

"Arti
As F
Entre
O cas
Joias

FEMI

Nos
Mode
Meia
Quat
Para
Mod

CUR

Praia
Fran

SEC

A S
Arte
A R

HUM

De
"Ch

pre
mes
emp

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVII N. 15 :: 13-4-46

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 90,00; Seis meses — Cr\$ 45,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 110,00; Seis meses — Cr\$ 55,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 200,00; Seis meses — Cr\$ 100,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 no Distrito Federal, e Cr\$ 2,00 no Interior; atrasado Cr\$ 2,50

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegrafico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Telex: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5802.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7886

Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Co.

Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal

434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1748, Montevideo.

Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos

colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de

originais, mesmo quando não publicados.

SUMARIO

REPORTAGENS

Adaptar-se ou morrer (Celestino Silveira)	3
Um novo pastor da igreja	8/16
Aconteceu no Rio	18
O pão de após-guerra	19/22
Figuras e Fatos	35
Jockey Club	42

LITERATURA

"Artinha" de furtar (R. Magalhães Jr.)	4/5
As Formigas (Andrés Maurois)	23
Entre tres horizontes (Alberto Morais Cardoso)	30/31
O caso da malêta marron (William Post)	34
Joias da cidade (Escragnolle Doria)	39

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
Modelos de Inverno	28/29
Meia-Estação	32/33
Quatro Chapéus de Hollywood	36/37
Para as tardes frias e chuvosas	40/41
Modelitos	46

CURIOSIDADES

Praias de Tio Sam	24/26
Frances Gifford reporter amadora	48/49

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Artes Plásticas	17
A REVISTA em Hollywood (Luiz Serrano)	44/45

HUMORISMO

De bom humor	38
"Charge" de Raul	42

NA CAPA

Cantôra e interprete romantica, Susan Hayward vale pelos seus predicados físicos e artísticos. O público habituou-se a vê-la em filmes delicados, vivendo personagens de fina sensibilidade, aos quais empresta o magnetismo de sua personalidade. (Foto RKO).

Comer Muito! Beber Demais!



Tôdas as vezes que praticar alguma imprudencia ou extravagância, comer demais, beber muito vinho, muita cerveja, licores ou outra qualquer bebida alcoólica, para não ter indigestão ou outro desarranjo do estômago e intestinos, convem muito tomar à noite, quando fôr dormir, duas ou três colheres (das de chá) de **Ventre-Livre** em meio copo de água.

Quem costuma ter indigestões, perturbações do Estômago e fermentações tóxicas dos intestinos, e não se trata, está arriscado a sofrer de doenças mais graves, porque essas substâncias infectadas invadem o sangue e afetam todo o organismo, causando grande mal aos nervos e prejudicando as funções do fígado, baço, coração, rins, etc.

Para evitar êsses sofrimentos, tenha o seu estômago e intestinos sempre bem limpos e bem tonificados, usando **Ventre-Livre**.

Use Ventre-Livre

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e suas consequências: falta de apetite, gosto amargo na boca, mau hálito, vontade exagerada de beber água, vômitos causados pela indigestão, arrôtos, gases, dores, cólicas, fermentações e peso no estômago, dores, cólicas e inflamação intestinal produzida pela demorada retenção de resíduos pútridos e tóxicos dentro dos intestinos.

Olhe

Ventre-Livre não é purgante.

Ventre-Livre é um vigorizador das camadas musculares dos intestinos e exerce uma ação muito salutar sobre a mucosa do estômago e as funções do fígado.

Por esta razão, **Ventre-Livre** faz sempre muito bem!

Use Ventre-Livre

Não esqueça nunca!

Ventre-Livre não é purgante



CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS

Prosseguem os trabalhos das comissões julgadoras das nossos concursos literários recém-realizados, um de peças teatrais e outro de romances. Em edição anterior informamos que os originais de todas as peças recebidas encontram-se atualmente em poder do escritor Daniel Rocha, representante do Clube Ginástico Português na referida comissão. Esses trabalhos, por força do elevado número de peças e da responsabilidade de tão delicada tarefa, demandam bastante tempo, mas esperamos muito breve dar por encerrado o julgamento, quando se divulgará, sem demora, o nome dos premiados e o título dos originais respectivos.

Nosso "certame" permanente de contos, continua em curso, de acordo com o regulamento habitual.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM

AVIAM-SE RECEITAS MÉRITAS CON EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

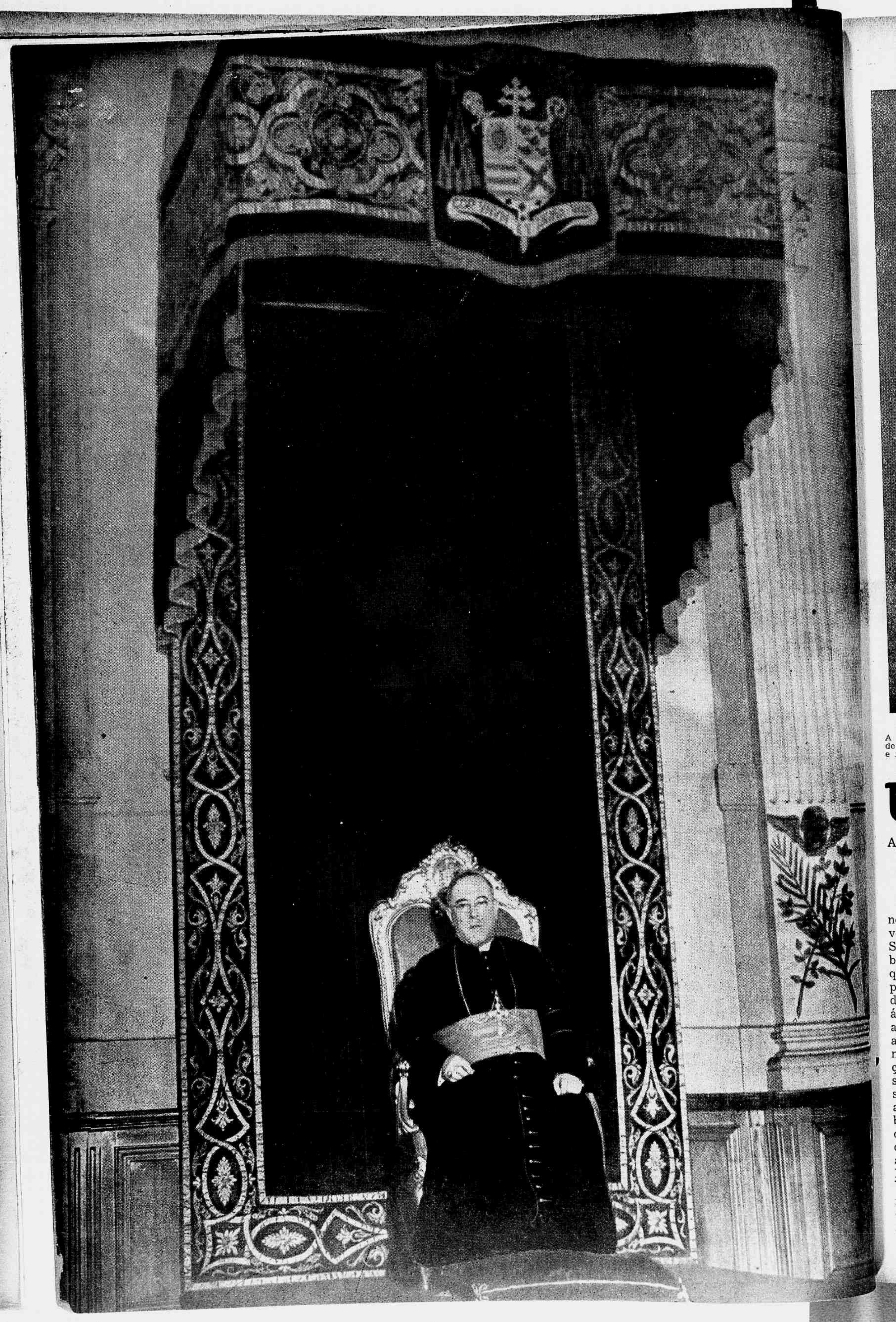
Joalheria

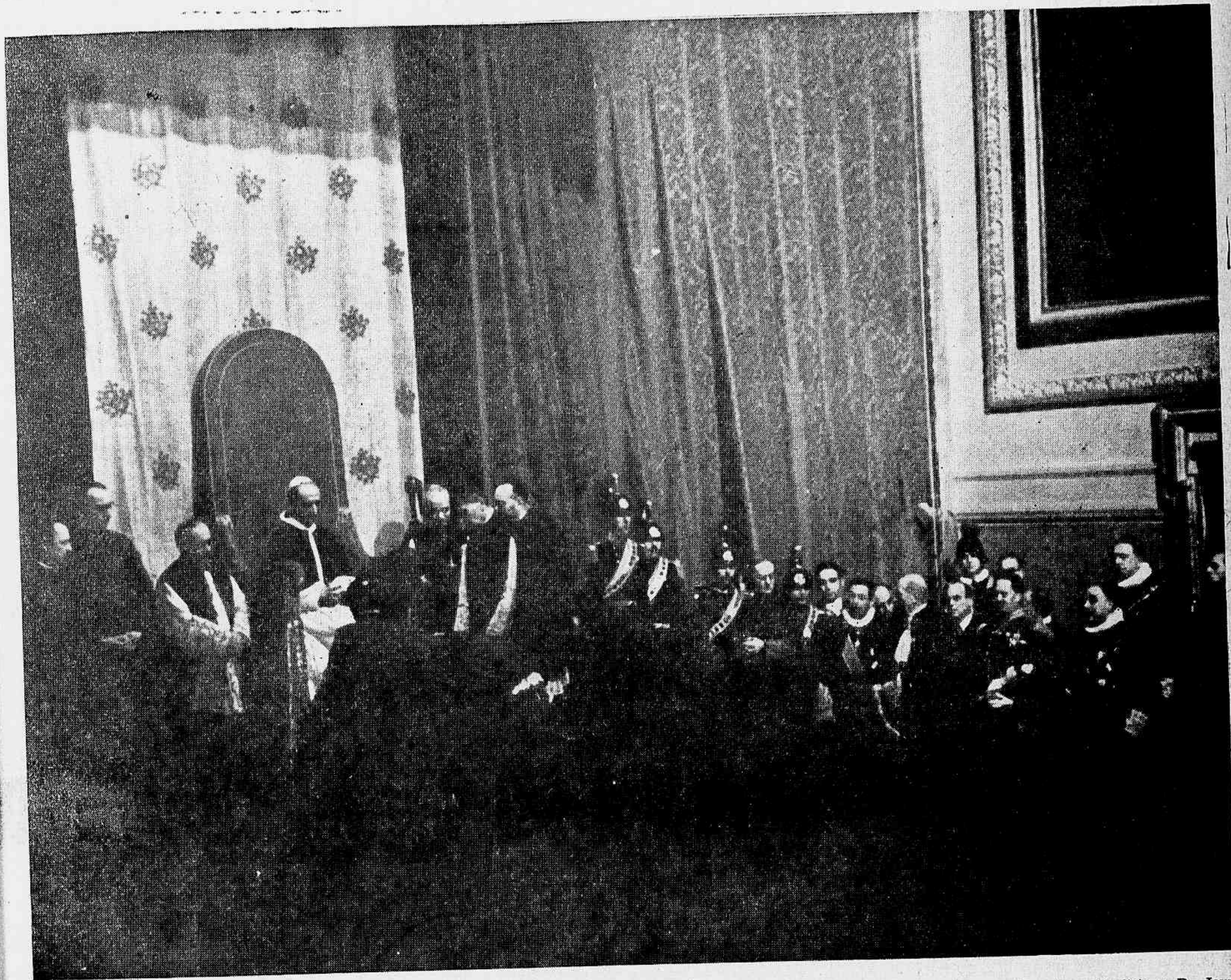
LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES

E ARTIGOS PARA PRESENTES





A IMPOSIÇÃO DO BARRETE CARDINALICIO — Este aspéto, tomado em Roma, nos mostra um flagrante da cerimônia da imposição do barrete cardinalicio a D. Jayme de Barros Camara. O novo príncipe da Igreja aparece curvado aos pés do Sumo Pontífice. Ao fundo, em suas roupas características, autoridades administrativas do Vaticano e figuurs do corpo diplomatico da Santa Sé. E, fazendo um cordão ao pé do trono do Santo Padre, os soldados da guarda de honra, cobertos pelos capacetes reluzentes e com o peito cortado pelos talabartes brancos que são a sua insignia.

UM NOVO PRINCIPE DA IGREJA

A BIOGRAFIA DE D. JAYME DE BARROS CAMARA CARDEAL-ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO — DUAS BIBLIOTECAS NO PALACIO SÃO JOAQUIM — O CHAPEU CARDINALICIO, UMA INSIGNIA SECULAR — AS ARMAS E OS BARÕES ASSINALADOS

Em casa de D. Jayme de Barros Camara, novo titular brasileiro da Igreja Romana, tivemos que esperar na sala da frente, até que S. Eminencia se preparasse para nos receber. Era uma sala comum, um hall igual a quantos temos visto nas grandes repartições publicas. O porteiro, em trages civis, não dava idéia de que estivesse ali atendendo ás partes interessadas em conversar com um alto signatario da Igreja, fazendo lembrar ao contrario um chefe de portaria de Ministerio de Estado, no exercicio de suas funções burocraticas. No entanto, estavamos no saguão do palacio São Joaquim, que é a residencia oficial dos cardeais brasileiros. A autoridade eclesiastica só era porem lembrada ali por um grande cartaz emoldurado, onde se avisava ao publico sobre os dias em que D. Jayme de Barros Camara concedia audiencia. Sob esse letreiro, outro aviso: "S. Eminencia não dirige pedido de colocações

ás autoridades civis ou militares". No mais, apenas paredes nuas.

PADRE IVO

Apareceu porém a uma porta, padre Ivo, secretário do cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro.

Explicou-nos cortezmente que S. Eminencia se achava adoentado e pedia-nos que esperassemos um pouco.

Aproveitamos o tempo para tomarmos conhecimento da vida do cardeal través das informações que nos pudesse fornecer o cle-rigo.

Padre Ivo, com sua voz cheia e rapida de sacerdote novo, falou-nos longamente sobre D. Jayme, e deu-nos ensejo de saber como se processa o ritual da entrada de um arcebispo para o colégio dos Cardeais.

Mostrando-nos fotografias colhidas em Roma, por ocasião da entrega dos chapéus cardinalicios aos titulares da Igreja Sul-americana, o religioso fala-nos sobre a significação daquela cerimonia.

E nenhuma pessoa mais indicada que ele

poderíamos encontrar para nos irformar sobre a vida e a obra de D. Jayme de Barros Camara, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, de cujos trabalhos temporais e espirituais ele participa cotidianamente, nos vastos gabinetes do palacio São Joaquim.

Padre Ivo nos explica quais as funções de um cardeal.

— Como função administrativa, isto é, como posto de mando do poder temporal, o cardinalato não obriga o titular a grandes trabalhos. O titulo de cardeal é hoje, por assim dizer, mais um titulo honorifico. As funções dos membros do Colégio dos Cardeais estão quase restritas ás de conselheiros de Sua Santidade, e de seus substitutos eventuais.

— Mas D. Jayme é também arcebispo — arriscámos.

— Sim — prosegue o padre Ivo. — E como tal, ele governa a Arquidiocese do Rio de Janeiro o que representa um trabalho extenuante e continuo. Do seu gabinete saem as ordens para todas as paróquias do Rio, relativas ao movimento liturgico, ás finanças da Igreja, emfim a tudo o que

NA SALA DO TRONO — Na página ao lado vemos D. Jayme de Barros Camara na sala do trono, onde preside ás audiencias publicas realizadas no palacio São Joaquim. Encimando a cadeira, as armas da arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.



O CHAPÉU CARDINALICIO — Ai está o padre Ivo, secretario de S. Eminencia o cardeal D. Jayme de Barros Camara, mostrando ao reporter o chapéu cardinalicio que o novo principe da igreja no Brasil recebeu recentemente em Roma. E' uma peça talhada nos moldes tradicionais da Idade Média, de copa baixa e arredondada, abas largas e frangidas. Todo em vermelho purpurino, o chapéu cardinalicio é a insignia do principado. Completam a magníficas. fica peça uma jugular e um franjado também vermelhos. Este chapéu é usado somente em cerimônias muito solenes, cobrindo o capuz de arminho que o cardeal usa então.

diz respeito á administração ou a doutrina. Os mais complexos problemas éle os tem que resolver, afim de que a Igreja Romana possa marchar sem interrupções através dos anos, e edificar pelo caminho as obras fecundas que marcam a sua existencia.

O BRAZÃO

Acompanhando o secretario do cardeal, subimos por uma escada gradeado, chegando

á ante-camara da sala do trono. Ali, preso á parede, um quadro singelo que reproduzia as armas de D. Jaime, um escudo dividido em quatro encimado pelo chapéu cardinalicio.

Lembramos logo de uma descrição desse simbolo brazonado, publicado alhures, e assinada pelo conego Jorge O'Grady de Paiva. Neste trabalho, aquele sacerdote nos fala sobre as estirpes dos Raposos e dos Motas, a cujas linhas pertencem, respetivamente, D.

NO CLAUSTRO — Os longos corredores do palacio de Joaquin se assemelham a clautros de convento, onde o silencio impera durante vinte e quatro horas por dia. Em baixo, está o jardim monastico, onde as arvores frondosas cobrem de sombras escuras o lageado branco. Quando foi feita esta foto, D. Jayme se preparava para descer as escadas com o seu secretario padre Ivo, atendendo á sineta que chamava para o almoço.

Jayme de Barros Camara e d. Carlos Carmelo, arcebispos do Rio de Janeiro e São Paulo e novos principes da Igreja Catolica Apostolica Romana.

Convem transcrever aqui as palavras do Conego Jorge O'Grady de Paiva:

"ARMAS E BARÕES ASSINALADOS"

Os novos purpurados brasileiros possuem nobreza de linhagem. As novas armas prelaticias de SS. Emcias, atestam a heraldica de suas familias.

Descende D. Jayme dos Raposos, pela linha varonil e, pela "gens" materna, dos Barros.

O escudo dos Raposos é franjado, xadrezado de prata e azul e de prata com um crescente de vermelho deitado, o da direita voltado. O escudo dos Barros é de vermelho, com três bandas de prata, acompanhadas de nove estrelas de ouro, de seis pontas.

O novo brasão do cardinal arcebispo do Rio de Janeiro é esquartelado, tendo, no primeiro quartel, a armaria dos Raposos (varonil dos Camara, no Brasil) e, no segundo, o nobiliário dos Barros. E assim os contrários.

O escudo de S. Emcia. é arredondado em semi-círculo, forma portuguesa que remonta á Hespanha e Flandres. A divisa é a mesma do seu antigo brasão episcopal:

"Ignem veni mittere", primeiras palavras do vers. 49 do cap. 12 de S. Lucas.

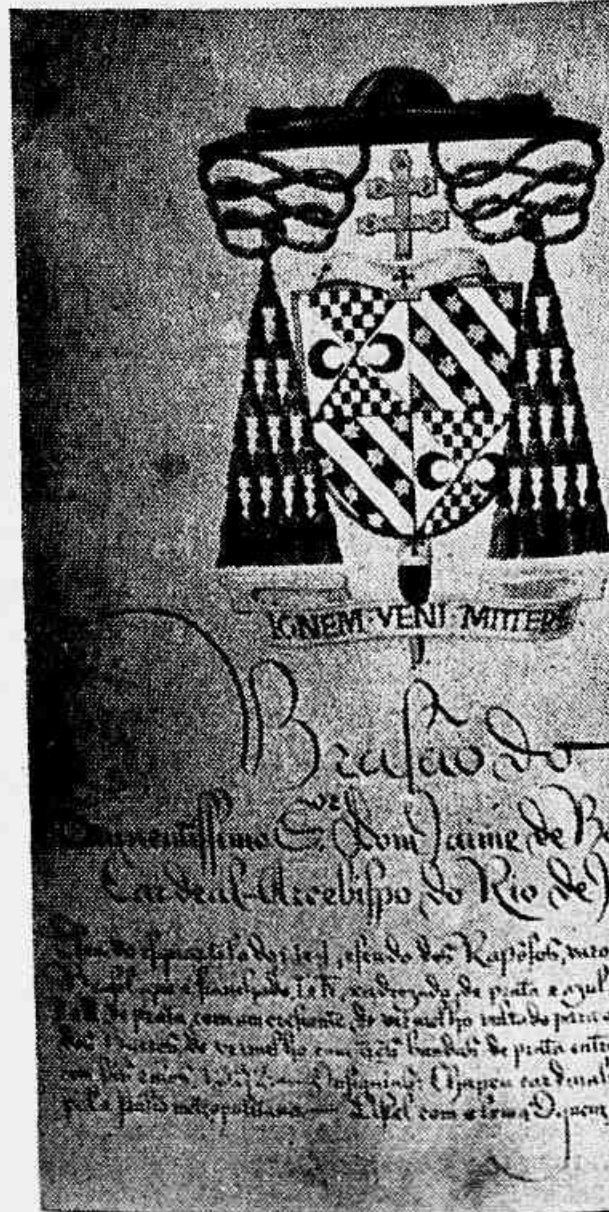
D. Carlos Carmelo é oriundo dos Motas Vasconcelos. O escudo dos primeiros é de verde, com cinco flôres de liz de ouro, postas em Sauter. O dos Vasconcelos é de negro, com três faxas veiradas contra-veiradas de prata e vermelho.

O novo brasão do cardinal arcebispo de São Paulo é partido: a primeira pala em campo de esmeralda, com o escudo dos Motas e a segunda em fundo de sable, com as armas dos Vasconcelos.

O escudo de S. Emcia. tem a forma francêsa, boleada nos cantos inferiores e terminando em ponta.

Convem assinalar que o escudo ovado, de origem italiana, já não é obrigatório para o clero.

AS ARMAS — Na foto abaixo, as armas de d. Jayme de Barros Camara, novo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro. Ao brazão tomado dos escudos dos Raposos dos Barros, foi juntada a divisa de D. Jayme: "Ignem veni mittere".



o
ou
r d
rvo
ram
a pa
ate
o.
Ca
Sa
colic
as d
OS
ssuen
s pre
aldio
ela l
a, de
rezad
scent
ltado
m tr
ove es
do Ri
prime
varoni
o, o n
rios.
ado en
emonta
mesm
palavra
Motas
os é d
o, posta
e negro
adas d
o de S
n camp
otas e
s arma
ma fran
e termi
vado, d
o para
e d. Jay
do Rio
s Raposo
Jayme:

o C
uero
do C
dy pap
no 12
ve ofe
Luz
i m
1911



O lema de S. Emília. consta das palavras finais do vers. 23 do cap. 13 de S. João: "In sinu Jesu".

Encimam as armas eclesiásticas as insígnias ou ornamentos da liturgia cristã e que são, para os metropolitãos, o palio, a cruz de duplo travessão e o chapéu vermelho.

E' este guarnecido de cordões de seda da mesma cor, entrelaçados em losango, formando cinco ordens de borlas, quinze de cada lado.

O timbre heráldico, que encima os braços

atesta os graus da nobreza e constitue o "elan" da ascendência.

Nas armas dos prelados da Igreja não há timbre. E' que na única dinastia em linha reta — a que se estabelece pelo sacramento da ordem — a nobreza não é a do sangue, mas a do espírito.

Quando Cristo interrogou os apóstolos sobre quem era e por quem o tinham os homens, respondeu Pedro: "Tú es o Cristo, filho do Deus vivo" — Disse, então, Jesus: "E' feliz, Simão, porque não foi a carne nem o

sangue que to revelaram, mas meu pai, que está nos céus" lançou, então, os fundamentos da hierarquia eclesiástica, que devia durar até o fim dos tempos: "Pedro, tú és pedra e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Aí está porque, nos braços pastorais de D. Jaime e D. Carlos, não aparecem o raposo de ouro, e a aspa carregada de flores de lis de ouro, timbres heráldicos de suas Casas.

E' tradição da Igreja, regulada por decretos dos S. Padres Inocencios X e Bento XV ligar o brasão da família aos ornamentos simbólicos da respectiva dignidade. A nobreza é tirpe de que descendem os novos cardeais do Brasil figura, destarte, nos atributos heráldicos de suas novas armas. ARMAS AS SINALADAS.

D. Jaime, Cardial Camara, do título de Santos Bonifácio e Aleixo. D. Carlos, Cardial Mota, do título de S. Pancrácio.

Tudo os irmana. Nasceram na última década do século passado, no século passado no mesmo mês. Exerçeram, ambos, as funções de reitor de seminário, de onde foram chamados para o episcopado. Um, bispo de Mossoró. O outro, bispo auxiliar de Diamantina. Promovidos, depois ao arcebispado ocuparam importantes e tradicionais sedes metropolitanas do norte do Brasil. Emigraram do sul para o norte, ao sul retornaram como arcebispos do Rio de Janeiro e S. Paulo.

Irmãos pelos mais árduos e proficuos labores apostolicos, um, D. Jaime, empunhou uma flamula sagrada: "Vim trazer o fogo" — O outro, D. Carlos, abrasou-se na caridade para reclinar-se, como o discipulo amado "sobre o peito do Mestre".

Irmanam-se SS. Emílias. pelos seus antepassados illustres.

O avô paterno de D. Jaime, Francisco Xavier de Oliveira Camara, seguiu a carreira das armas e foi condecorado por bravura nas guerras da Cisplatina.

O bisavô paterno de D. Carlos, José Teixeira da Fonseca Vasconcelos, foi agraciado com o título de Visconde de Caeté e prestou relevantes serviços á causa da independência nacional.

Traz D. Jaime, no sangue, a tesura da morgadia dos Camara e a tenacidade dos Raposos brasonados. Tem D. Carlos, nas veias, autentico sangue bandeirante. Coincidem três de suas cores heráldicas: vermelho, prata e ouro.

Eis os novos Cardiais do Brasil. Guardiões da fé, apóstolos do bem, fidalgos e illustre estirpe.

Reveste-os uma tunica mais nobre que cota d'armas: a purpura da eminente dignidade cardinalicia.

Homens de Deus vinculados á Pátria, conduzi-la-ão o mais altos destinos.

HISTORIA RESTROSPECTA DO NOVO CARDEAL-ARCEBISPO

Padre Ivo havia se retirado para ver D. Jaime já estava pronto. Quando ele voltou á ante-camara, olhávamos ainda as armaduras do novo cardeal, lembrando-nos da descrição do conego.

Perguntamos ao padre Ivo algo sobre a historia de D. Jaime. Improvisando-se biógrafo, o sacerdote nos conta de improviso toda a vida do titular, numa síntese rapidissima e preciosa:

— D. Jaime nasceu em São José, no Estado de Santa Catarina. E' filho de Joaquim Xavier de Oliveira Camara e de d. Ana Barros Camara.

— Fez os seus primeiros estudos no Ginasio Catarinense, revelando-se ali um aluno exemplar, sobressaindo-se dentre os de-

PRESIDINDO A UMA AUDIENCIA — Na sala do trôno do palacio São Joaquim têm lugar periodicamente as audiências publicas concedidas por D. Jayme. S. Eminencia, durante estas reuniões, senta-se no trôno encimado pelas suas armas. Os seus pés repousam sobre a almofada de veludo verde, que contrasta com o vermelho purpurino do estofo do trôno. A cadeira cardinalicia fica sobum docel de veludo negro, bordado em cores vivas.



tanto pelo seu espírito de obediência aos rigores da disciplina, quanto por seu apego aos estudos, a que se dedicava com um amor raro num jovem de sua idade.

— Do ginasio, passou o jovem Jaime de Barros Camara para o Seminario de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, aonde o chamavam a sua vocação para o sacerdocio e as suas tendencias catolicas.

— Após um curso brilhantissimo, foi sagrado sacerdote a 1 de janeiro de 1920. Voltou então ao seu Estado, já no exercicio de suas funções sacerdotais, como coadjutor da parouquia de Tijucas. Pouco depois era nomeado capelão do Hospital de Caridade de Florianópolis.

— Passou-se algum tempo e ei-lo feito cura da Catedral de Florianópolis, onde o seu zelo e dedicação mais ainda se evidenciaram.

— Em 1929 era investido no canonicato e no mesmo ano designado para Reitor do Seminario de Azumbuja. Também como educador e dirigente de um estabelecimento de ensino religioso, mostrou-se D. Jaime um perfeito conhecedor da difficil arte magisterio, conseguindo fazer de alunos possuidores de vocações primarias, grandes sacerdotes catolicos.

— Creada que foi a diocese de Mossoró, no Rio Grande do Norte, em 1935, foi ele nomeado bispo, sagrando-se a 2 de fevereiro de 1936 e tomando posse do cargo a 26 de abril do mesmo ano.

— Começa então a vida de administrador do prelado. Como bispo, foram fecundas e arrojadas as suas obras. além das obras sociais de grande monta por ele feitas realizar em Mossoró, soma-se ainda aos seus inestimaveis serviços a construção do Seminario daquela cidade.

— Vagou-se a cadeira de arcebispo de Belém do Pará. Levando em conta o brilhante trabalho de D. Jaime em prôl da Igreja, o Papa nomeou para a arquidiocese. A promoção deu-se a 18 de setembro de 1941. E, a 1 de janeiro do ano seguinte, D. Jaime punha sobre sua cabeça a mitra arcepiscopal.

— Em 3 de julho de 1943, tendo morrido D. Sebastião Leme, foi o novo prelado transferido para a Arquidiocese do Rio de Janeiro, em substituição ao saudoso cardeal.

— Assim, em 12 de setembro de 1943, chegava ao Rio D. Jaime de Barros Camara, que tomava posse do governo da Arquidiocese dois dias depois.

— No dia 1 de fevereiro de 1946, por decreto de SS. o Papa Pio XII, foi ele creado cardeal, com o titulo dos Santos Bonifacio e Aleixo.

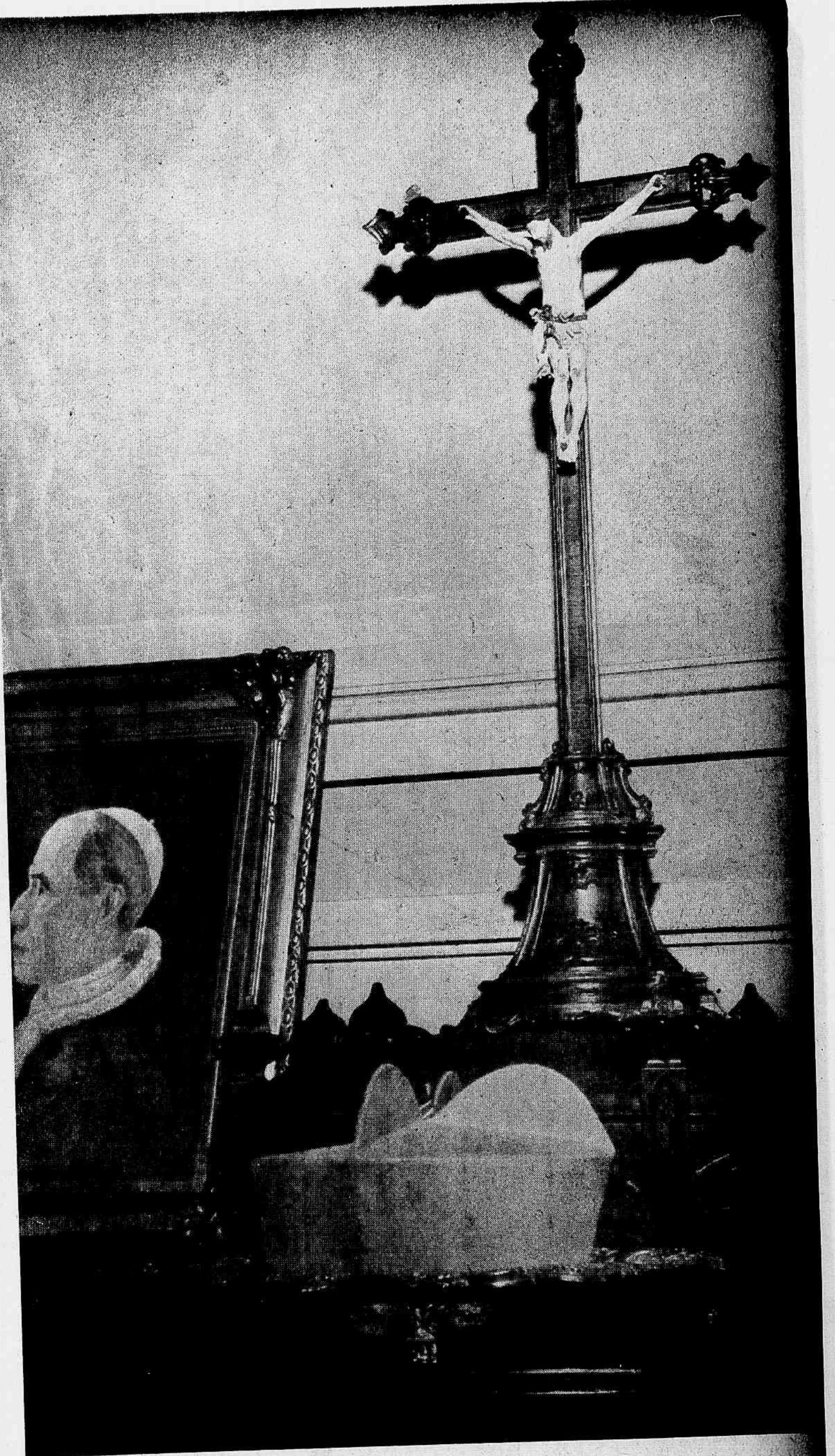
— Embarcando para Roma, recebeu ali, das mãos do Santo Padre, o barrete e o chapéu cardinalicios, regressando ao Brasil depois de haver, posteriormente, tomado posse do titulo.

O CHAPÉU CARDINALICIO

Nunca viramos um chapéu cardinalicio. Este foi um dos motivos pelos quais se aguçou nossa curiosidade em torno daquele simbolo do poder espirítual, que tem aparecido em toda a Historia da Igreja Romana, através dos seculos, cobrindo a cabeça dos mais famosos prelados.

Foi um desses chapéus que comandou a politica francesa, enfentando a cerviz privilegiada de Richelieu. Foram êsses chapéus que aparecem sempre, nas côrtes e nos castelos, desde os tempos das cruzadas aos tempos dos grandes descobrimentos.

Era á sombra desses chapéus que principes e cortezãos se abrigavam, contra os temores da Justiça Divina e contra o perigo das revoluções. Nenhuma providência de vulto se tomava nas grandes nações europeias, sem que fôssem consultados os portadores dos chapéus cardinalicios. Nenhuma manobra politica de importancia era realizada,



O BARRETE — O chapéu cardinalicio é mais uma insignia honorifica que mesmo um paramento. Em quase todas as ocasiões, o principe da Igreja usa esse barrete vermelho como um distintivo de sua autoridade. Também a entrega deste simbolo se reveste de grande solenidade. E, por observancia aos principios de liturgia, o barrete está sempre guardado numa salva de prata, na ante-camara da sala de audiencias.

sem que apparecesse por traz dela a sombra das abas de um desses chapéus.

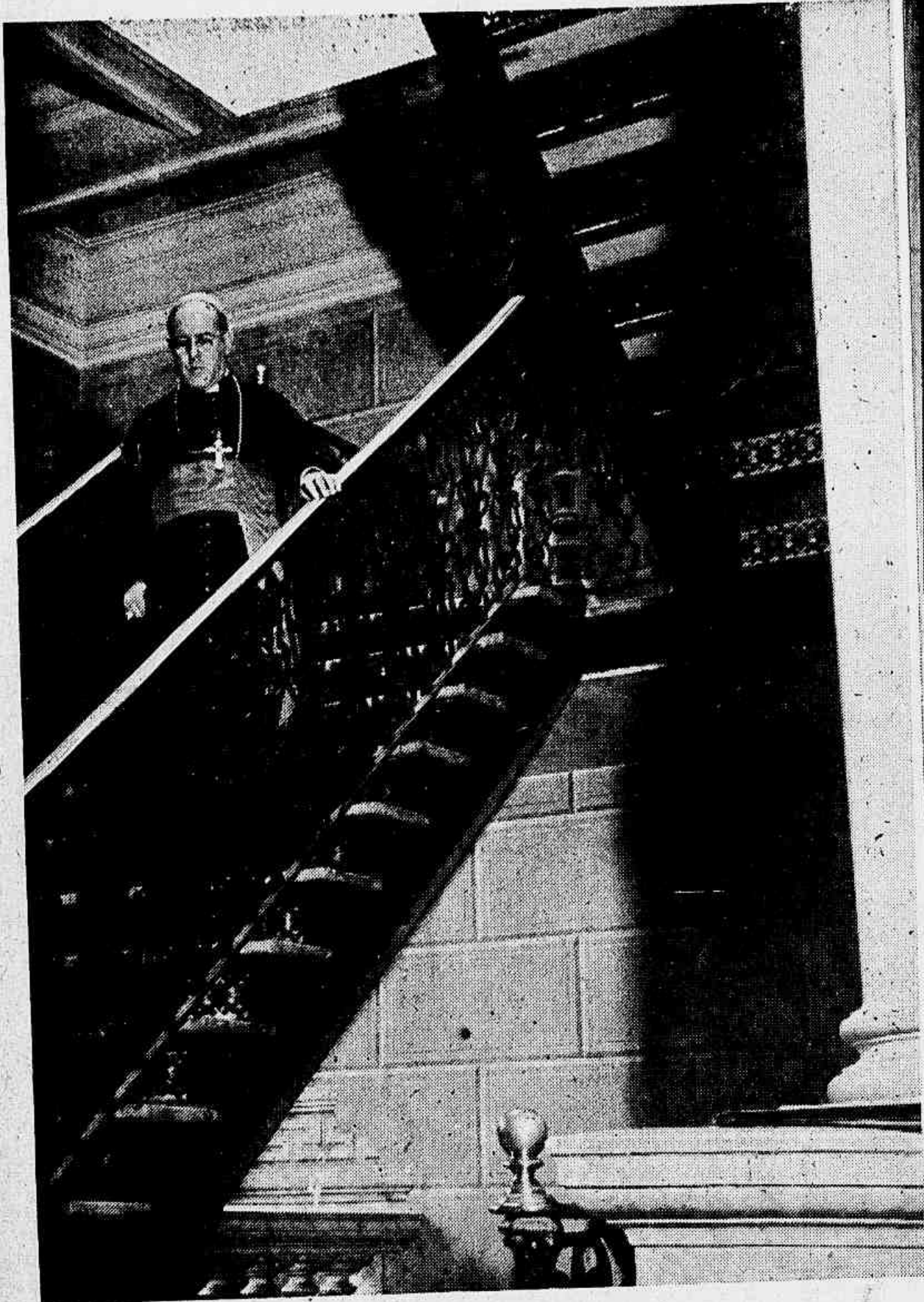
Mas, em verdade, ainda não tinhamos até o momento em que entramos no palacio São Joaquim visto de perto um chapéu cardinalicio, de cuja forma e cor tinhamos noticia apenas através da leitura e do cinema.

Não tivemos duvida pois em pedir ao padre Ivo que nos mostrasse aquêla insignia tradicional, á cuja sombra, pelos séculos em fora, se fundaram imperios e se derrubaram tronos.

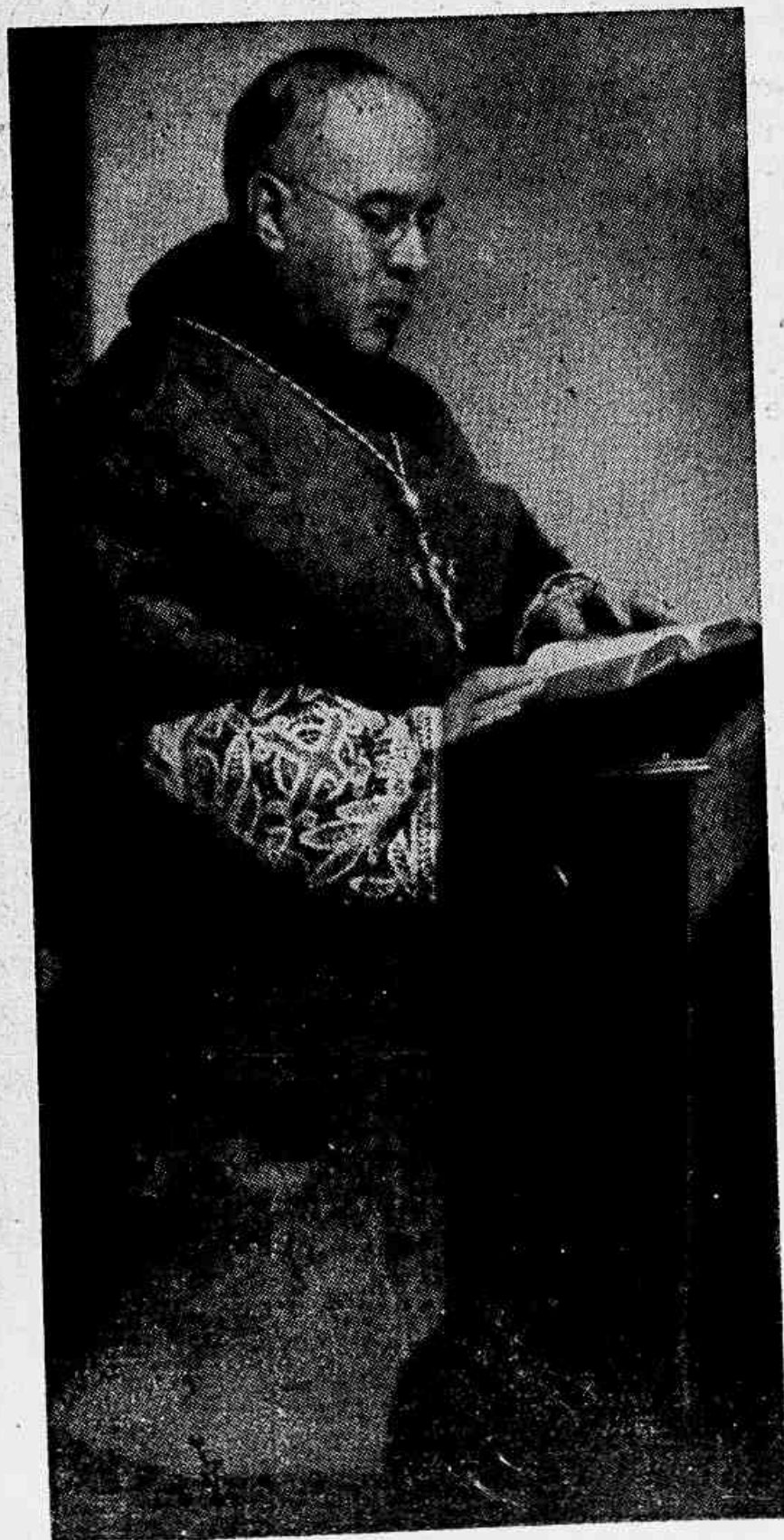
O clerigo se dirige aos aposentos particulares de D. Jaime e volta pouco depois trazendo uma grande caixa circular de papelão vermelho.

Aberto o estojo sobre um sofá, aparece o se lhe assemelhasse. Era um chapéu redondo, grande chapéu.

Até então, nunca haviamos visto nada que com uma copa diminuta, de menos de oito centimetros de alto, plantada no centro de uma aba enorme que atingia a mais de meio metro de diametro.



EM CASA DO CARDEAL — Existem no palácio São Joaquim duas bibliotecas. Uma destinada somente aos livros religiosos e outra onde se colecionam as obras profanas indispensáveis à formação da cultura dos sacerdotes que trabalham na casa. Também D. Jayme de Barros Camara se serve desta, para consultas de livros filosóficos, leitura de grandes autores. Na foto da direita aparece o novo príncipe da Igreja escolhendo na estante um volume de uma das enciclopédias que fazem parte da grande coleção do palácio. A esquerda, o cardeal-arcebispo desce para o almoço, atendendo ao chamado da sineta. No palácio arcebisposal, como nos mosteiros, badaladas da pequena campana, presidem a todos os movimentos da coletividade que ali reside.



Toda a sua coloração era uniforme e viva, de um vermelho purpurino e carregado.

Alem da jugular enorme, que se prendia em dois nós juntos às bordas da aba, havia ainda outro suplemento, uma franja pendente em forma de rede, toda tecida em seda vermelha.

APENAS UM SIMBOLO

Julgando aquele chapéu um pouco em desacordo com o nosso clima tropical, perguntámos a padre Ivo se S. Eminencia sempre o trazia consigo.

O secretario do cardeal nos explica então amavelmente:

— Muito raramente este chapéu é usado. Ele é mais um simbolo, que propriamente um paramento. S. Eminencia se cobre com ele apenas nas cerimoniais mais solenes, quando também enverga o manto de arminho característico dos cardeais. O chapéu é posto por cima do capuz do manto e preso sob o manto com a jugular.

— E estas franjas? — perguntamos:

— Elas são um complemento, por assim dizer, insignias cardinalicias. Caem sobre os paramentos, e só são usadas com o chapéu.

— E nas cerimoniais de menor significação, qual o chapéu usado pelo cardeal?

— Este barrete — prossegue o padre apontando-nos um chapéu vermelho de três abas semicirculares sobre a copa. — Também o

barrete é um simbolo das atribuições do cardeal. Mas, ao contrario do que acontece com o chapéu, é uma peça comoda, que pode ser colocada sobre a cabeça com qualquer facilidade.

— E também ele só é utilizado nas grandes cerimoniais?

— Não. Dêle se serve o cardeal para presidir a qualquer ato religioso. Outra originalidade deste barrete é que ele nunca se usa sem a salva de prata, a não ser para que S. Eminencia se utilize dêle. Segundo uma antiquíssima tradição da igreja, os barretes cardinalicios devem ser guardados sempre na ante-câmara da sala de audiencia dos cardeais.

S. EMINENCIA, O CARDEAL D. JAYME DE BARROS CAMARA

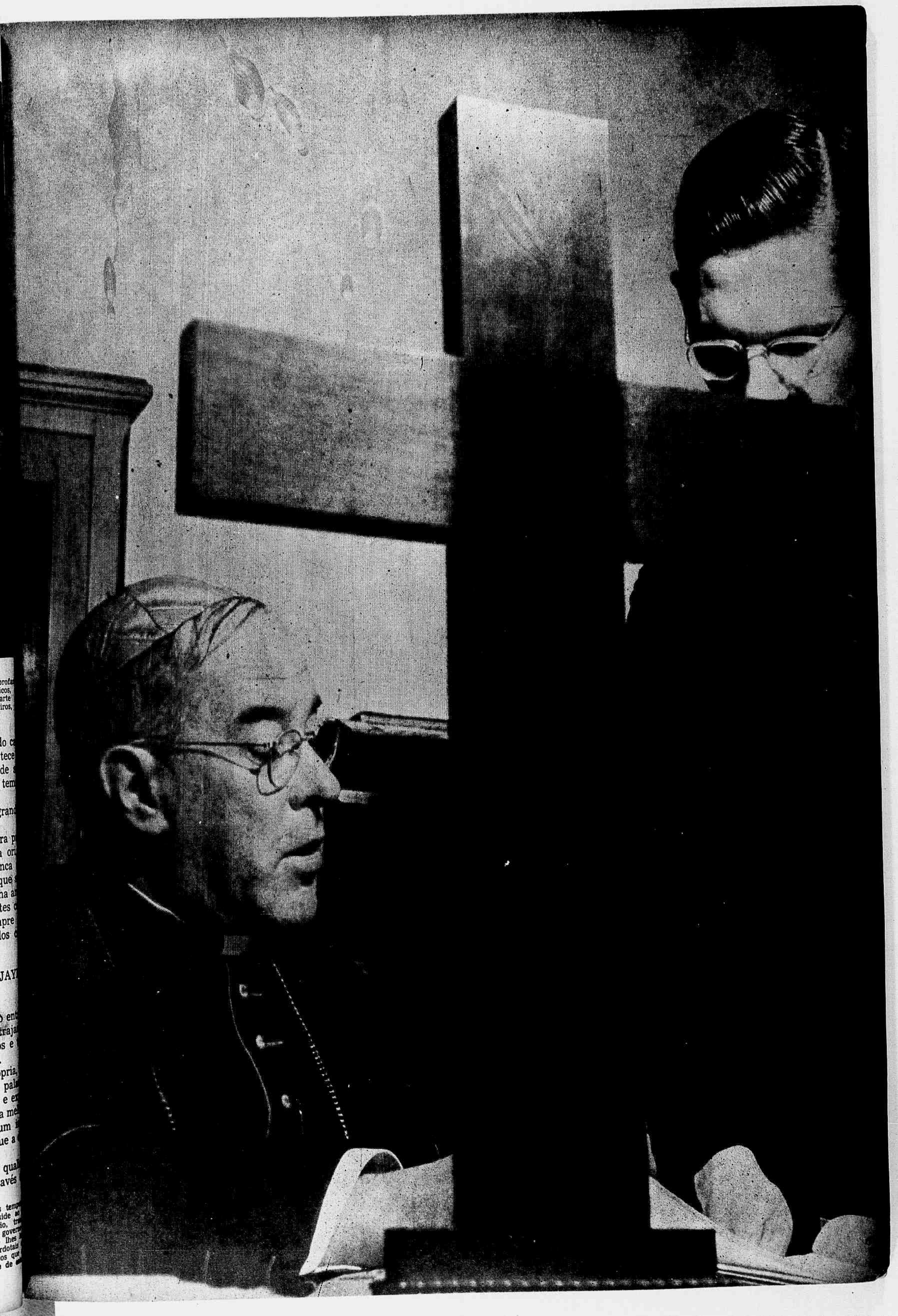
Estava a conversa neste pé, quando entramos na sala D. Jaime de Barros Camara, trajado com uma batina negra de debruns rubros e usando á cabeça um simples solideo.

Com uma amabilidade toda propria, S. Eminencia conduziu-nos por todo o palácio mostrando-nos as suas dependencias e explicando a finalidade de cada peça. Nada mais interessante para definir um homem publico, um intelectual ou qualquer figura illustre, que a organização de sua casa.

Assim, pudemos analisar todas as particularidades do novo cardeal brasileiro através

A ORAÇÃO — Em Roma, o príncipe da igreja resava a um canto da Capela Sixtina. Um fotografo que convemos D. Jayme de Barros Camara ajoelhado aos pés seguiu a entrada no templo fixou este flagrante, no qual da imagem de Cristo, orando com o livro aberto sobre o genuflexorio, como qualquer outro cristão.

AS ORDENS — D. Jayme, em suas funções temporarias, O cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro preside o vasto principado. Padre Ivo, seu secretario, trata varios papeis relativos á administração e ao governo da arquidiocese de São Sebastião, para que ele lhes dê sua assinatura. Não fossem as vestes sacerdotais, a cruz que aparece em primeiro plano, diríamos que o flagrante fora feito no gabinete de um chefe de





salas onde êle recebe a todos, desde os mais ricos aos mais pobres, as suas bibliotécas, os seus quadros, as plantas de seu jardim.

Queríamos fazer uma fotografia de D. Jaime orando. Vimos então, de frente com uma negativa cortez, o quanto é grande o seu sentimento religioso, suceptível a qualquer ação, por infima que seja, que possa ao menos de longe ferir a linha de humildade cristã, sempre mantida pelos verdadeiros e sinceros principes da Igreja.

O cardeal deixou-se fotografar, prontificou-se a nos responder a todas as perguntas, mas insistiu em que não o retratássemos no momento em que elevasse a sua voz ao Todo Poderoso.

Levou-nos entretanto S. Eminencia a todos os recantos do palacio São Joaquim, mostrando-nos, de principio, as duas grandes bibliotécas da casa.

Destas, uma é destinada unicamente ás colleções de obras religiosas, onde não só o cardeal, como muitos padres e mesmo leigos interessado nos assuntos religiosos têm ido buscar conhecimentos indispensáveis á elaboração de ensaios, ou aos simples estudos de teologia e liturgia catolicas.

A outra bibliotéca, onde se guardam as obras profanas, não é menos numerosa nem menos consultada. Ali, passa D. Jaime de Barros Camara horas inteiras, buscando enriquecer a sua já vasta cultura geral.

Passamos os olhos pelas estantes. Teorias e doutrinas enfileiravam-se nas prateleiras repletas, designadas por lombadas vistosas de volumes grossos. De Descartes a Galileu, de Pascal a Einstein, todos os conhecimentos humanos estavam expostos ali, como a atestar o alto interesse do Cardeal-arcebispo pelas coisas do saber.

AO TOQUE DA SINETA

Agora atravessamos um corredor extenso. Iamos ter ocasião de presenciar a abenção de um calice, oferecido á D. Jaime por uma congressão religiosa do Rio de Janeiro.

Ouvimos porém ao longe, um toque de sineta. E o cardeal então, com um sorriso nos labios, se desculpa delicadamente:

— Sinto que o senhores não possam assistir á benção. Mas quando toca essa sineta, nada mais posso fazer. E' a hora do almoço. Se eu almoçasse sosinho, não me importaria de que a refeição me esperasse. Mas tenho sempre varios padres que trabalham aqui na casa como meus comensais. De modo que não posso faze-los esperar.

E dizendo isto, o cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro se encaminha para o refeitório. Não quizemos importuna-lo por mais tempo. Despedimo-nos e ganhámos a rua.

E, pela rua, viemos refletindo nas obrigações que os deveres religiosos impõem aos sacerdotes:

Para prova-lo, aí está um cardeal, principe da Igreja, cuja vida é governada pelo toque de uma sineta.

O ANEL SIMBOLICO — A mão de D. Jayme ornada com o anel heráldico dos cardeais. Esta insignia foi recebida das mãos do Santo Padre. E' um anel original que aumenta e diminue para que o prelado possa usar por cima da luva.



ARTES PLASTICAS

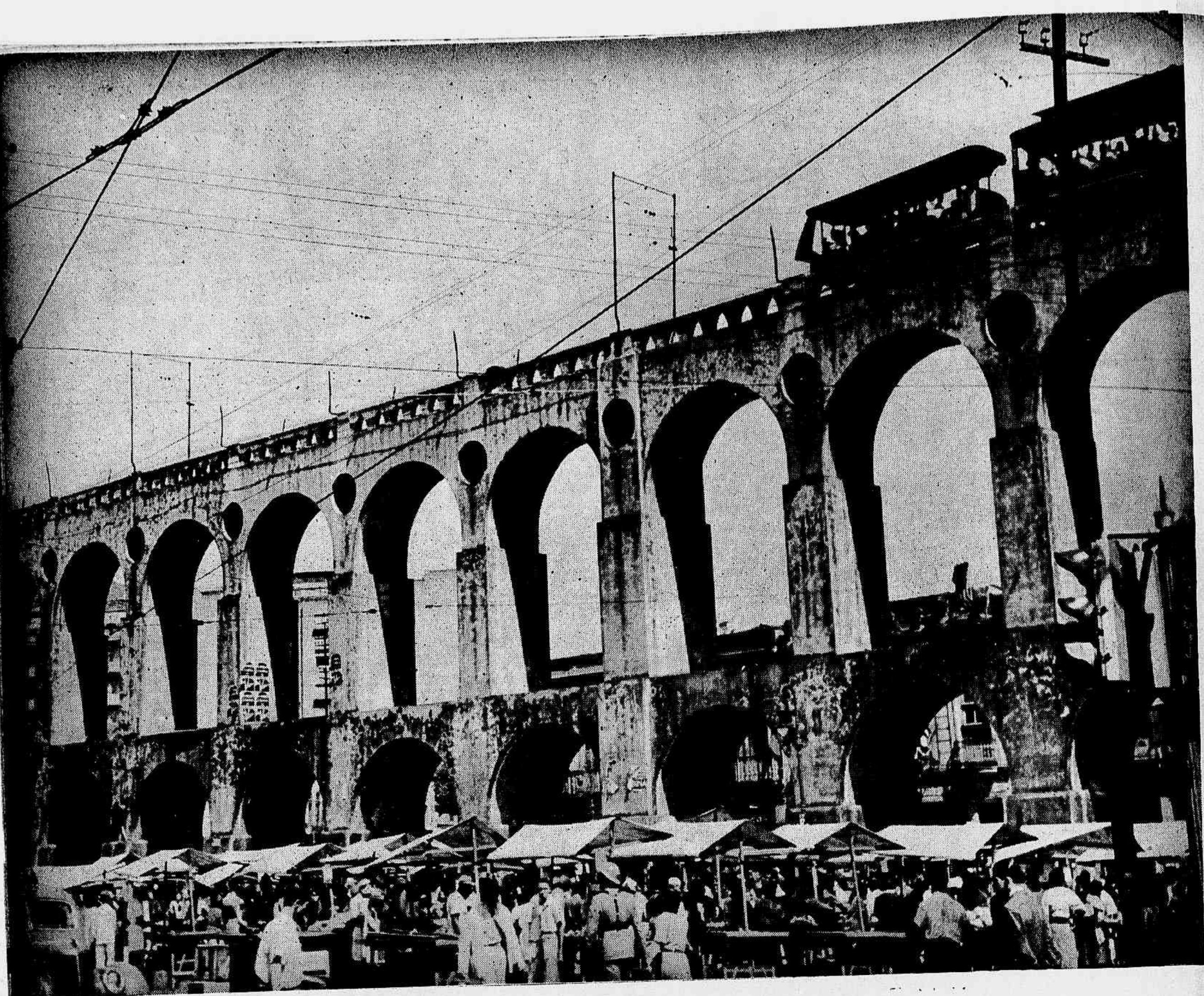
Acha-se aberta ao publico, no salão nobre do Palace Hotel, desde o dia 1 do corrente, a exposição de oleos do pintor português José Maria de Almeida. Radica no Brasil, onde reside ha mais de vinte anos, José Maria de Almeida tornou-se um dos mais fiéis reprodutores das nossas paisagens, que compõe grande parte de sua obra numerosa.

A exposição deste artista têm tanto maior significação, quanto se sabe que ela é uma preliminar de grande mostra de oleos que êle brevemente levará a Portugal, onde deverá expôr os seus magnificos trabalhos baseados em motivos brasileiros.

A motra do Palace Hotel apresenta uma grande variedade de paisagens de varios estados brasileiros, marinhas, motivos ouropretanos e a pintura de um flamboyant, que é uma das mais perfeitas obras de José Maria de Almeida.

Nesta página aparecem: Ao alto, uma paisagem do artista luso. Em baixo, o artista ao lado de um dos quadros expostos no Palace Hotel.





ACONTECEU NO RIO



Morreram nas ruas povoadas de filas as vózes alegres das fanfarras. Murcharam as flôres viçosas nas grinaldas singelas dos lares pobres. Os heróis se perderam no anonimato das multidões infelizes.

Quando êles se foram, deixando os pagos bravios dos sertões agrestes, descidos das montanhas de Minas e saídos das savanas cearenses, falaram-lhes de glórias, de um mundo melhor que iriam construir lá fóra, sobre a neve dos Apeninos, alicerçado pelo seu sangue e seu sofrimento.

E êles partiram, levando no peito a ansia do triunfo, e na bandeira o fôgo da liberdade. Lutaram bravamente, curtiram o frio e as amarguras das terras da Itália sempre contentes e felizes, pois sabiam, como ainda sabem, que é preferível morrer de pé a viver ajoelhado.

Depois voltaram. A cidade os recebeu com flôres e músicas. O povo agradecido os ovacionou pelas ruas largas que o sól democrata do Rio de Janeiro enchia de luz para receber os pracinhas do BRASIL. E êles esperaram pelo mundo melhor. Mas murcharam-se as flôres, ensurdeceram as fanfarras. E de tudo nada mas restou que um punhado de rapazes tristes e desiludidos á procura de emprego, e um branco cemiterio em pistóia. Nem uma estatua, nem um hino, nem um poema.

Mas agora, a Municipalidade se lembrou de homenagear os nossos pracinhas. Na praça dos Arcos, apareceu preso a um dos pilares do viaduto uma placa que diz: "Largo dos Pracinhas".

Esta foi até hoje a única homenagem prestada pelo Rio de Janeiro aos seus heróis.

Para estarmos em dia com a filosofia popular, podemos repetir agora: Homenagem que já veio tarde.



ÉRA UMA VEZ A COMIDA DE COLHER — Nada se pôde assemelhar ao tamanho deste pão microscópico, que parece ter sido fabricado por algum forneiro de Liliput. Antigamente, corria pelo Brasil uma anedota que falava de um freguez que havia mandado o padeiro colocar o pão pelo buraco da fechadura. Se ainda existissem hoje fechaduras usadas naquele tempo, o pão poderia facilmente entrar em casa dos consumidores por esse caminho. E a "blague" popular não seria mais que uma trágica realidade.

DESESPERO E DECEPÇÕES NAS LONGAS FILAS — CHEGA TRIGO A SÃO PAULO, MAS A FARINHA NÃO APARECE — UM PÃO QUE NÃO ALIMENTARIA UM HABITANTE DE LILIPUT

O PÃO DE APÓS GUERRA

AUSENCIA — Nas vitrines das padarias, apenas as moscas famintas esvoaçam, numa ânsia inútil e buscas baldadas. Nem uma migalha restou para elas. Rolos de barbante e pedaços de papel mostram a impraticabilidade dos embrulhos de pão.

"O pão nosso de cada dia, nos dai hoje"...

A frase saiu da igreja pobre, invadiu a ruasinha do suburbio e, dentro da névoa da madrugada plumbea, tomou conta da cidade. Entrou pelos lares recém-acordados, penetrou nas padarias vasias. Milhões de bôcas entoaram em cântico a préce comovente. Era um apêlo último ao Criador de todas as coisas, já que haviam fracassado todas as súplicas aos mortais poderosos.

Mas, dentro da madrugada úmida, a voz se perdeu no borborinho das multidões apressadas que disputavam um lugar na última fila. E a súplica angustiosa foi-se dissolvendo nas conversas murmuradas a medo nas caudas intermináveis. Só ficou, de tudo, uma verdade alarmante, que o letreiro posto numa porta anunciava: "Não ha pão".

CONVERSA NA FILA

Na fila extensa, mulheres de mantilhas, crianças descalças e velhos maltrapilhos esperavam a vêz. Foi então que os dois homens





MATERIAL PARA ESTUDOS MICROSCOPICOS — Se isto fôsse contado com palavras, era justo que ninguém acreditasse. Mas por mais incrível que pareça, este pão foi mandado á casa de um freguês, num saco de papel, que continha mais quarenta e nove unidades do produto, pouco maiores. Cada uma delas custou um tostão. Al estão, para provar a veracidade do fato, duas fotografias do pão microscópico de dez centavos, comparado com um relógio de pulso pequeno e colocado dentro de uma caixa de fosfóro.



se encontraram. Trocaram um cumprimento como se fossem já conhecidos de muitos anos, e começaram a conversa:

— Não acredito nesse negocio de falta de trigo. Seria coincidência demais. Bastou vir o tabelamento do pão para faltar o trigo. Isto está me cheirando a sabotagem.

— Mas é preciso notar que falta mesmo o trigo em toda parte. Na Rússia, a política do retrocesso militar com a terra abraçada destruiu quase todas as searas de leste. E o avanço de inverno não deixou que os alemães as replantassem. O pouco trigo da União Soviética mal dá para o seu consumo e para a UNRRA.

— Mas ha outros produtores de trigo.

— Haver, há. Mas estão todos exaustos. Vêja por exemplo o Canadá. Faltam braços para lavoura. Não é qualquer neófito que maneja com eficiencia uma segadeira mecânica. Além disso, o trigo que lá se colhe vai também alimentar os famintos da Europa.

— E se pensassemos na Argentina? — ariscou o interlocutor timidamente.

— E' o que temos a fazer. Li ainda ontem um telegrama, segundo o qual chegaram a São Paulo dezenove mil sacas de trigo. Já é alguma coisa. Mais grão está sendo embarcado em Buenos Aires. Parece que agora a coisa vai melhorar. Eu tenho esperanças.

PÃO DE BÓLSO DE COLETE

O outro homem coçou a barba de dois

dias, levantou mais a gola do paletó. Caia uma chuvinha fria e ele não trazia guarda-chuva. Deu um suspiro pessimista e retrucou:

— Pois eu acho que isto não melhora. A falta de trigo não me parece uma causa e sim um pretexto. Não posso crêr que as coisas se resolvam assim tão facilmente, enquanto as soluções dos problemas dependerem da honestidade dos comerciantes. Para mim eles são os culpados de tudo.

Fêz-se ouvir de novo a voz do economista amador:

— Mas se o Governo levar a cabo uma campanha energica contra a especulação, pode-se resolver tudo facilmente. Bastaria uma fiscalização rigorosa da mercadoria em "stock".

— Não adianta, meu amigo, tudo ficaria na mesma. Além dos lucros extraordinários dos comerciantes, teríamos que pagar mais uma gratificação a um fiscal. E o pão continuaria ausente, enquanto o trigo aguardasse a valorização na sombra dos armazens.

O economista calou-se. Acendeu um Hollywood, puxou a ombreira do impermeável e encolheu-se mais debaixo do guarda-chuva.

O outro prosseguiu:

— Mas o fato é que este estado de coisas não pode continuar. E' uma vergonha para o próprio país. Ainda ontem, uma vizinha comprou cinco cruzeiros de pão para "sandwich". Entre outras unidades, que não che-

GINASTICA OBRIGATORIA — Todas as tardes, os que querem comer pão são obrigados a permanecer durante horas seguidas nas filas imensas que marcam agora a entrada de todas as padarias da cidade. Este flagrante foi feito na Lapa, onde o pão está sendo distribuido com maior fartura. Nos bairros mais afastados da zona sul e nos suburbios, notam-se filas dez vezes maiores que esta. E o pão ali conta-se por dez vezes menos. Os que conseguem lugar no fim das "bichas", muito raramente são satisfeitos. E ficam mesmo sem pão. Senhor deus dos desgraçados, até quando continuará essa calamidade?

ACUCAR, SUBSTANTIVO ABSTRATO — Outro amigo nosso de todos os dias que desapareceu de circulação, foi o açúcar. Nas mesas dos cafés, os açucareiros vazios mostram que não se pôde tomar mais a consoladora rubiacea. E a vida amarga do cidadão carioca continua a se desenrolar sob o letreiro que anunciou: "Não ha".



DÉDO MINDINHO — Na foto acima vemos outra vez o pão liliputiano, que não seria capaz de matar a fome daquele Dunga de "Branca de Neve". No entanto esse magnífico exemplar de "pão de bolso de colete" foi vendido a Cr\$ 0,10 para uma família de Botafogo. Comparado com um charuto do tamanho pequeno, ele nos revela toda a sua pequenez. E, se o puséssemos na mão espalmada, veríamos que ele não atingia o comprimento do dedo mínimo.

A ÚLTIMA FILA — Criada pela escassez de gêneros alimentícios e pela ganância dos comerciantes inescrupulosos foi a "bicha do pão", que desde a semana passada se estende pelas portas das padarias vazias. Os que estão na frente mostram-se alegres, pois sabem que o seu sacrifício será recompensado com algumas gramas do produto. Para os que ficam atrás entretanto, nenhuma esperança resta. Após a longa espera, volta para casa com as mãos abanando.



gavam ao tamanho de um dedo médio normal foi mandado no pacote um pão microscópico, que ela tem guardado numa caixa de fosfóros.

— Numa caixa de fosfóros?

— Sim. Mas para que o pão não se estrague ao balançar, ela encheu o espaço vago da caixinha com chumaços de algodão.

— Sim senhor!

— Pois é isto. Dizem agora que falta o trigo. Mas se nos resignássemos a pagar o quilo de pão a oito cruzeiros, a farinha apareceria mesmo com toda a falta de grão. Foi isto o que aconteceu com o bacalhau, o mesmo sucedeu com a aveia, com o azeite e com todos os produtos de importação.

— Mas levemos em conta que nos próprios centros produtores, escasseiam hoje estas mercadorias.

— Não digo que não. Mas em qualquer parte do mundo, se qualquer quantidade de um determinado produto é levado ao mercado, o seu preço é, senão barato, pelo menos razoável.

Estava neste pé a conversa, quando a fila se dissolveu. O empregado da padaria gritara da porta que o pão havia acabado. Os dois homens se retiraram de cabeça baixa, muito úmidos debaixo do mesmo guarda-chuva, irmanados pela decepção.

(Continua na página 58)

AS FORMIGAS

DUAS laminas de vidro e um pedaço de papel bem resistente formavam o curioso formigueiro. Uma multidão de bichinhos marrons se agitava e trabalhava ali dentro. O vendedor colocara um pouco de areia, onde as formigas haviam traçado galerias convergentes. No centro, havia uma, maior do que as outras quase sempre imóvel. Era a rainha, que as formigas alimentavam, com respeito.

— Elas não me dão nenhum trabalho, disse o vendedor. Basta depositar uma gota de mel por mês por esse orifício. Uma gota só... As formigas se encarregam de transportá-la e reparti-la elas mesmas.

— Uma gota por mês? perguntou a moça espantada. Uma gota para fazer viver todas essas formigas durante um mez?

Ela tinha um grande chapéu de palha branca, um vestido de mousseline estampada mangas curtas. O vendedor olhou-a, tristemente.

— Uma gota basta.

— Encantador, disse ela.

E resolveu comprar o formigueiro transparente.

★

— Você já viu as minhas formigas, querido?

Ela levantou o frágil formigueiro com os dedos muito brancos, de unhas pintadas. O homem que estava sentado ao lado dela admirou a nuca inclinada.

— Como você torna a vida interessante, querida! Com você, sempre se pode contar com alguma novidade. Há pouco tempo era Bach a mania. Agora, variou. E' um formigueiro.

— Olhe querido, disse ela com entusiasmo infantil. Vê essa formiga maior? E' a rainha... As outras a servem... Eu as alimento. Uma gota de mel por mês... Você calcula? Não é poético?

Ela se fazia mais infantil para agradá-lo. E ele contemplava-a, rainha incostestável.

— Meu amor...

★

No fim de oito dias, já o marido se cansara do formigueiro e ela procurava outra novidade. Colocou o formigueiro num canto. Esqueceu-se dele. Passado o mês, os bichos começaram a procurar sua gota de mel. Era triste ver os corpos amontoados, arquejantes das formigas morrendo uma após a outra, por falta de alimento. A rainha, contudo, foi a última a morrer, porque, até o fim, as formigas guardaram um pouco de mel que ela aceitava, comprando a vida com a morte de muitas outras.

Um dia, a moça reparou no formigueiro e viu as formigas mortas.

— Tire essa porcaria daqui, disse à criada.

O rosto mimoso teve uma expressão de repugnância.

Os pequenos corpos das formigas foram jogadas no lixo, com as patinhas voltadas para cima. A criada cobriu, depois, a lata com a tampa e a escuridão desceu sobre aquele tûmulo improvisado.

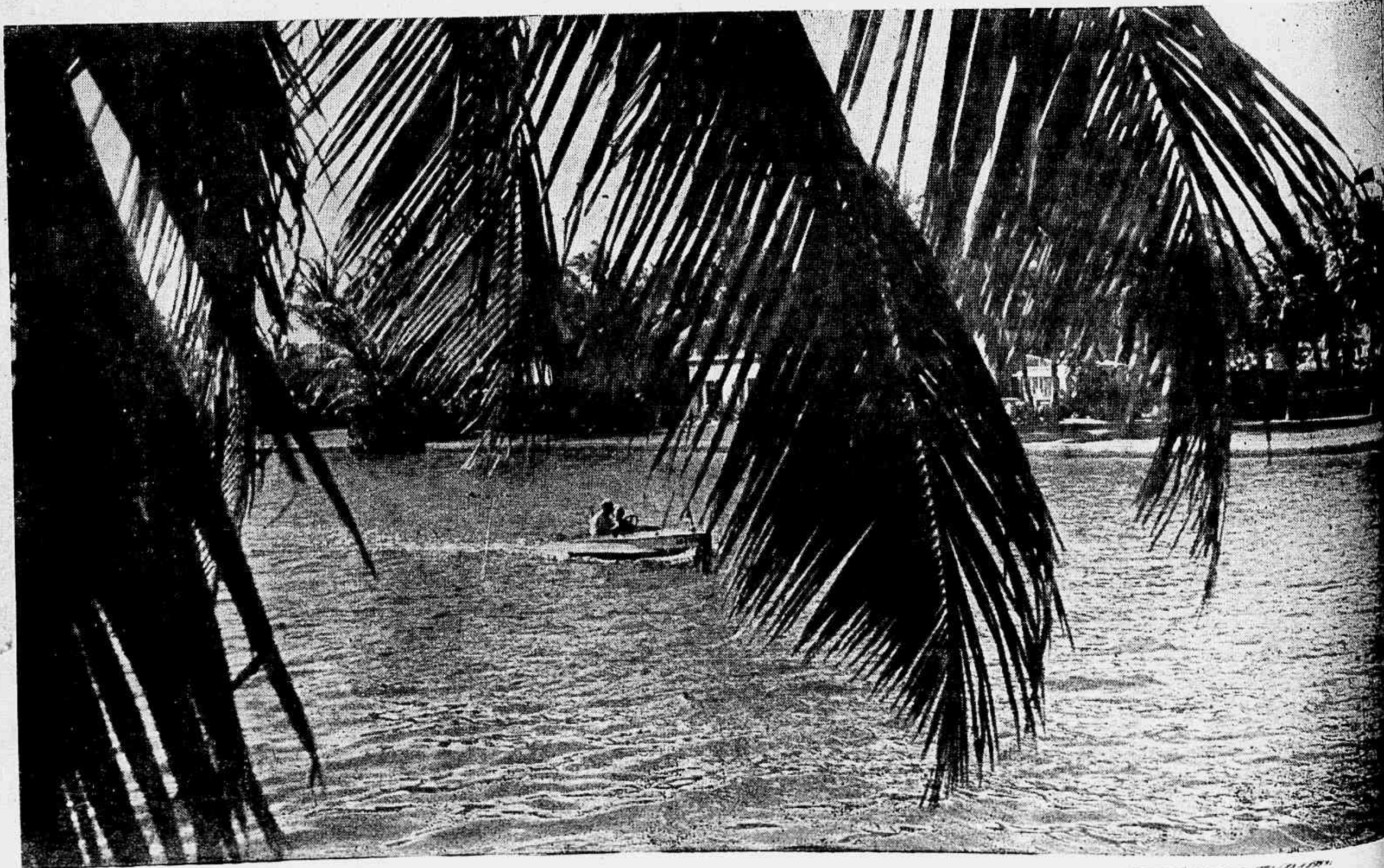
Apólogo de André Maurois



PRAIAS DE TIO SAM

Povo eminentemente desportivo, sabendo distribuir o tempo entre as obrigações do ganha-pão e os lazeres compensadores da vida, o norte-americano não dispensa a praia. É um escravo da praia. E mesmo vivendo em Nova-York, si tem recursos, fôge do inverno rigoroso de cada fim de ano, rumando para a Florida ou refazendo o espírito e os musculos na sua quieta mansão da California. Para onde dirigir seus passos, aí o deve esperar uma praia luminosa e clara, convidativa e amêna. Ele despe as roupas peizadas nova-iorquinas, cobre-se com o "maillô" de côres vistosas, acende o cachimbo, protêge a vista com um par de óculos enfumagados e estira-se na areia "bancando" o crocodilo, bebendo coca-cola, ouvindo contando as anedóias do dia. Vão vê-lo em Miami Beach ou em Long Beach, na Florida ou na California, alheios aos negocios os homens, indiferente aos raios caniculares as mulheres, e ambos tirando da vida o melhor partido que a vida poderá dar-lhes. São felizes porque conhecem o segredo de repousar. Fazem exercicio físico por obrigação e por prazer. Lêem pouco e não se interessam pelos "casos" internacionais. Quem falou em guerra em discursos inflamados no Capitolio de Washington, em oscilações cambiais? Nada importa quando o americano tirou férias e foi estender a carcassa na areia fôfa camarada da sua praia predilêta. Por isso as praias de Tio Sam vivem transbordantes de mulheres bonitas na sua ociosidade tranquila, e de homens que não se preocupam muito com o dia de amanhã — porque já o garantiram na vespera.

MIAMI BEACH, NA FLORIDA — praia escolhida por Winstor Churchill para suas recentes férias, onde o ex-premiêr britânica foi pintar suas têlas historicas, antes de ensaiar seus discursos também históricos. Praia dos milionários, ensolarada e clara, a preferida das elegantes damas da Park Avenue de Nova-York. Anualmente elas vão repousar em Miami Beach e tomar banho de sól até descascar a péle que os intitutos de beleza da 5.ª Avenida irão restaurar, mais tarde, por muito bom preço...

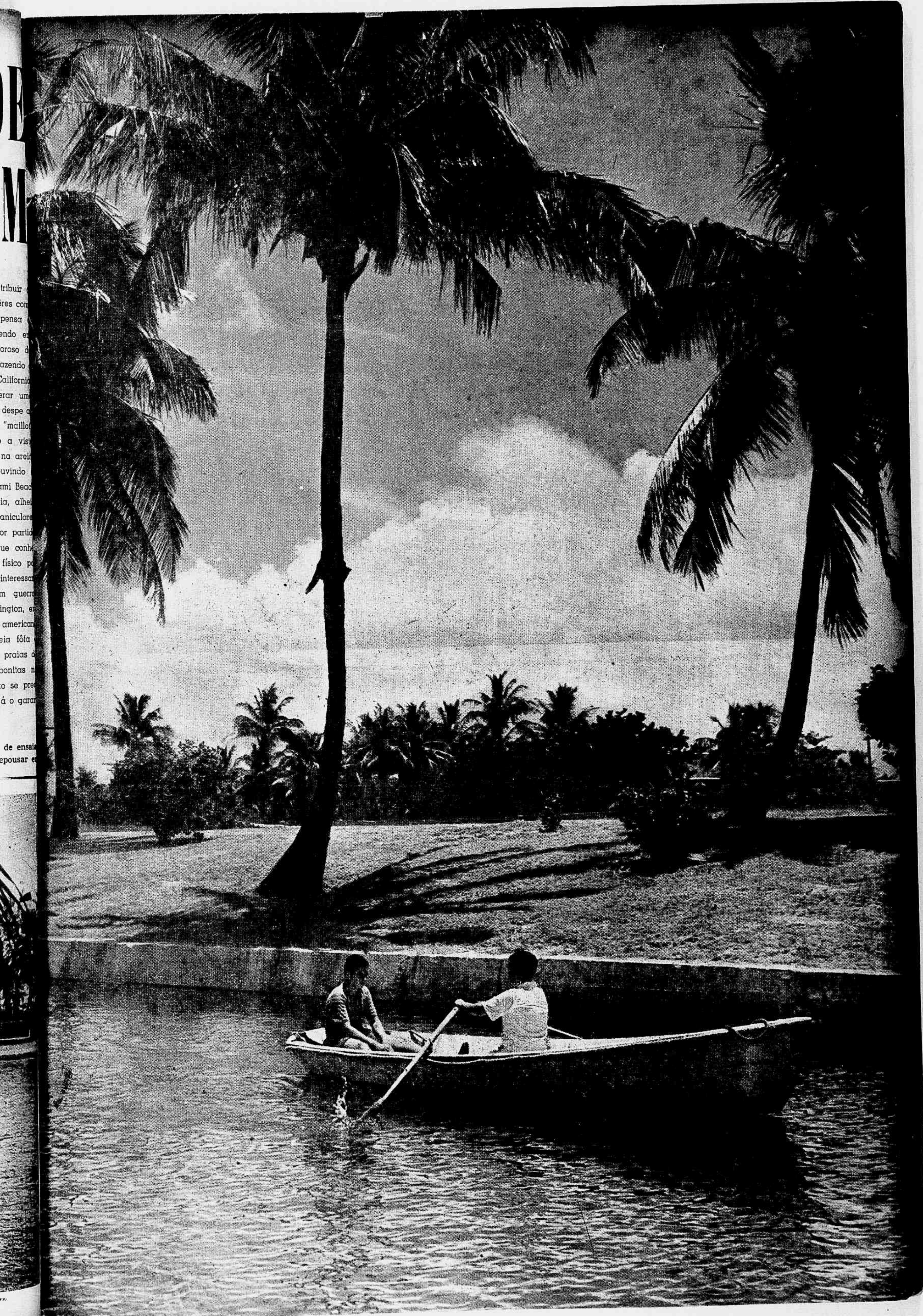


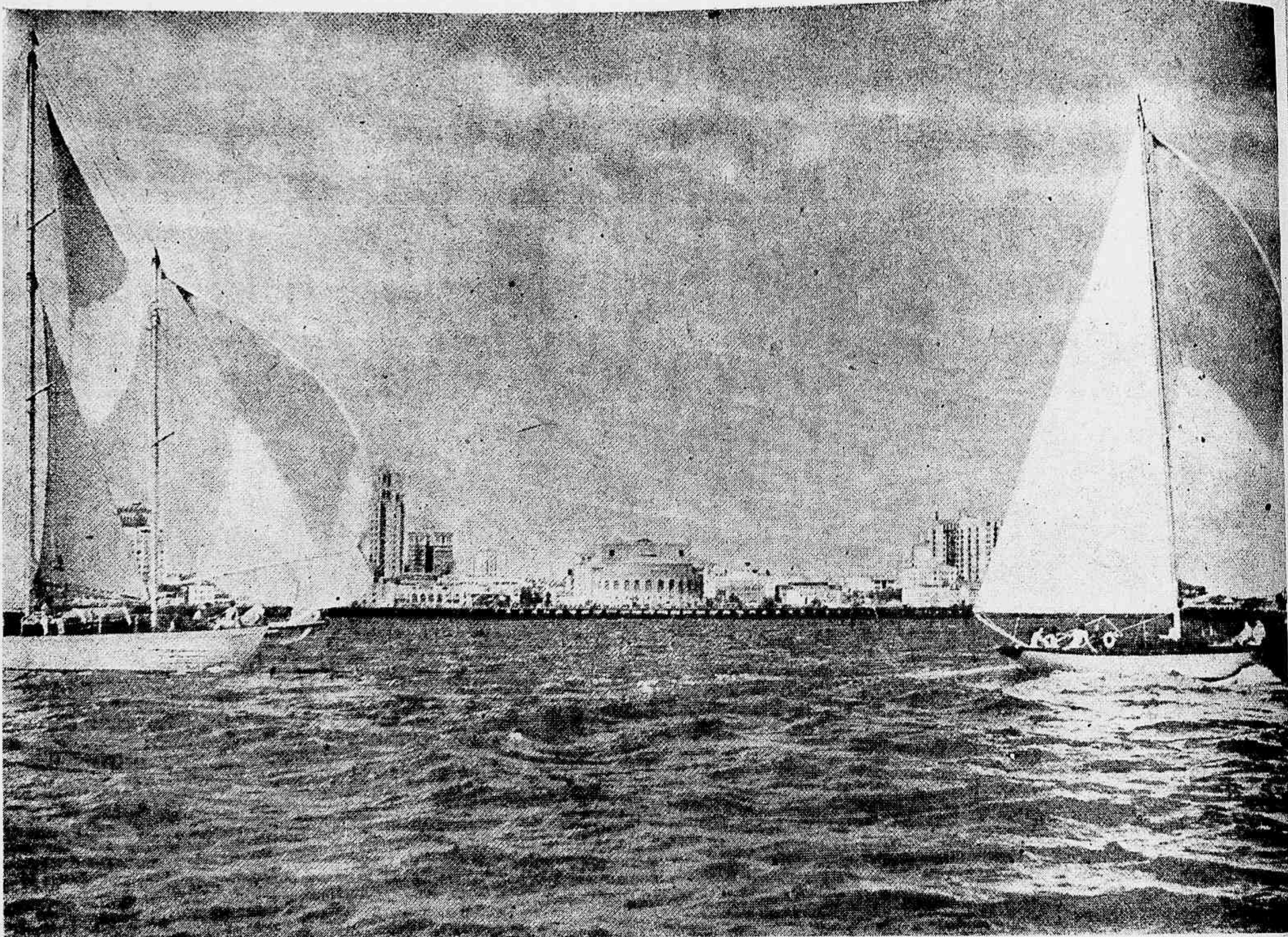
RE
M

tribuir
res com
pensa
endo et
oroso d
azendo
Californi
erar um
despe a
"maillot
a vist
na areia
uvindo
ami Beac
ia, alhe
aniculare
or partid
ue conhe
físico po
interess
m guerra
ington, es
american
eia fôta
praias d
ontas n
o se pre
á o garan

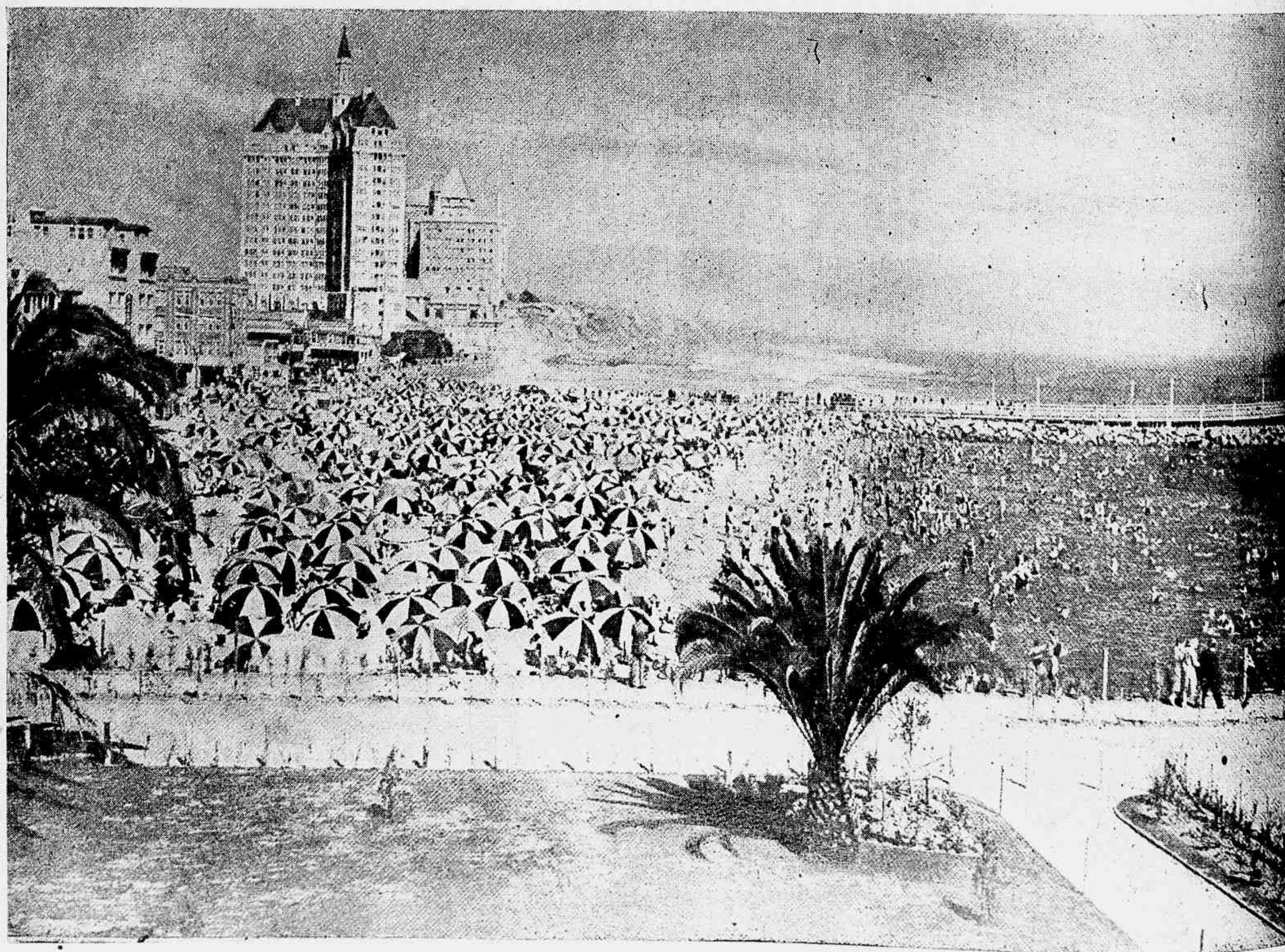
de ensala
epousar e

de ensala
epousar e





LONG BEACH, NA CALIFORNIA — Um salto do Atlântico ao Pacífico. Das águas verdes do primeiro, às águas azul-ferrê do segundo, uma das praias visitadas pelos "astrô de Hollywood, que fica logo ali, amenos de duas horas de automóvel... "Touristes" de São Francisco, de Los Angeles e de todos os pontos das Américas, lá vão ter de visitar Santa Monica, à busca dos figurões ilustres do cinema, que no entanto só aparecem em Long Beach, de muito longe em muito longe, por mera casualidade...



E se
questão
amiga
tram o
reça a
Sin
desde
mais t
sua se
No
nina i
um p
sabida
por a



KATHRYN GRAYSON (da Metro)

E SCREVEU-ME uma leitora perguntando como deveria educar sua filha. "Está ficando mocinha, dizia ela e não sei se deva ou não esclarece-la sobre certas questões que me parecem embaraçosas". Para você, leitora amiga que recorreu a mim e para todas as que se encontram em idêntica situação, eis a minha resposta: "Esclareça a sua filha!"

Sim, e não espere até que ela fique mocinha; comece desde cedo a "preparar o terreno" afim de evitar que mais tarde, quando fôr obrigada a falar, venha a ferir a sua sensibilidade.

Nos dias de hoje, não se pôde mais admitir uma menina ignorante no que se refere à questão sexual. E' até um perigo alimentar essa ignorância, pois as amiguinhas sabidas ou esses "filhinhos da mamãe" que tanto existem por aí, se encarregarão de elucidá-la, não como uma mãe

conciente o faria, mas despertando-lhe apenas a curiosidade e a malícia.

E' mister que todas as mães levem a sério a educação

★ NOS BASTIDORES FEMININOS

sexual de suas filhas. Como? De maneira delicada, criteriosa, clara, evitando sempre tornar-se brutal.

Não invente histórias complicadas quando sua filhinha perguntar donde veio. Muito menos ainda lhe diga que "isto não é cousa de criança". Diga somente a verdade, mas não esqueça também que nessa verdade existem detalhes que sua filhinha não compreenderá e que portanto são desnecessários.

Você encontrará palavras, estou certa, para responder à sua filhinha. E, à medida que ela fôr crescendo e compreendendo melhor, não fuja à sua obrigação de esclarece-la.

Esteja certa, minha amiga, de que agindo assim estará contribuindo para a tranquilidade de sua filha e construindo uma sólida barreira contra a mocidade, o imprevisto e a inconsciência.

KITTY

MODELOS DE INVERNO

1 — Para as manhãs de frio, Joan Larring, da Warner Brothers, apresenta às nossas leitoras um "sweater" bastante original. E' feita em dois tons de lã, com veadinhos como motivo de enfeite. Um saia de quatro panos completa a "toilette" bastante esportiva de Miss Larring. 2 — Eleanor Parker é pela volta do bolero. Aqui a vemos num modelo de lã preta, tendo a saia mais ou menos justa, bolero arredondado com mangas tres quartos. Graciosa blusa de "lingerie" branca com "jabot" tendo na beirada uma rendinha de cor. 3 — Elegante "tailleur" em "gros-grain", apresentado por Eve Arden. O casaca é ajustado ao corpo e todo fechado, podendo também ser usado

com uma gola rosa-seco. Duas "moscas" arrematam o "macho" que vindo do ombro termina na cintura. Com esse modelo, Eve Arden, "estrela" da Warner Bros, usa um "chiquissimo" chapéu feito em fita escocesa de tafetá, em cores vivas. 4 — E' Janis Paige, quem nos oferece esse gracioso modelo de casaco, com linhas retas, mangas "raglan", feito em lã escura e que pode ser usado sobre qualquer outra "toilette". 5 — E' ainda Janis Paige, que apresenta às nossas leitoras um modelo proprio para mocinha. E' feito em lã cinza, a saia com suspensorios formando "V" na frente e transpassados sob o cinto. Blusinha "chemisier" com laço de veludo vermelho.



Entre três horizontes

CLASSIFICADO NO CONCURSO DA "REVISTA

Conto de
ALBERTO
MORAES
CARDOSO

Ilustração de
ORLANDO
MATTOS

O quarto de Felipe Duchain oferecia o aspecto de um aposento de um velho senhor que morava em um bairro antigo, ao pensarmos nas águas-furtas trabalhadas as obras dos homens. Era em tudo um aposento de brejeiro e abandonado, porém rico em luz e bendiz os mais sórdidos ideais de arte. O abandono que a toda a irregularidade que ao contrário enchia de luz e a torção onde o pintor Duchain alquimia. Têlas brancas, imantadas num canto à espera de desafios, como inocentes e zelosas, outras têlas borradas e esquecidas como matronas mal jogadas no outro lado do qual magra e rangente, se perfilava. Em frente, no vão mais espaçoso para uma janela, estava de seu cadinho de experiências, leite, o tecto era uma clarabóia, cado e sujo, remendada com linha. Através dela entrava o bem como o frio e as chuvas tonais. Havia ainda um pequeno qual se escondiam a cosinheiros ocultos por um pedaço de pátio vezes de cortina. Nas paredes alguns quadros do artista. Apoiada e nada mais, um caixote que formava num trono. O quarto era um quarto vazio e frio.

O pintor era trabalhador e valia. No meio de toda aquela

ORLANDO
MATTOS

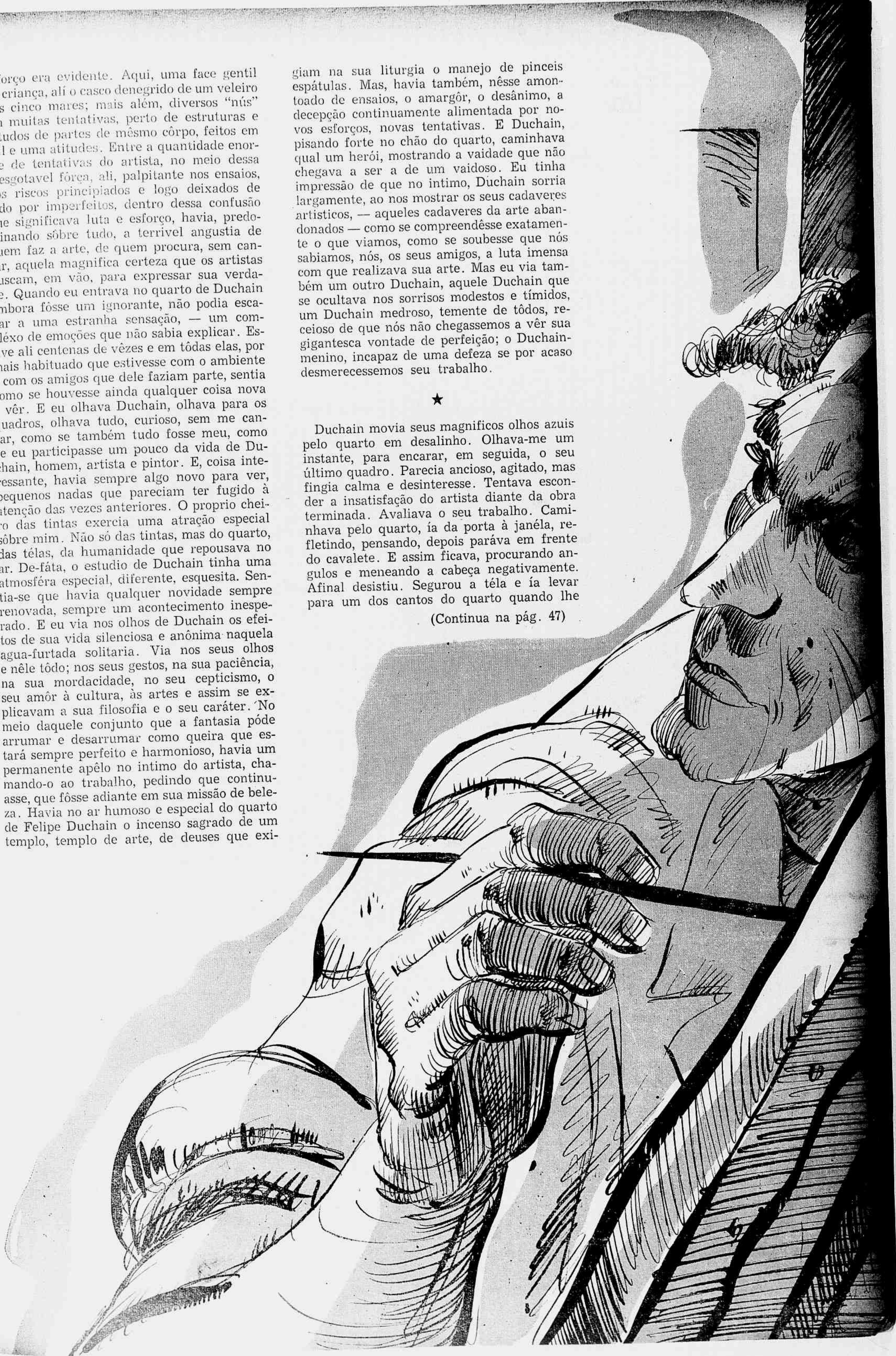
esforço era evidente. Aqui, uma face gentil de criança, ali o casco denegrado de um veleiro dos cinco mares; mais além, diversos "nús" em muitas tentativas, perto de estruturas e estudos de partes de mesmo corpo, feitos em mil e uma atitudes. Entre a quantidade enorme de tentativas do artista, no meio dessa inesgotável força, ali, palpitante nos ensaios, nos riscos principiados e logo deixados de lado por imperfeitos, dentro dessa confusão que significava luta e esforço, havia, predominando sobre tudo, a terrível angústia de quem faz a arte, de quem procura, sem cansar, aquela magnífica certeza que os artistas buscam, em vão, para expressar sua verdade. Quando eu entrava no quarto de Duchain embora fôsse um ignorante, não podia escapar a uma estranha sensação, — um complexo de emoções que não sabia explicar. Estive ali centenas de vezes e em todas elas, por mais habituado que estivesse com o ambiente e com os amigos que dele faziam parte, sentia como se houvesse ainda qualquer coisa nova a vêr. E eu olhava Duchain, olhava para os quadros, olhava tudo, curioso, sem me cansar, como se também tudo fosse meu, como se eu participasse um pouco da vida de Duchain, homem, artista e pintor. E, coisa interessante, havia sempre algo novo para ver, pequenos nadas que pareciam ter fugido à atenção das vezes anteriores. O próprio cheiro das tintas exercia uma atração especial sobre mim. Não só das tintas, mas do quarto, das telas, da humanidade que repousava no ar. De-fáta, o estudio de Duchain tinha uma atmosfera especial, diferente, esquisita. Sentia-se que havia qualquer novidade sempre renovada, sempre um acontecimento inesperado. E eu via nos olhos de Duchain os efeitos de sua vida silenciosa e anônima naquela água-furtada solitária. Via nos seus olhos e nêle todo; nos seus gestos, na sua paciência, na sua mordacidade, no seu cepticismo, o seu amor à cultura, às artes e assim se explicavam a sua filosofia e o seu caráter. No meio daquele conjunto que a fantasia pôde arrumar e desarrumar como queira que estará sempre perfeito e harmonioso, havia um permanente apêlo no intimo do artista, chamando-o ao trabalho, pedindo que continuasse, que fôsse adiante em sua missão de beleza. Havia no ar humoso e especial do quarto de Felipe Duchain o incenso sagrado de um templo, templo de arte, de deuses que exi-

giam na sua liturgia o manejo de pinceis espátulas. Mas, havia também, nêsse amontoado de ensaios, o amargôr, o desânimo, a decepção continuamente alimentada por novos esforços, novas tentativas. E Duchain, pisando forte no chão do quarto, caminhava qual um herói, mostrando a vaidade que não chegava a ser a de um vaidoso. Eu tinha impressão de que no intimo, Duchain sorria largamente, ao nos mostrar os seus cadáveres artísticos, — aqueles cadáveres da arte abandonados — como se compreendesse exatamente o que viamos, como se soubesse que nós sabíamos, nós, os seus amigos, a luta imensa com que realizava sua arte. Mas eu via também um outro Duchain, aquele Duchain que se ocultava nos sorrisos modestos e tímidos, um Duchain medroso, temente de todos, receioso de que nós não chegassemos a vêr sua gigantesca vontade de perfeição; o Duchain-menino, incapaz de uma defeza se por acaso desmerecessemos seu trabalho.

★

Duchain movia seus magníficos olhos azuis pelo quarto em desalinho. Olhava-me um instante, para encarar, em seguida, o seu último quadro. Parecia ancioso, agitado, mas fingia calma e desinteresse. Tentava esconder a insatisfação do artista diante da obra terminada. Avaliava o seu trabalho. Caminhava pelo quarto, ia da porta à janêla, refletindo, pensando, depois parava em frente do cavalete. E assim ficava, procurando angulos e meneando a cabeça negativamente. Afinal desistiu. Segurou a têla e ia levar para um dos cantos do quarto quando lhe

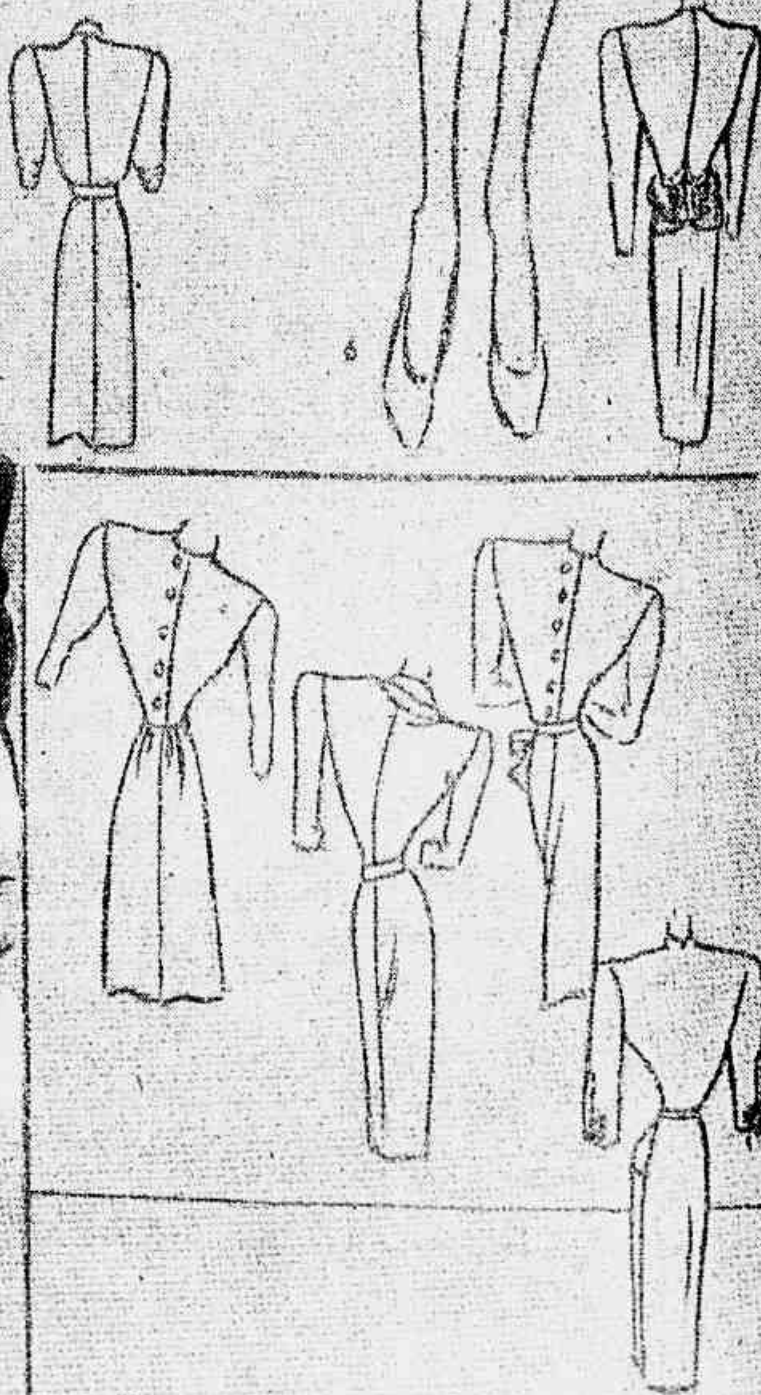
(Continua na pág. 47)

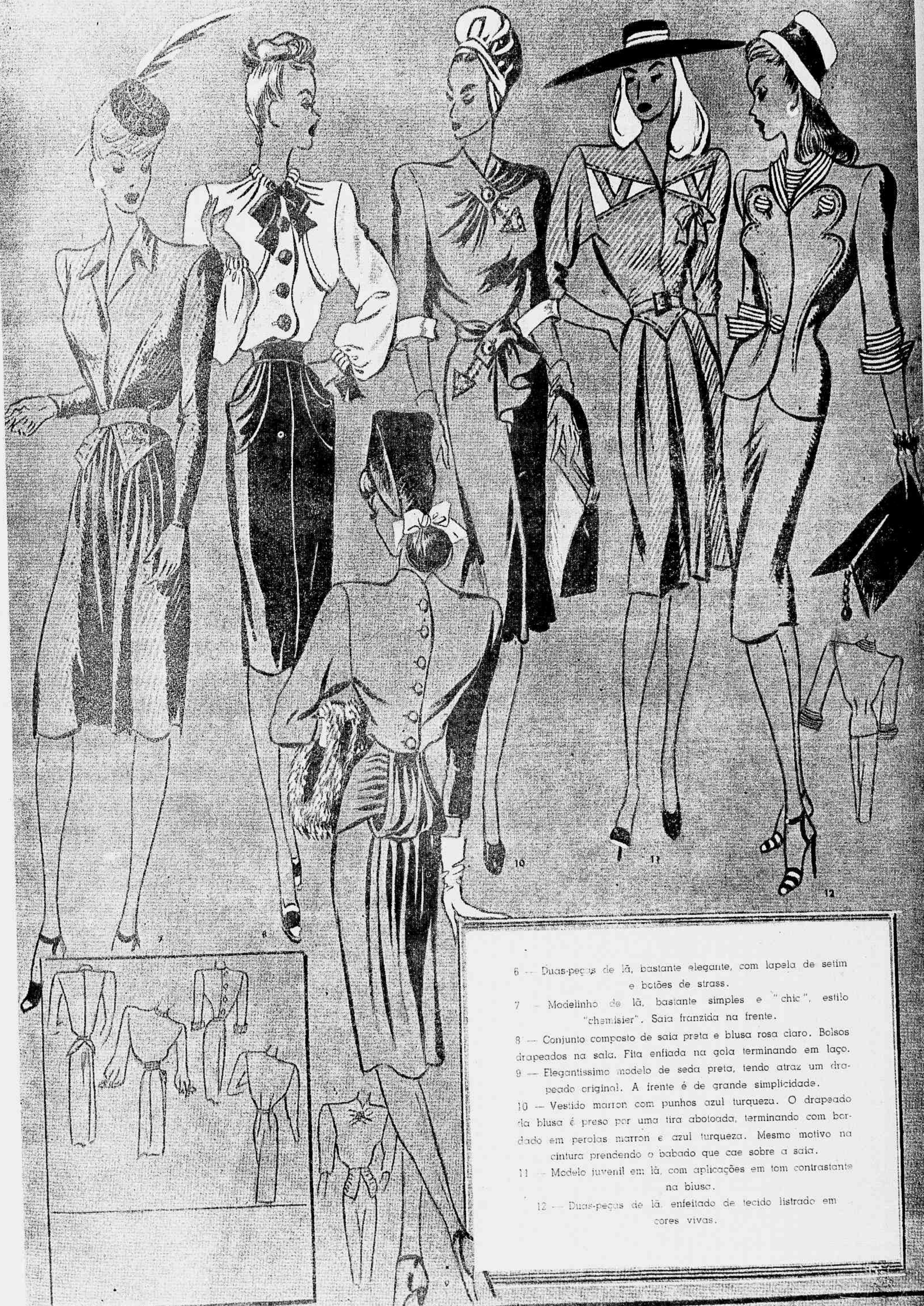




Meia estação

- 1 — Modelo bastante original, com recortes na blusa, arrematando os franzidos da pala. Na cintura, sobre laços do mesmo tecido bolinhas de metal dourado.
- 2 — Modelo em fina lã, corte da blusa originalíssimo que termina em echarpe. Botões de metal.
- 3 — Vestido de seda negro, com aplicações de setim rosa e perolas de diversos tamanhos também rosa.
- 4 — Modelo bastante elegante, confeccionado em lã fina. Mangas com cavas bastantes largas e ajustadas pouco abaixo do cotovelo. Bolsos embutidos na sala, botões e cinto de cumarú em tom contrastante.
- 5 — Vestido para a tarde em seda pesada marrom, simulando na frente duas peças. Laços de setim marrom enfeitam a blusa e a manga.





6 — Duas-pegas de lã, bastante elegante, com lapela de setim e botões de strass.

7 — Modelinho de lã, bastante simples e "chic", estilo "chemisier". Saia franzida na frente.

8 — Conjunto composto de saia preta e blusa rosa claro. Bolsos drapeados na saia. Fita enfiada na gola terminando em laço.

9 — Elegantíssimo modelo de seda preta, tendo atrás um drapeado original. A frente é de grande simplicidade.

10 — Vestido marrom com punhos azul turquesa. O drapeado da blusa é preso por uma tira abotoada, terminando com bordado em perolas marrom e azul turquesa. Mesmo motivo na cintura prendendo o babado que cai sobre a saia.

11 — Modelo juvenil em lã, com aplicações em tom contrastante na blusa.

12 — Duas-pegas de lã, enfeitado de tecido listrado em cores vivas.

O CASO DA MALETA MARRON

(DIVULGADO POR WILLIAM POST)

— Alguma carta?
— Não, senhor.
— Se chegar alguma coisa, pode mandar levar ao meu quarto.

— Sim, senhor.
Tomou o elevador e ainda trocou algumas palavras com o cabineiro. Mas, assim que chegou nos seus aposentos, deixou-se cair numa poltrona e ficou ali, imóvel. Os pensamentos mais terríveis se cruzavam na sua cabeça. Sentiu a garganta seca e resolveu levantar-se. Tomou o telefone e pediu:

— Mande trazer um uísque, aqui, no 402.

A telefonista afirmou que ia transmitir a ordem. A seguir ele pediu uma linha e discou um número.

— Alô?
— Mr. Chang está?
Uma voz pausada respondeu:
— E' mr. Chang quem está falando.

— Preciso vê-lo. Quando poderá receber-me?

— Agora mesmo, caso julgue necessário.

— Irei imediatamente.
Colocou o fone no gancho e preparou-se cuidadosamente. Em primeiro lugar, o que ele tinha a fazer era esconder o dinheiro em lugar seguro. Não tudo: uma parte ele teria que levar consigo para pagar os serviços de Mr. Chang. Liang disse que ele era de confiança... mas demasiado esperto para ser enganado com promessa. Portanto, uma boa recompensa para Mr. Chang. Mil dólares? Refletiu bem e resolveu levar o dobro. Regatearia. Se conseguisse pagar menos...

Engoliu apressadamente o uísque e desceu.

— Voltou para jantar.
O porteiro inclinou-se, respeitosamente. Tuan era um hóspede querido, a estima dos subordinados, que aumentava na proporção direta das gorjetas, era elevada, em relação a ele. Talvez, mesmo a alguém mais precavido, as gorjetas de Tuan parecessem extravagantes. Os empregados do Hotel, contudo, não tinham objeção a fazer. Dobravam o zelo ao servi-lo, pois sabiam que ele distribuía farta recompensa. O mundo girando em torno do ouro... Refletindo sobre a solicitude dos empregados, Tuan sorriu, amargamente. Ele próprio fazia aquilo, em relação a outras pessoas. Por que — senão por causa do dinheiro — tratava bem o inglês arrogante para o qual trabalhava, o inglês, dono da firma, em cujos olhos ele notava mal escondido desprezo? Tuan, entretanto, mostrava-se até servil, multiplicando as gentilezas, redobrando as cortezias.

Um bom laçao — disse certa vez o patrão, sem saber que ele estava ouvindo.

Tuan ouviu aquilo e sentiu como que o efeito de uma chicotada na cara. Desde aquela dia tinha começado a arquitetar o plano curioso. Primeiro falar com Liang, seu melhor amigo, companheiro de infância, mais tarde um ladrão...

Liang recebera-o em sua casa, e sorria ao ouvi-lo exprimir seu desejo de, por uma vez, imitar uma proeza das suas...

— Roubar, meu caro Tuan, é tão difícil como outro ofício qualquer. Requer uma técnica determinada, uma habilidade que só se adquire com anos de prática e depois de avançar na carreira. Começa-se como ob-

servador. O passo seguinte é tornar-se cúmplice e aprendiz. Somente depois é que pode-se aspirar a trabalhar por conta própria.

— Liang, se você não quer me ajudar...

— Pelo contrário, meu caro amigo, eu quero ajudá-lo dissuadindo-o. Se você quiser esperar alguns meses, até que eu esteja menos atarefado, talvez eu mesmo tente um golpe contra o seu patrão. Repartiremos os lucros.

— Não, Liang. Eu quero tratar disso sozinho. E' uma coisa pessoal.

— Um erro grave, meu ami-

go, observou o ladrão. Quando o perito deixa-se levar, por motivos pessoais, ao roubo, perde a serenidade e, em geral, torna-se descuidado. Foi assim que prenderam os mais hábeis ladrões. Pelo caminho pessoal. Uma vingança, uma mulher, até mesmo uma amizade.

— Nada conseguirá dissuadir-me.

Liang, com verdadeira calma, indu, desistiu.

— Nesse caso, meu amigo, resta-me somente protegê-lo o mais possível, ensinando-lhe em pouco tempo o que aprendi em muitos anos de trabalho.

— Sim. Isso, sim.

— Mas previni-lhe, desde logo, que o empreendimento é difícil. Como você me disse, a firma tem um sistema completo de proteção contra ladrões. Ora, você precisa de encobrir sua retirada. Tem, naturalmente, acesso ao dinheiro, mas o que é necessário é que ninguém possa ligar seu nome ao roubo. Por isso, é indispensável que haja um roubo simulado...

— Você pode encarregar-se disso?

Liang sorriu:

— Com muito prazer. Um de meus auxiliares tratará disso. Portanto, você leva o dinheiro uma noite. E no dia seguinte descobre-se um roubo; Com vestígios evidentes para que a polícia veja que não foi você, mas com suficiente habilidade, para que meu auxiliar não seja apanhado...

Sorrindo novamente, Liang disse:

— Sabe que isso está divertindo muito? Iniciar você na carreira do crime... O crime, meu caro amigo, é como o jogo. Dá emoções violentas e torna-se cada vez mais um vício. Você me chamava de filósofo quando era pequeno, lembra-se? Pois apliquei ao meu caso a filosofia e descobri que o crime prende como o vício do jogo. Basta jogar e ganhar para que um caráter fraco se torne um jogador. Basta cometer um crime e sair impune para termos mais um criminoso. Você verá.

Tuan também sorriu:

— E quais são as chances de um criminoso, de um ladrão?

Com um cômico suspiro de melancolia, Liang respondeu:

— Poucas. Muitos são os chamados, poucos os eleitos. Conhece esse nosso ditado? Pois com a carreira do roubo é assim. Muitos tentam. Poucos vencem. Os que perdem terminam na cadeia.

Com a mesma placidez, terminou:

— Um fim muito desagradável.

Antes de se despedir, Liang fez uma recomendação.

(Continua na pág. 52)





BRASIL — ESTADOS UNIDOS — O Gabinete do Tenente General Leonardo T. Gerow, Comandante da Escola de E.M. de Fort Leavenworth, em Kansas, nos Estados Unidos. Ali estão, entre outros símbolos e troféus, a bandeira do Brasil, o estandarte da Escola da Aeronautica do Campo dos Afonsos, Brazão d'armas da Escola e a mensagem dos cadetes brasileiros ao comandante do Forte.



CASAMENTO — Na Igreja de S. Sebastião (Capuchinhos), realizou-se no dia 21 de março último, o enlace matrimonial da sta. Maria Laura, filha do casal Joaquim Menezes de Oliva com o sr. José Hilario, filho do casal José Hilario de Oliveira. O "clichê" mostra-nos um flagrante batido por ocasião da bênção nupcial.

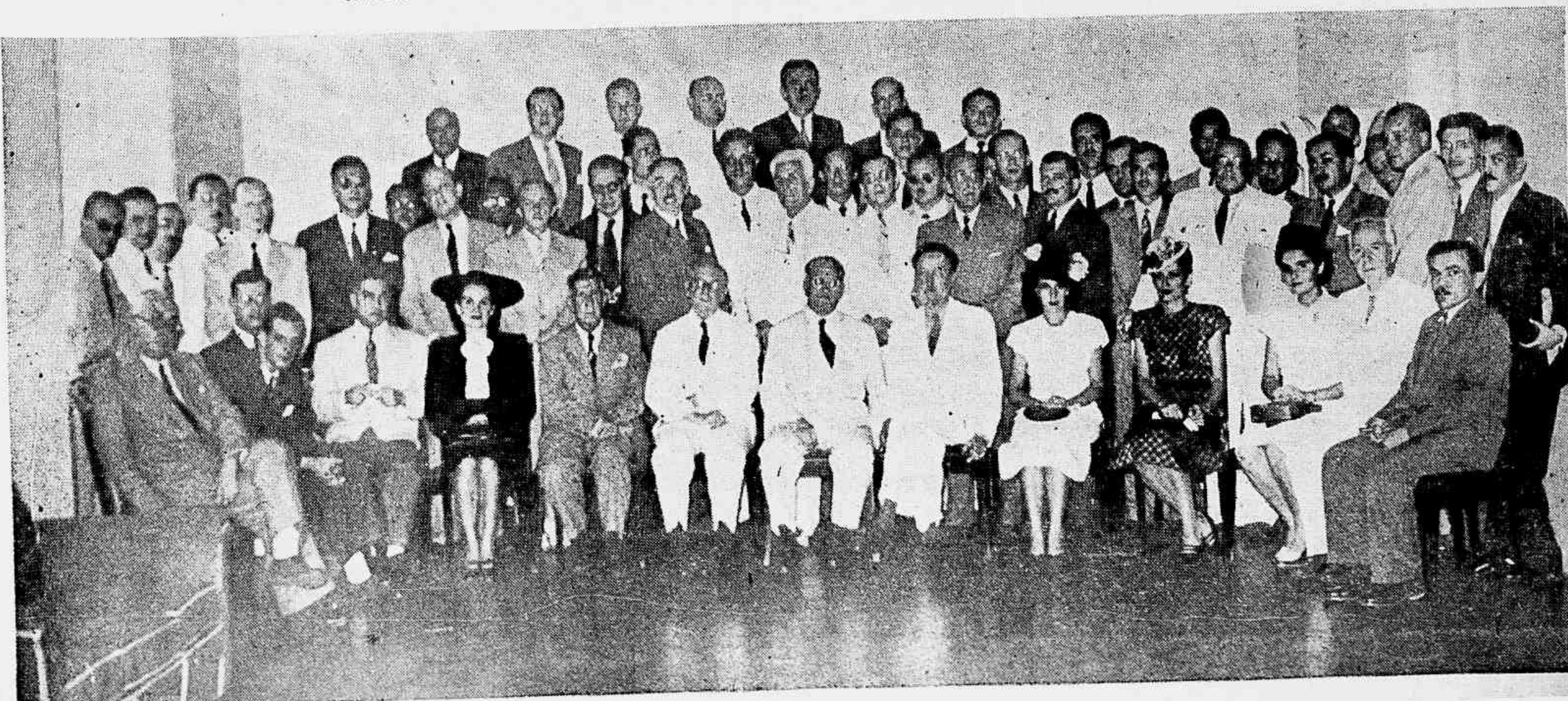


Realizou-se na Igreja da Lampadosa, a missa em ação de graças às bodas de ouro do casal Comte. Oscar de Siqueira Amazonas — Srna. Alcina de Siqueira Amazonas. Compareceram à solenidade, destacados elementos da sociedade e as alunas da Escola Comercial Orsina da Fonseca, que ali foram cumprimentar d. Alcina, pelo seu sexagésimo aniversário no magistério Municipal da Prefeitura do Distrito Federal.

FIGURAS E FATOS

Realizou-se no dia 6 de Fevereiro, o enlace matrimonial da Sta. Annita Garibaldi Torres Homem, filha do Cel. Augusto Conte Torres Homem e d. Alcina de Oliveira Torres Homem, com o snr. Antigeirno Barillari, filho do snr. Natale Barillari e Otacilia Barillari. Na cerimonia religiosa, serviram de padrinhos por parte da noiva, o snr. Eugenio da Silva Moutella Junior e d. Darcy Moura Moutella, e por parte do noivo, o Capitão Atila Barroso e senhora.

Comemorando a autonomia conferida pelo Governo ao Instituto Oswaldo Cruz, os técnicos de Manguinhos reuniram-se num almoco de confraternização no salão de festas da Casa presidido pelo Ministro da Educação, Sr. Souza Campos. Varios discursos foram trocados, cabendo ao diretor do Instituto, Prof. Henrique Aragão, levantar o brinde ao Presidente da Republica





INIMIGO INVISÍVEL

Cuidado com o
INIMIGO INVISÍVEL dos seus dentes...
a acidez bucal de origem bacteriana

Essa acidez invisível é muitas vezes a causa de cáries e outras afecções dentárias. Para proteger seus dentes é preciso escová-los diariamente com o *dentífrico adequado* e a *escôva adequada*.

O dentífrico adequado...

CREME DENTAL SQUIBB

Este dentífrico, refrescante e deliciosamente *diferente*, contém Hidróxido de Magnésio, ingrediente que concorre para a neutralização da acidez bucal de origem bacteriana. Por isso é tão eficaz contra o Inimigo Invisível. E é por isso também que o preferem milhões de pessoas no mundo todo.

A escôva adequada...

ESCÔVA ÂNGULO SQUIBB

Adequada porque é mais do que uma simples escôva de dentes. É um instrumento científico, desenhado por um dentista, para limpar *mais e melhor*. Tal qual o espelho do dentista, este "ângulo" torna possível alcançar todas as cavidades esquecidas dos seus dentes. Sim, é a escôva indicada para se usar com o creme dental adequado. É Squibb.



Peça SQUIBB por duas razões:

CREME DENTAL
 ESCÔVA ÂNGULO **SQUIBB**

L.O.25



QUATRO CHAPEUS D

Os chapéus das "estrelas" de Hollywood continuam inspirando lindos motivos para as nossas patricias. Aqui estão quatro modelos, cada qual mis interessante: Na página à esquerda, Martha Vickers (da Warner), em dois chapéusinhos encantadores, e à direita





US DE HOLLYWOOD

os para a
Na página
à direita

ao alto, Adele Jergens e em baixo, Ann Miller, ambas (da Columbia). Dos quatro apenas o penúltimo é de abas largas, demonstrando assim que os modelos pequenos e discretos estão, presentemente mais em moda.





"Sacrifício de Mãe"
"Punhado de emoções"
 DOIS LIVROS ESCRITOS PELO
 CORAÇÃO E PARA O CORAÇÃO.
 DEDICADOS À SENSIBILIDADE
 DA MULHER BRASILEIRA.
 Para obras consagradas de
MARIA DEZONNE
PACHECO FERNANDES
 A venda nas boas livrarias





TINTURA FLEURY

**DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELLO**

Em poucos minutos a cor natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILÍMA:

Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratia.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 Sob. Rio

Nome
 Rua
 Cidade Estado

A moça de
lábios MICHEL
que conquistou
seu coração

São muitos os homens que se renderam ao feitiço de uns lábios Michel... tão infinitamente delicados, tão vividamente incitantes... porque o baton Michel mantém os lábios tão suaves e frescos como os de uma criança. O baton Michel espalha-se uniformemente e permanece, nunca se empasta e não resseca nem lambuza os lábios. É tudo o que deve ser o baton por excelência.



55-6



Michel

NEW YORK - PARIS - LONDON

BATON - PÓ - ROUGE - MÁSCARA - SOMBRA - MAQUIAGEM CABELLO

HEMORRHOIDAS? tome

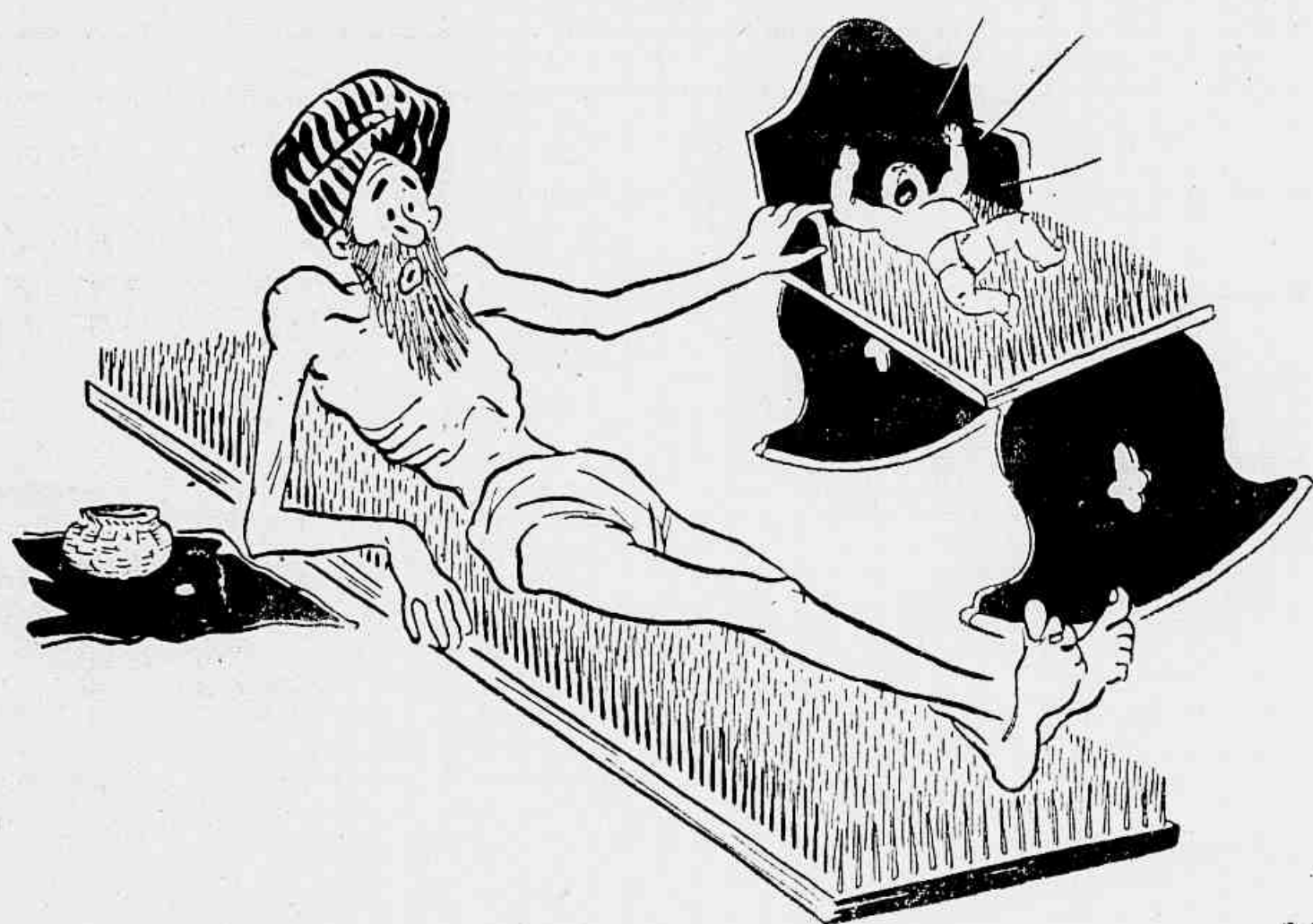
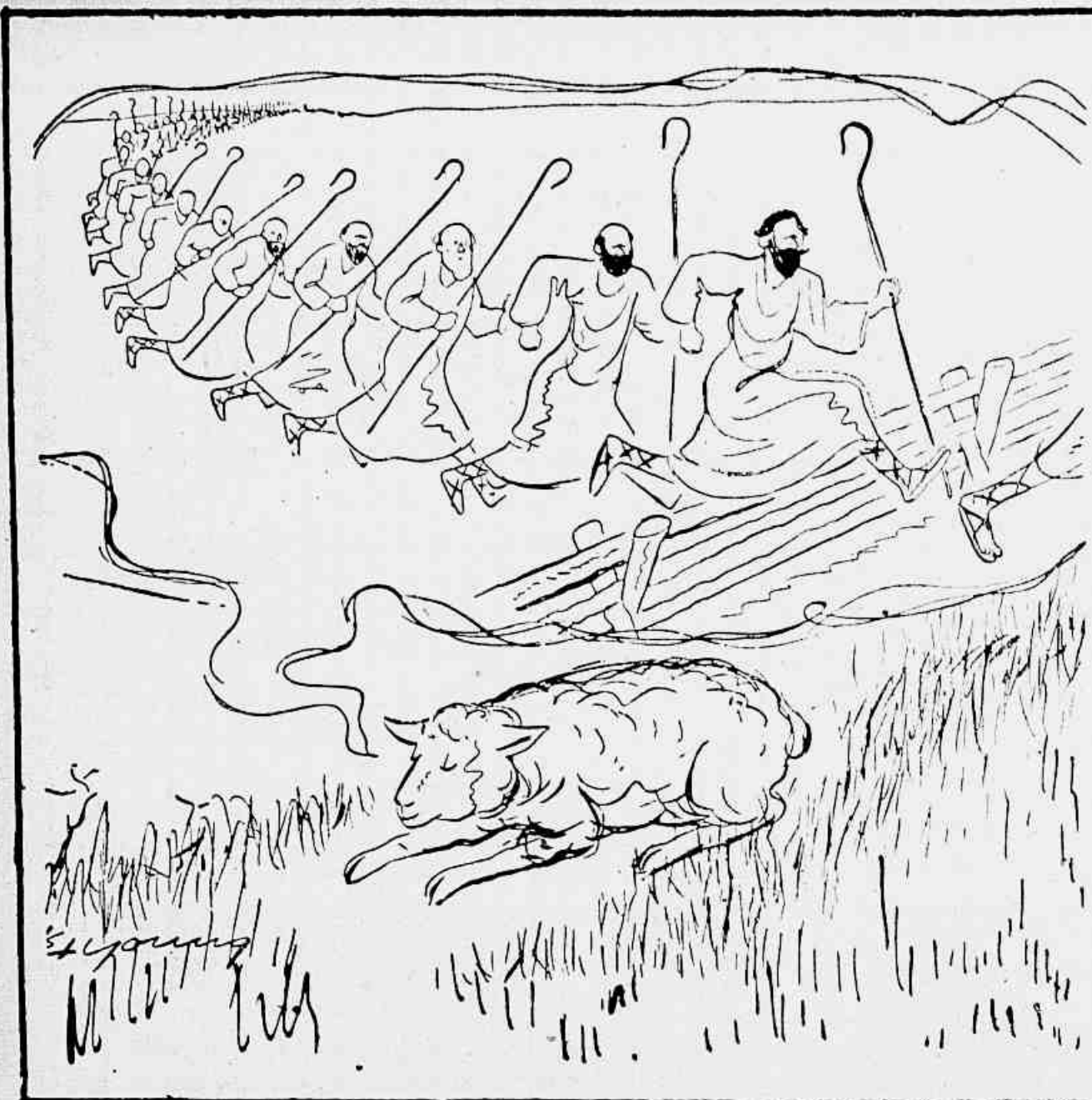
EM TODAS AS FARMACIAS E DROGARIAS

DÔR DE OUVIDO? INFLAMAÇÃO E PURGAÇÃO NO OUVIDO? Use

Pílulas de Herva de Bicho

L.C. 3.518
10-5-925-8.A.S.A.

AURIS-SEDINA

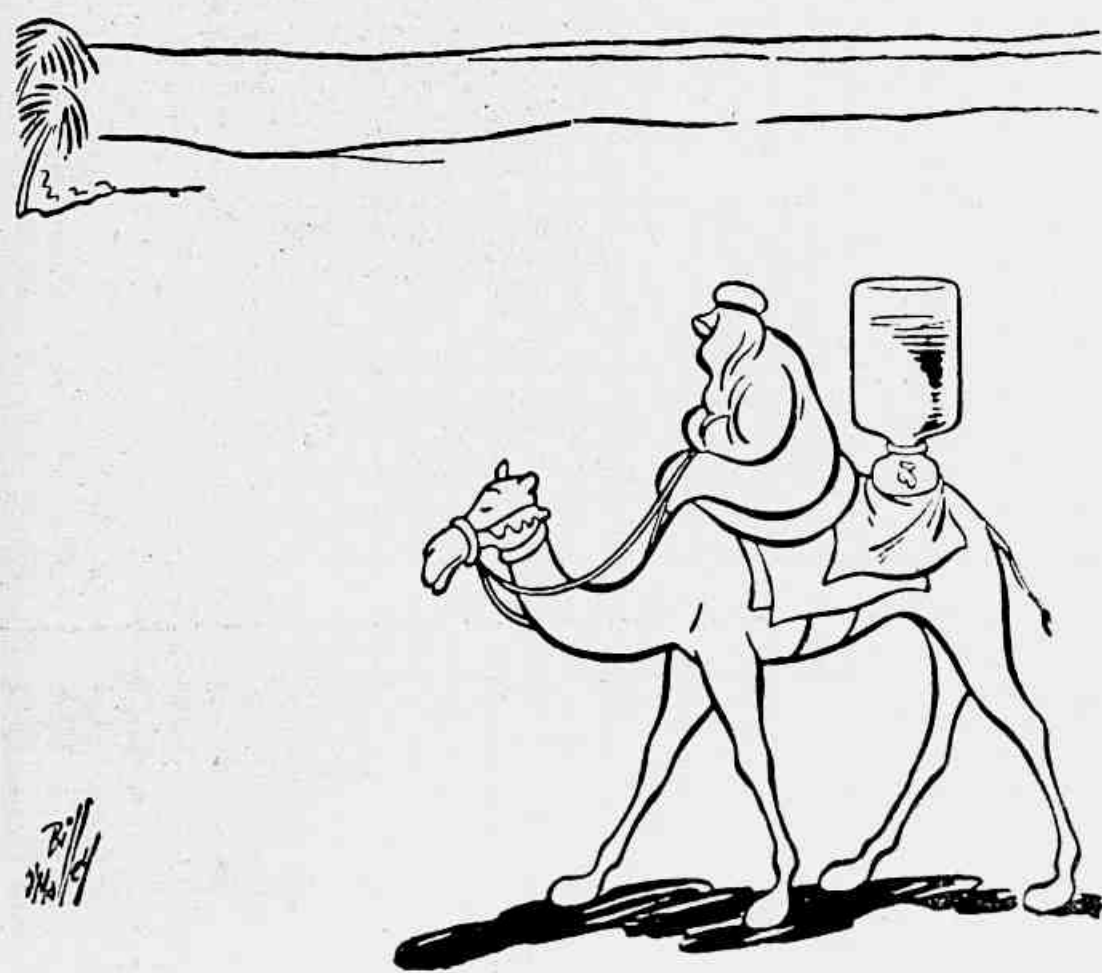


Bo Bräu

★

DE BOM HUMOR

★



As cidades têm suas joias, representadas por tudo que nelas possa recordar grandeza, tradição, arte. Enquanto a França e a Itália puderem ter idade de razão a primeira se não desfará de Versalhes, a segunda do Foro Romano ou do Coliseu.

Nem se lembre a Inglaterra, até agora nela vigente o respeito ao passado, à tradição, ao ancestralismo patriótico.

Para quantos pensam pela cabeça, não pelo estomago, uma cidade, em bloco, pôde ser uma joia. Quem viu Bruges com olhos de vêr, quem com eles vê Ouro Preto bem o sabe. Cada qual no seu continente, cada qual na sua paisagem, não deixam de ter um que de afinidade. As duas cidades, tão longe uma da outra, se assemelham pela melancolia que despertam levando ao sonho, á poesia, a quanto evade o espirito da prisão da vida materialisante.

Poisada à beira de uma Guanabara quando intáta tida por uma das joias do mundo, o Rio de Janeiro pôde por enquanto considerar joia sua a Casa da Moeda, recomendavel por seu imponente massivo, por sua grandiosidade exterior no desafio de praça na qual muito já verdejou em parque tropical, ora ratinhado para abrir espaço a avenida onde o transito é batalha diaria e mortal sem grito de salve-se quem puder.

Dos dias do Principe Regente no Rio de Janeiro a adiantados dias do Segundo Reinado, a Casa da Moeda funcionou no edificio do Tesouro Velho, ora desaparecido do sólo onde o vice-rei Vasconcellos situára a Casa dos Passaros, nome pitoresco para museu de História Natural.

Em Março de 1858 entendeu-se tempo de dar á Casa da Moeda tétos proprios, encarregados de edificação o dr. Teodoro Antonio de Oliveira e Antonio Francisco Guimarães Pinheiro. Lançaram eles pedra fundamental a 2 de Dezembro de 1858, dia natalicio do Imperador, presidindo o ato o ministro da Fazenda, Souza Franco. Autoridade maior presente, coube-lhe cerrar a pedra basica, qual pedra da especie a conter documentos, jornais do dia e moedas, futuros atestados da solenidade inaugural e do inicio de construção importante.

Demolido edificio de tal ordem pôde dar-se o caso de se não encontrar sua pedra fundamental. Haja vista a infrutifera busca da pedra angular da Academia Imperial das Belas Artes ao ser posto abaixo o característico edificio da Academia tão incrustado no Tesouro Velho.

A pedra fundamental da Casa da Moeda, pelo peso desta, está garantida, por ora. Resalve-se.

Os construtores da fabrica não puderam conclui-la, o governo encampando a obra com seu geito de palacio ao menos pelo exterior.

Granito e cantaria não faltaram ao edificio orçado em cerca de mil contos de reis e afinal custando o dobro. Muito granito ficou na escada condusindo do portão de entrada ao portico, escada cujos peitoris de granito no seu em cima ostentam dois leões de marmore.

Os animais têm papel na arquitetura e muitas vezes papel de relevo. Assim a aguia de emprego muito decorativo. Que o digam frisos de entablamento e capiteis, nestes não raro ornatos substituindo volutas.

O escadorio da Casa da Moeda tem os seus leões, o palacio Nova Friburgo ao Catete tem as suas aguias tão fitadas por ambições politicas.

Em 1866 a Casa da Moeda abrigou a nossa segunda exposição nacional como em 1861 a Escola Politecnica recebera primeira exposição nacional dirigida pelo marquês de Abrantes, o certame de 1866 presidido pelo visconde de Jaguaray.

O Imperador não se contentou em estar presente á abertura da exposição de 1866, visitou-a com frequencia e como gostava, sem anuncio prévio, tantas vezes este dando ensejo a arrumar às pressas o desarrumado habitual.

A exposição de 1866 mereceu enorme concurrencia publica, A entrada variava de preço, dois mil reis nas sextas-feiras, mil reis nas segundas e quintas, cinquenta reis nas terças e quartas feiras e aos sabados e domingos.

Encerrada a exposição de vinte mil produtos nacionais, a Casa da Moeda nunca mais teve hospedes de qualquer genero.

Outra joia do Rio ainda existente é o edificio á monumento do Hospital da Misericordia outrora proximo das aguas da praia de Santa Luzia e totalmente exposto aos ventos saneadores da barra carioca.

JOIAS DA CIDADE

— ESCRAGNOLLE DORIA —

Para um hospital e sua gratuita higiene de arejamento a colocação não podia ser mais feliz desde os dias do seculo XVI em que Anchieta dava à instituição da Misericordia do Rio de Janeiro o espirito de exclusiva caridade para com o proximo, mormente aquele que os grãos da pobreza, da miseria, da indigencia atingem no corpo e na alma.

E' de vêr que o primitivo hospital da Misericordia, a Santa Casa, para a qual de passos a pobreza, a miseria, a indigencia, tinha de começar desprovido de recursos em afastados tempos, servindo Deus como Deus era servido.

Mas progredindo sempre, honrada a ponto de ter vice-reis por provedores e reis por protutores, a Misericordia modificando-se no correr de seculos, transformando-se no subir de progresso do Rio de Janeiro, chegou á epoca de querer e poder construir hospital — de marca atestante de Brasil humanitario.

A ideia de novo hospital tornou-se realidade em ano assinalado na história patria e dizendo-se 1840 se tem dito Maioridade.

O lançamento da pedra fundamental da maior e mais antiga Casa de Saude carioca, lançamento aquele a 2 de Julho de 1840, deve ter sido a ultima cerimonia publica a que compareceu o imperador menor, regendo o Imperio em seu nome Pedro de Araujo Lima, daí ha vinte dias apenas senador.

A 30 de Junho de 1852 entravam no hospital os primeiros enfermos para subsequente e continuo desfilar deles, realizado um dos pontos de benemerencia do programa altruista — administrativo do provedor José Clemente Pereira.

Para o edificio traçára primeira planta o engenheiro Domingos Monteiro, modificando-a aqui e ali outro engenheiro, José Maria Rabello.

A obra principal dos dous profissionais encontrou colaboradores diversos de ordem maior ou menor, no muito emprego escultural da pedra lioz.

Pedio-se-a ás melhores pedreiras da especie, as portuguesas de Pero Pinheiro fornecendo otima lioz, dura, alva, de manchas côr de rosa e grão fino.

Um escultor, Luís Giudice, foi a Portugal dirigir a obra da pedra lioz de emprego no hospital, concluindo seus trabalhos no Rio de Janeiro.

Na móle arquitetónica da praia de Santa Luzia e nos seus anexos, os da igreja da Misericordia às costas do hospital, ha o que prezar quanto a tradição e arte. O salão nobre da santa Casa, a capela do zimbório são insuspeitadas cousas de apreço para entendidos.

Ha o que vêr tambem no frontão do edificio frontão onde Giudice deixou tímpano ou fundo tripainelado. Os tímpanos oferecem campo a trabalhos escultóricos no seu espaço entre as cornijas e a base-fundo dos semi-circulos das sobre-portas.

Como em geral o homem mais olha para baixo que para cima, não serão muitos os que conheçam a obra de Giudice no tímpano do Hospital Geral, de muito simbolismo.

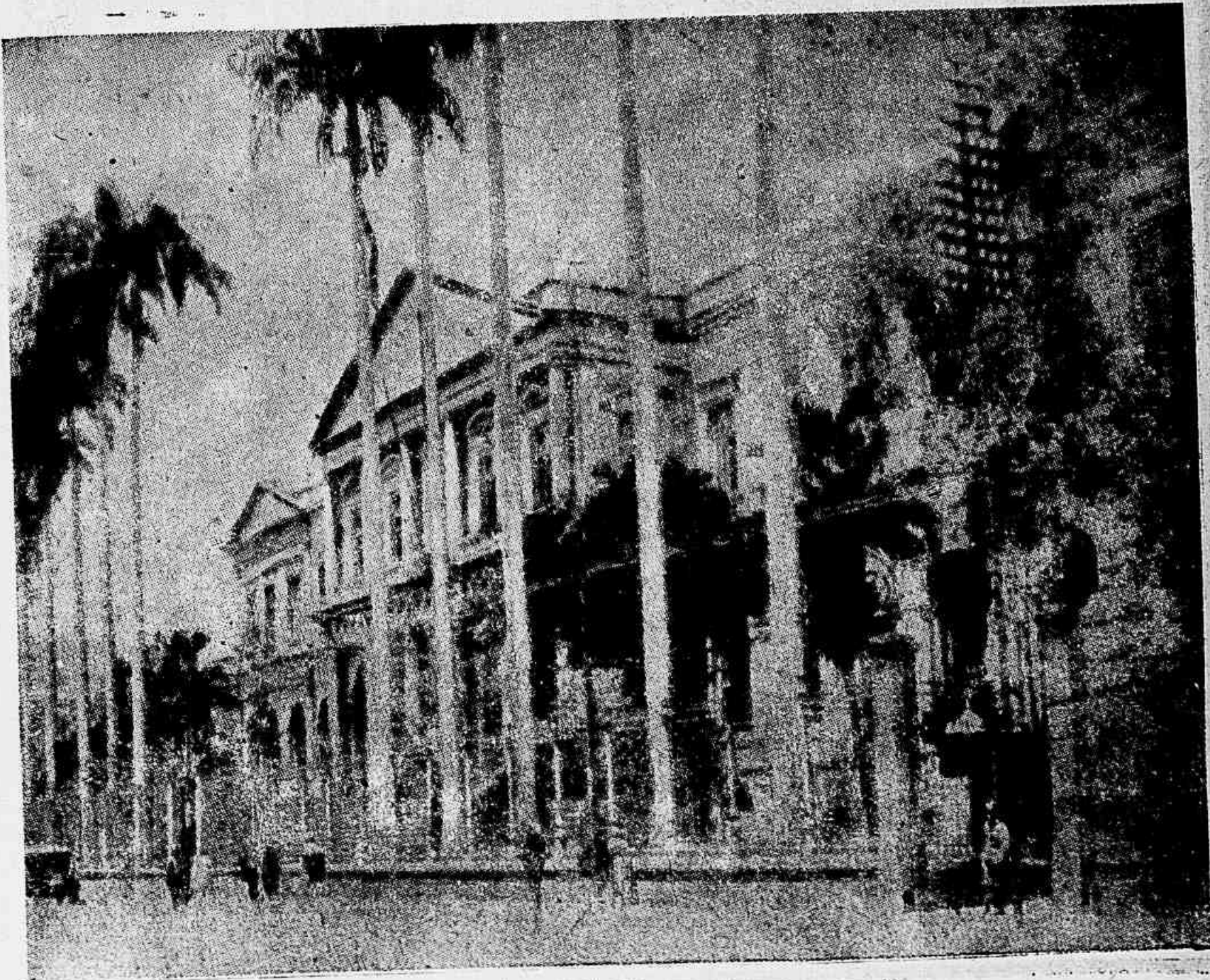
Em avantajado medalhão, na parte central do tímpano, Giudice representou a figura da Misericordia. Figurou-a de braços erguidos, tendo de um lado um ancião invalido e uma mulher que em adeus comprime ao seio filho que vae expôr.

Do outro lado da Misericordia a Caridade, corporisada numa mulher trazendo ao côlo uma criança que amamenta. O painel é preenchido pela imagem de pobres dos dois sexos e de idades diversas.

Tres baixos relevos laterais ostentam emblemas alusivos á religião e á medicina e ambas dentro do hospital se completam. Nem se deixe de apreciar a obra arquitetonica de Jacinto Rebello, nas linhas classicas bem seguidas das lições de Grandjean de Montigny.

Agora uma adatação do edificio do antigo Senado do Imperio equivale a uma demolição. Quanto antes se recordem entre ultimas joias da cidade, a Casa da Moeda e da Misericordia.

Quando tanto se busina turismo, é prudente não transformar o Rio de Janeiro em Arranhopolis em vez de Sebastianopolis. Evite-se que algum turista, farto de arranha-côos, alto ou baixo, pergunte ou se pergunte: acaso esta cidade nunca teve hontem?

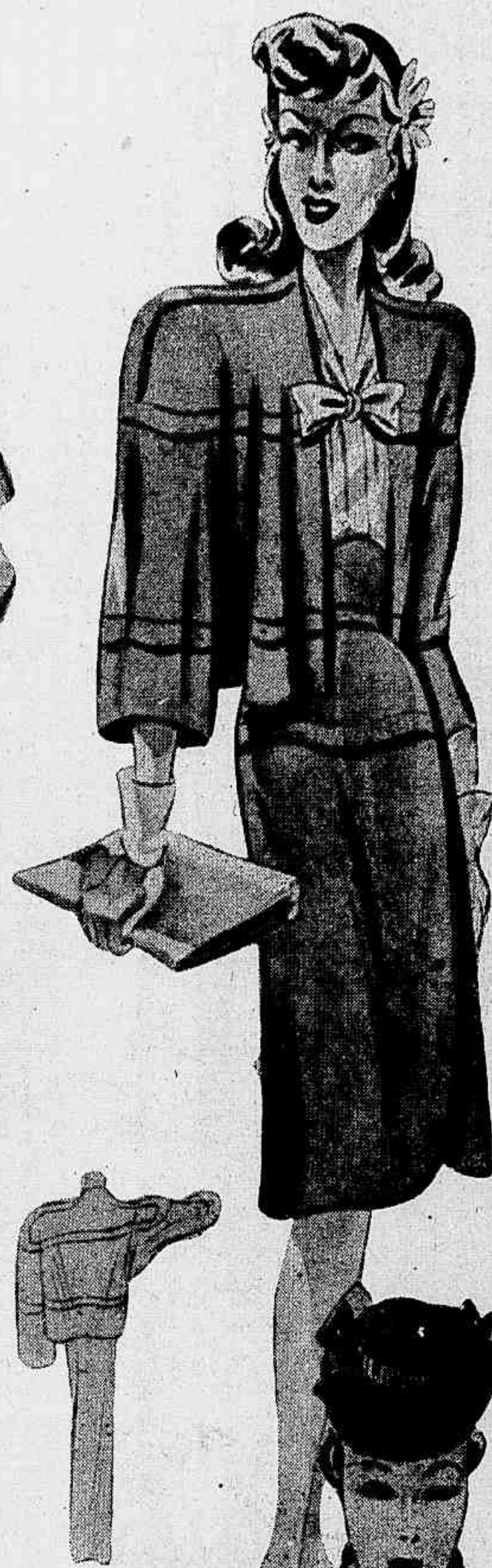


A Casa da Moeda do Rio de Janeiro, de pedra fundamental a 2 de Dezembro de 1858.



PARA AS TARDES FRIAS E CHUVOSAS

Aqui estão alguns modelos sugestivos para as tardes elegantes do inverno carioca, inverno que deve estar por muito pouco, si o verão não insistir em estender-se além de todos os limites... Boléro; jaqueta; costume em estilo alfaiate; um costume de alto corte; um casaquinho bordado e um pequenino-casaco em corte amplo e gracioso. Casacos de lã e um lindo vestido de veludo negro, tudo á disposiçã das nossas leitoras.



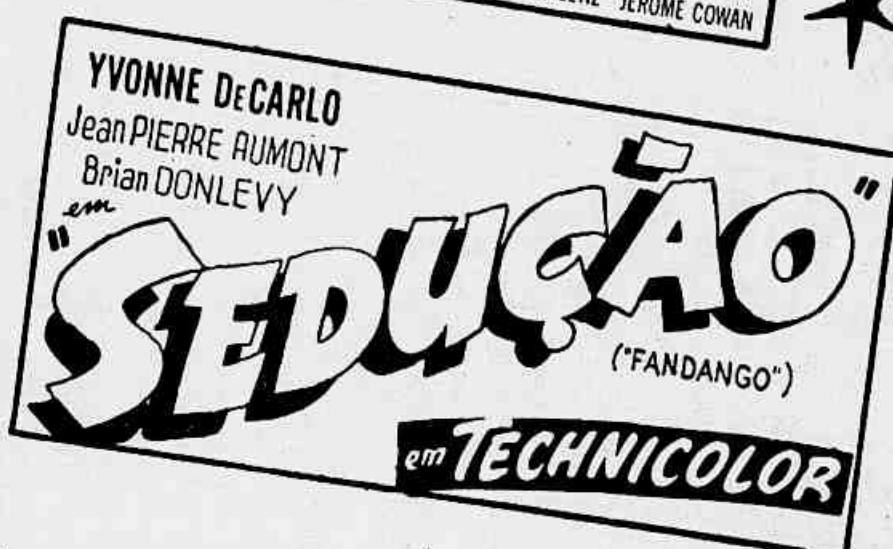


JOCKEY CLUB MUNDANO

Num ambiente de alegria, elegância e distinção decorreu, na última reunião, uma tarde esportiva no Jockey Club Brasileiro. Como sempre, a esta reunião turística acorreram os elementos mais destacados de nossa sociedade. As fotos que estampamos nesta página foram colhidas na "pelouse" durante os intervalos das corridas realizadas.



ATRAÇÕES da UNIVERSAL





Ao alto: Uma interessante "cabeça" de Gary Grant, modelada nos estúdios da RKO, e a ser utilizada em um de seus próximos filmes. Como se vê escultura de real mérito, embora para aproveitamento transitório. A esquerda: Sam Wood dá (ou recebe?) uma lição de dança. A aluna (ou professora?) é Ginger Rogers, protagonista de "O



A "REVISTA" EM HOLLYWOOD

Hollywood, abril. (Por Luiz Serrano, correspondente especial da REVISTA DE MANA) — Esta de volta Carmen Miranda, após a sua vitoriosa série de apresentações no Roxy de Nova-York, onde só não ficou mais tempo porque compromissos inadiáveis a chamavam aos estúdios da Fox, onde ela precisava comparecer no dia 1.º de abril. E vem de iniciar-se a filmagem do último celuloide do antigo contrato de Carmen com esses estúdios, findo o qual, a "estrela" poderá então aceitar contratos para filmagens avulsas em qualquer outra fábrica cinematográfica. A colonia de Hollywood recebeu Carmen Miranda com muito carinho, grandes manifestações e um sem número de homenagens. Carmen, bem disposta e sempre amável, em companhia de Al Jolson, quase nem tem tempo para tirar uma noite e ceiar no Brown Derby...

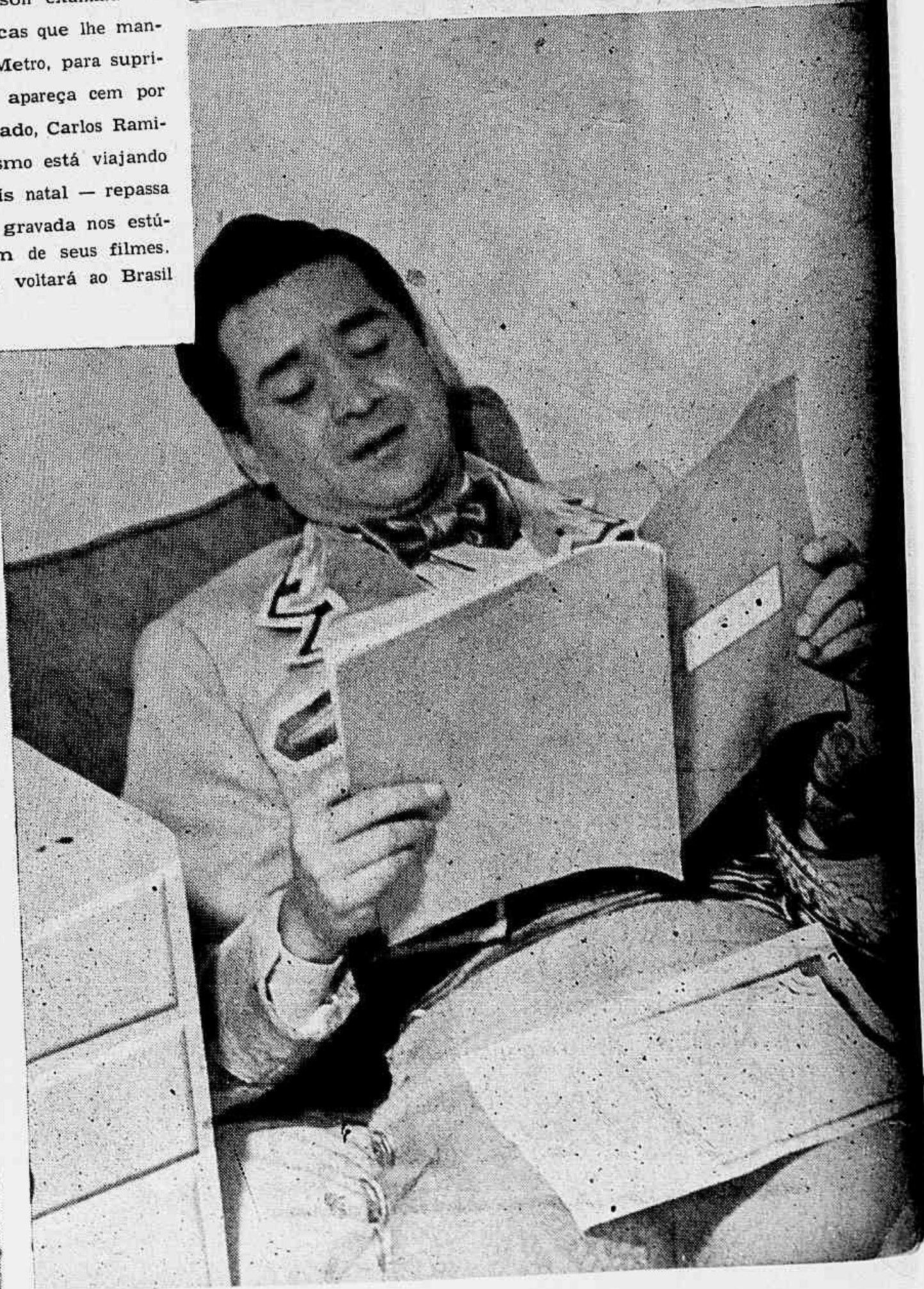
Outra noticia palpitante: Fala-se na possibilidade de Errol Flynn visitar momentaneamente o Brasil, onde talvez sejam filmadas algumas seqüências de um seu próximo filme na Warner. Ray Milland continua em Nova-York, mas parece que ainda não é tão fácil quanto parecia, a aquisição de passaportes para os artistas norte-americanos se ausentarem, motivo porque talvez a sua anunciada viagem tenha de ser transferida para tantas vezes já aconteceu com outros. Ainda se espera, todavia, que Ray Milland obtenha o passaporte e, nesse caso, seguiria sem demora para essa colônia.

bater de um coração", dirigida por mr. Wood. Em baixo: Frank Sinatra com Mervyn LeRoy em ordem do dia, sim, senhoritas! Aqui o vemos, ladeado por Mervyn LeRoy (à esquerda) e Frank Ross, durante a filmagem de "The House I Live In", também da RKO-Rádio.





Ao alto: Recentemente, Claudette Colbert visitou Nova-York, tendo ocasião de comparecer à "première" de "Tomorrow is Forever", no Quinter Garden, quando foi feito esse flagrante. A' direita, o nosso incorrigível Orson Welles, na mesma ocasião contando a "última" para os seus amigos e ouvintes americanos. — Em baixo: Greer Garson examina algumas provas fotográficas que lhe mandaram os estúdios da Metro, para suprimir aquelas onde não apareça cem por cento bonita... E ao lado, Carlos Ramirez — que agora mesmo está viajando pela Colombia, seu país natal — repassa uma canção para ser gravada nos estúdios da Metro em um de seus filmes. A proposito: Ramirez voltará ao Brasil este ano.



DIABETE-OBESIDADE-MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO,
DIABETE e PRISÃO DE VENTRE

Aparêlho digestivo e Nutrição (regimes). Glândulas da secreção interna
METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL

CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade
e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.
Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27-3.º and. sala 33 — Cima-
lândia. Fones: 22-5118 ramal 33 e 25-4388 — Consultas: Das 12 às 16 horas.

NOVOS MODELOS

Mesmo com os dias ainda quentes que atravessamos, é certo que a estação hiberna está batendo às portas da cidade. E com este impõe-se a renovação do guarda-roupa feminino, motivo por que aqui estamos oferecendo às leitoras estes quatro modelos, cada qual mais atraente dentro de sua simplicidade. O último, à direita, é todo em lã com enfeites de pele. Esse casaco é tudo o que pôde haver de moderno para os dias frios que se avizinham, sendo este o momento oportuno para encomendá-lo à costureira.

**AOS SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES
DESTA REVISTA**

Rogamos indiquem sempre, com as suas
remessas de dinheiro, nome, endereço
e fins a que as mesmas se destinam

Antisardina

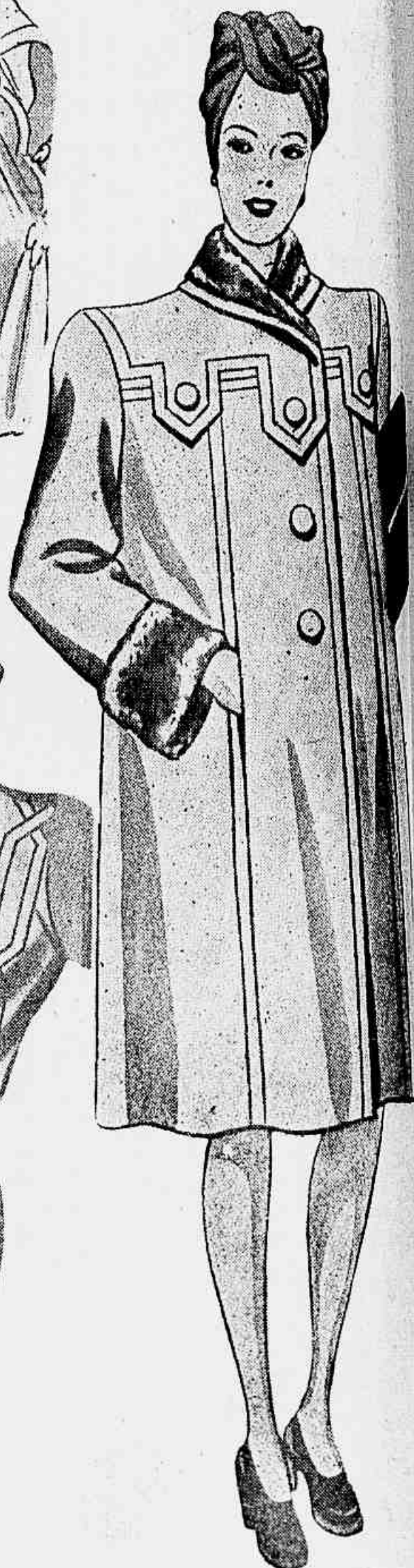
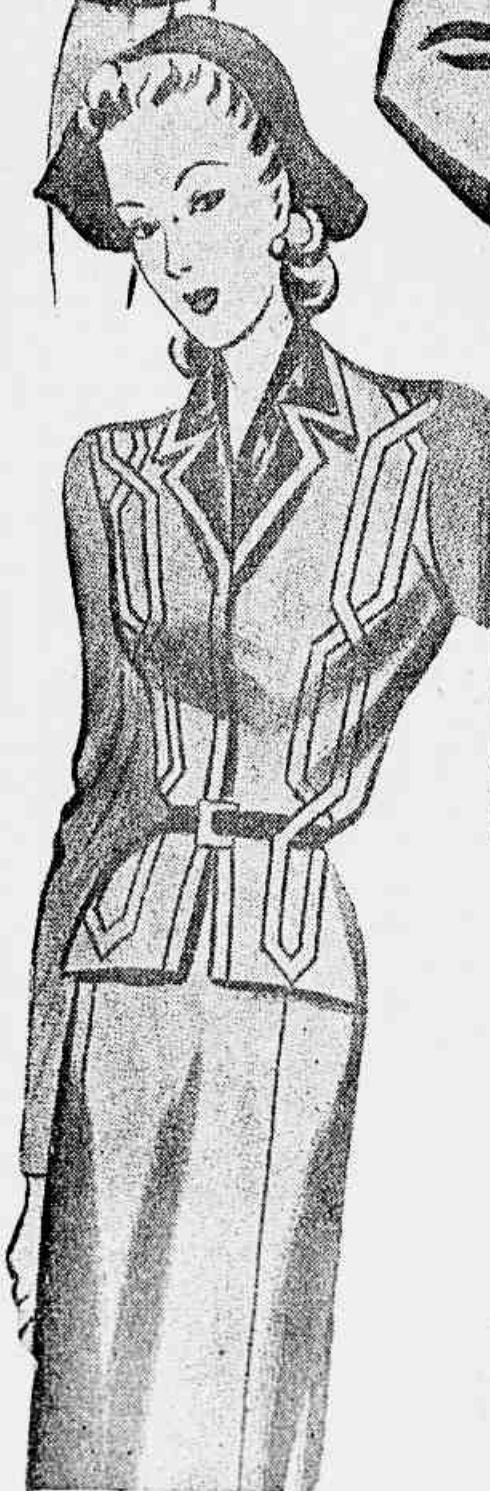
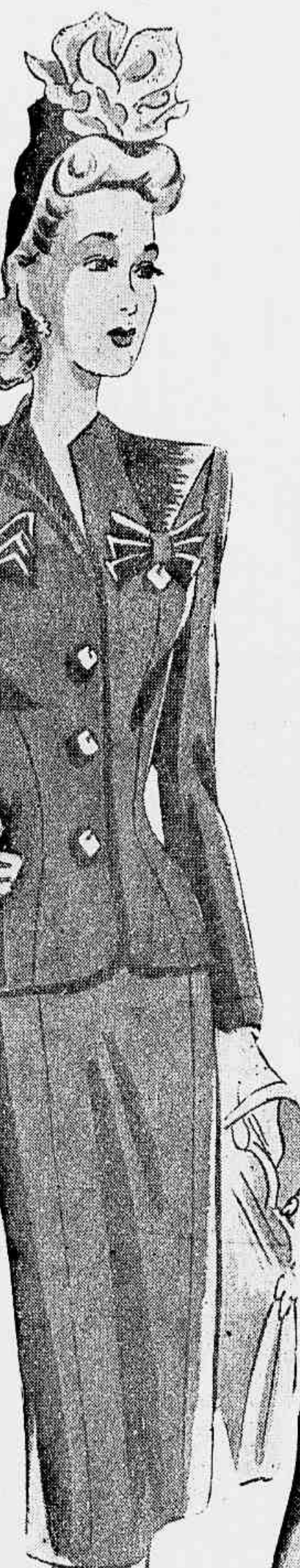


Minhas amiguinhas, façam como eu, evitem o contraimento da pele ao sorrir. O uso diário do creme ANTISARDINA n.º 1 assegura a perfeita elasticidade da cutis evitando as rugas precoces.

ANTISARDINA é o meu creme ideal.

Em 21 de outubro de 1944

(Ass.) MIRACÍ DE ASSIS



**Comece
pela raiz!**

A semelhança das plantas, o cabelo absorve pela raiz as substâncias que lhe dão vida, beleza e louçania. Tônico Oriental, regularmente perfumado, nutre filamentos capilares, higieniza a cabeça, elimina a caspa, evita queda e dá brilho, vigor e elasticidade aos cabelos.

**Tônico
ORIENTAL**

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUELA E AVELUDA A
A VENDA EM TODA A

Entre

pedi qu
ria ver
— D
melhor
Duch
e se de
locou
do-a s
sição
bém c
Era u
por vi
exube
colori
pareci
um p
e sôbr
O céu
de cõ
O ma
calme
que s
escól
pelo
Para

Entre três horizontes

(Continuação da pág. 31)

pedi que a deixasse onde estava. Eu a queria ver melhor.

— Deixe-a aí onde está. Deixe-me vê-la melhor.

Duchain ficou tenso. Caminhou até a cama e se deitou, num movimento de cansaço. Colocou as mãos por trás da cabeça, repousando-a sobre o travesseiro e olhando aquela posição o seu quadro e a minha pessoa que também começava a pesquisar sobre a pintura. Era um retângulo de uns trinta centímetros por vinte de largura, mostrando um colorido exuberante e original. Eu sentia apenas o colorido berrante e o espírito de paz que parecia nascer do quadro. Era uma marinha, um pedaço de terra avançando para o mar e sobre ele as ruínas de um farol abandonado. O céu muito azul, com o fantástico conjunto de cores do poente, morrendo no horizonte. O mar, muito verde, ou muito azul-verde, era calmo como um pedaço de seda mal esticada que se rasgava sobre as pontas aguçadas dos escólios. Estes, escuros, meio sombreados pelo vulto arruinado do farol, eram asperos. Para mim, para o que eu podia sentir no



STANDARD
CR\$ 115,00



FEDERAL
CR\$ 165,00



INCA
CR\$ 285,00



ANEL ZODIAICO

Registrado e garantido por lei. A Oitava Maravilha. Um presente inesquecível. Com o Signo, Planeta e a Pedra do dia e mês do Nascimento. Feito de Prata Fina com ouro de 18 K. Também fornecemos todo de Ouro com Platina. Manje medida do dedo, o dia e mês do nascimento, pagando no ato de recebê-lo na Agência de seu Correio pelo Reembolso Postal. Peça catálogo Fábrica de Jóias "Azteca" — Rua Regente Feijó n.º 18, Rio de Janeiro



AMERICA
CR\$ 150,00



CAPITAL
CR\$ 265,00



BRASIL
CR\$ 300,00

quadro, aquilo parecia-me a obra de um mágico. Estava maravilhado.

— Gosta? — perguntou-me Duchain.

— Gosto, — respondi, sem mais comentários.

Duchain moveu-se na cama, voltou a mirar o quadro e insistiu:

Gosta mesmo?

Estava ansioso. Sua voz pareceu-me tremula, tímida, angustiada.

— Nunca vi coisa igual, coisa mais bela, Duchain. Nunca. Parece um desses quadros que ficam para sempre gravados na memória da gente depois que se vê. Mas o que não compreendo é a sua ideia. Eu nunca vi um farol abandonado. Nunca, e olha que já viajei muito.

— Não. Não existe mesmo. Eu fiz de imaginação.

Minha observação ao quadro de Duchain deixou-o satisfeito. Embora eu tivesse afirmado categoricamente nunca ter visto um farol abandonado, eu sentia que estava mentindo. Eu estava exaltado intimamente. Era o primeiro quadro que via Duchain principiar e terminar: São desses momentos raros, quando ha como que uma explosão interior, uma subita revelação, um despertar repentino. E eu sentia isso. De repente um centelha se iluminou e me incendiou todo. Um arrepio correu-me o corpo e tremi tanto que me sentei no chão sem tirar os olhos do quadro.

— É fantástico, Duchain, é fantástico — exclamei. E ouvi minhas próprias palavras soando no quarto como se fossem de outra pessoa.

— Eu menti Duchain. Eu já vi esse quadro, eu já vi esse farol despedaçado. Eu já vi, juro como já vi. Não sei onde, mas eu garanto que já vi. Talvez seja mentira da imaginação, mas eu vi esse farol como você o viu. Não vi no mar não, não vi nas viagens que fiz, mas vi como você viu. Eu já imaginei isso, um farol velho, abandonado, sendo destruído pelo mar e pelas chuvas; eu já imaginei isso, um farol perdido entre águas perigosas, abandonado e cego; um farol cego como um mutilado, desamparado entre três horizontes: o céu, a terra e o mar. Vimos juntos o mesmo farol.

GABRIEL RANGEL

FONE 23-4742

Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA

RUA SENHOR DOS PASSOS, 88 — 2.º Lote

Detenho-me um instante no dialogo anterior. As memórias se avolumam, os fatos se chocam na ansia com que se apresentam por se revelarem aqui no papel. A imaginação borda fios de ouro envolvendo minhas recordações e elas aparecem ora num monologo, ora numa conversa, às vezes em conceitos, outras vezes numa descrição. E a dificuldade está em dar tempo ao próprio tempo, em dar lugar a cada uma delas, a cada uma dessas recordações. Enquanto ouvia Duchain e me ouvia a mim mesmo, enquanto exultava na contemplação daquele quadro que resta apenas em minha memória, avivou-se-me uma outra pequena passagem de minha vida. Ei-la.

★

De fato eu havia visto o quadro imaginado por Duchain. Eu o havia visto no tombadi-

(Continua na pág. 58)



Agua Florida
MURRAY & LANMAN

dá ao corpo uma delicada fragrância, tonifica a cutis e produz uma deliciosa sensação refrescante.

EM USO NO MUNDO INTEIRO DESDE 1808

Adquira o direito de ser jovem e bela
usando VELAS ANTISSEPTICAS



TAVARES
MARCA REGISTRADA

AGORA EM NOVA EMBALAGEM

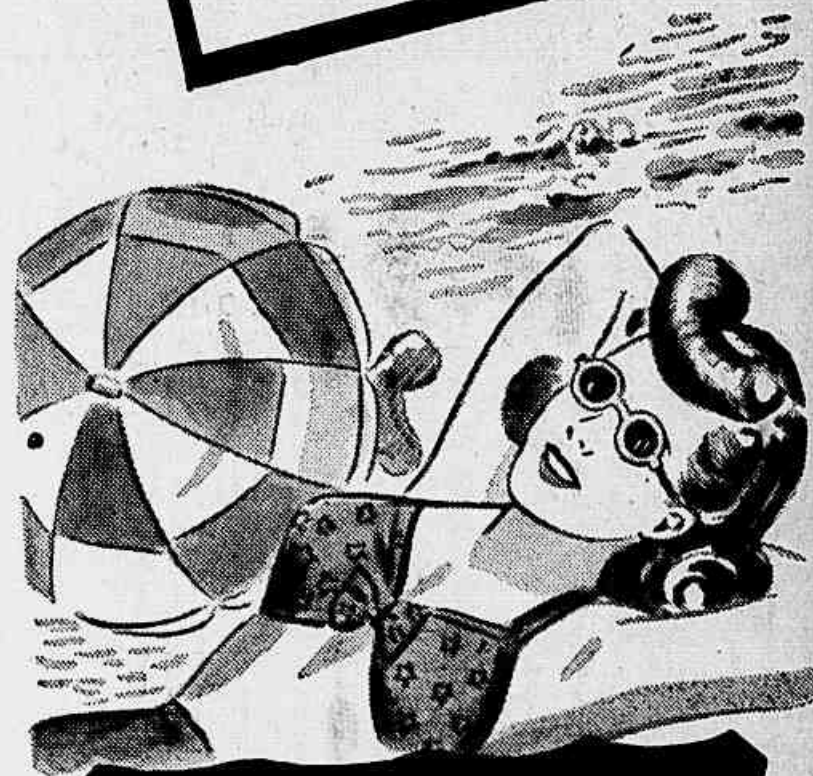
VELAS ANTISSEPTICAS TAVARES
Estas velas constituem uma cômoda e eficaz prevenção contra todas as infecções

EM TODAS AS FARMÁCIAS E DROGARIAS DO BRASIL



No Campo e na Praia

Reduza, mediante o uso de adequados óculos escuros, a inconveniência para os seus olhos da luminosidade excessiva. E não esqueça de que LAVOLHO faz bem aos olhos. Conforta-os e conserva-os límpidos e atraentes.



LAVOLHO

REFRESCA OS OLHOS

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



**PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

NUNCA EXISTIU IGUAL



A mais perfeita
e moderna
toalha higiênica



Feita para a mais
exigente e delicada
sensibilidade feminina



Lembre-se das vantagens que lhe
proporciona a toalha "PROTEX"

Suave, macia, invisível, face externa
impermeável, absorvente poderoso,
garante proteção, conforto e bem estar

A toalha "PROTEX" protege
"PROTEX" a toalha protetora



Fábrica

Av. N. S. de Copacabana, 98 — Terreo — Tel. 27-8757



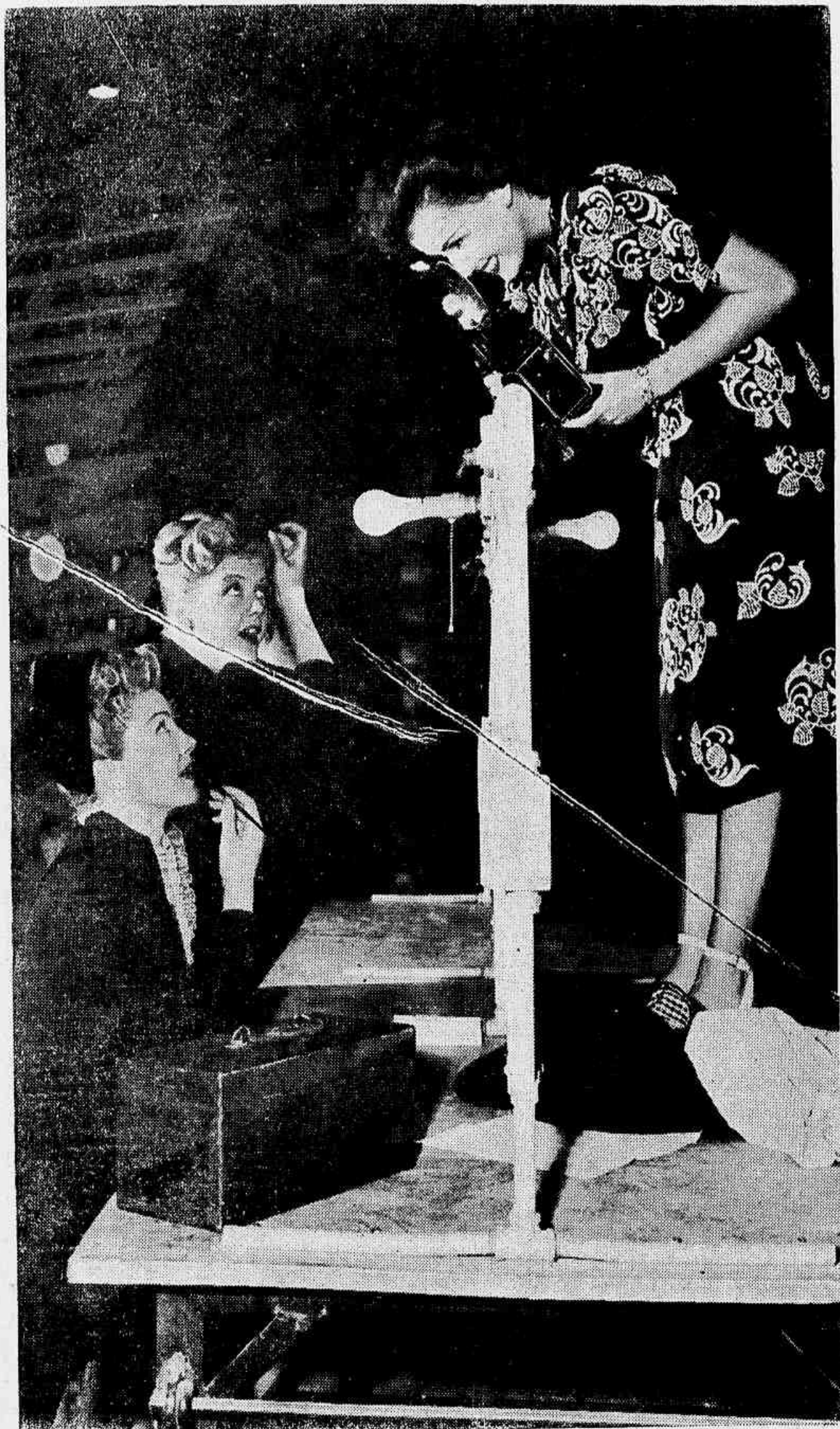
À venda nas farmácias e lojas de artigos femininos



FRANCIS GIFFORD

BONITO! A MAQUINA "ENGUIÇOU!" — Frances Gifford resolveu improvisar-se em reporter fotográfica, munuiu-se de uma "camera" e foi bater chapas dos seus ilustres colegas da Metro. Mas... que lastima! Logo na primeira tentativa, quando Walter Pidgeon ia posar para posteridade, verificou-se o primeiro "enguiço". E foi preciso que o próprio mr. Pidgeon desse um geitinho na objetiva para miss Gifford começar sua delicadíssima tarefa. Que tal a chapa batida com Clark Gable? Pelos modos, o herói de "Aventura" não acredita muito no sucesso da experiência...





REPORTER AMADORA

ATENÇÃO! VAI SAIR UM PASSARINHO — Eaqui está Frances Gifford às voltas com o seu "caixãozinho", fingindo que tira fotografias de verdade. No entanto, foi preciso outro fotógrafo para documentar o serviço, pois as chapas que ela bateu... o vento levou, sem alusão! Esther Williams e Angela Lansbury não ligaram muito quando ela pediu que posassem. Mas Xavier Cugat, muitíssimo cabotino e sem perder a menor oportunidade para vêr o retrato nos jornais, posou em grande estilo, com as carêtas que lhe são peculiares, em companhia de Ilona Massey e Linda Christians.

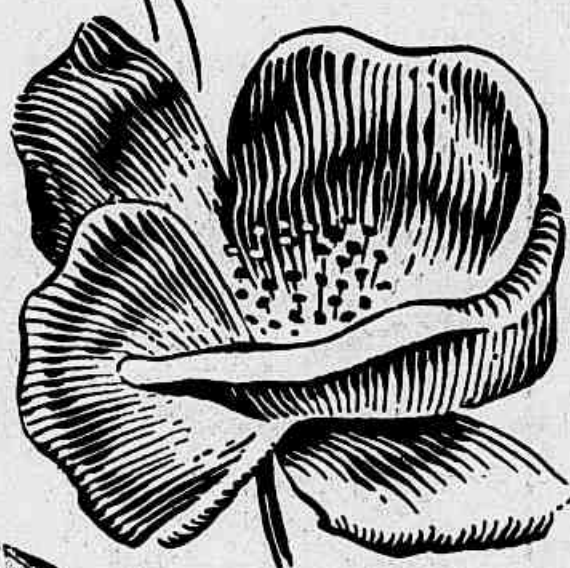


Pavots D'argent

Um fino perfume, de

suavíssima fragrância

e persistente efeito.



LOÇÃO
EXTRATO
BRILHANTINA
PÓ DE ARROZ

ROGER & GALLET

PARIS ★ RIO

GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS



DÔRES
de CABEÇA

TRANSPIROL

Frigia

é simplesmente
notável!



...notável, porque:

- 1.º — Não é líquido, nem pasta. É um desodorante em forma de "baton".
- 2.º — Corta e evita a transpiração sem irritar a pele. Não estraga as roupas.
- 3.º — É agradavelmente perfumado e produz uma sensação de frescor.
- 4.º — Elimina instantaneamente a transpiração das axilas.
- 5.º — Próprio para bolsa, pôde ser aplicado em qualquer momento.

FRIGIA está registrado como patente de invenção sob n.º 29.830

A VENDA NAS
BOAS CASAS



Dist.: HERMANNY - C.P. 247 - RIO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Si a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3.00

MARCHA A RE...



ANTES. -Traga-nos tudo que fôr tragável em pratos selétos e bebidas finas



A SEGUIR. -Temos sôpa coordenáda, fritáda de promêssas, ensopádo de tábelas, pirão de brisa com ossos de mosquito...
-E sobremêsa?
-Dôces esperanças.

Cigarros BEVERLY



O caso da maleta...

(Continuação da pág. 34)

— Meu amigo, na nossa vida, não podemos fazer planos. A's vezes, somos forçados a viajar subitamente... Quem sabe até se não serei agarrado um dia dêsses? Espero que não seja antes de poder prestar-lhe êsse pequeno serviço quanto ao roubo; mas se, por acaso, você ficar sosinho no momento menos oportuno, vou dar-lhe o nome de uma pssôa que o auxiliará, a trôco de bom preço. Mas é homem de tôda a confiança. Depois de firmado um contrato, êle servirá fielmente, pela soma estipulada. Conheço-o bem.

— Como se chama êle?

— Chang. Encontra-lo-á nes-

te endereço — disse Liang escrevendo alguma coisa num envelope.

— Eis uma carta de apresentação para êle. E eis o seu telefone. Marque um encontro antes de ir.

Tuan apertou a mão do amigo:

— Obrigado. Espero não ter que recorrer ao sr. Chang.

Liang, com placidez oriental, disse:

— Eu também, meu amigo, eu também...

E tornou a sorrir.

E agora êle estava ali, a caminho da casa de Chang, procurando um meio de fugir, de escapar daquilo. Tudo estava perdido? Não, ainda lhe restava aquela esperança.

— Mr. Chang?

— Sim...
— Meu nome é Tuan. Trago uma carta.

— Muito bem.

— Liang me disse...

O outro interrompeu-o.

— Um momento.

Levou-o para dentro, ao seu escritório. Depois disse:

— Cuidado! Não seja imprudente.

— Queria falar-lhe...

— Liang esteve aqui antes de partir... Deixou-lhe um abraço.

— Êle conseguiu escapar?

— Liang sempre escapa. Não há polícia que o pegue.

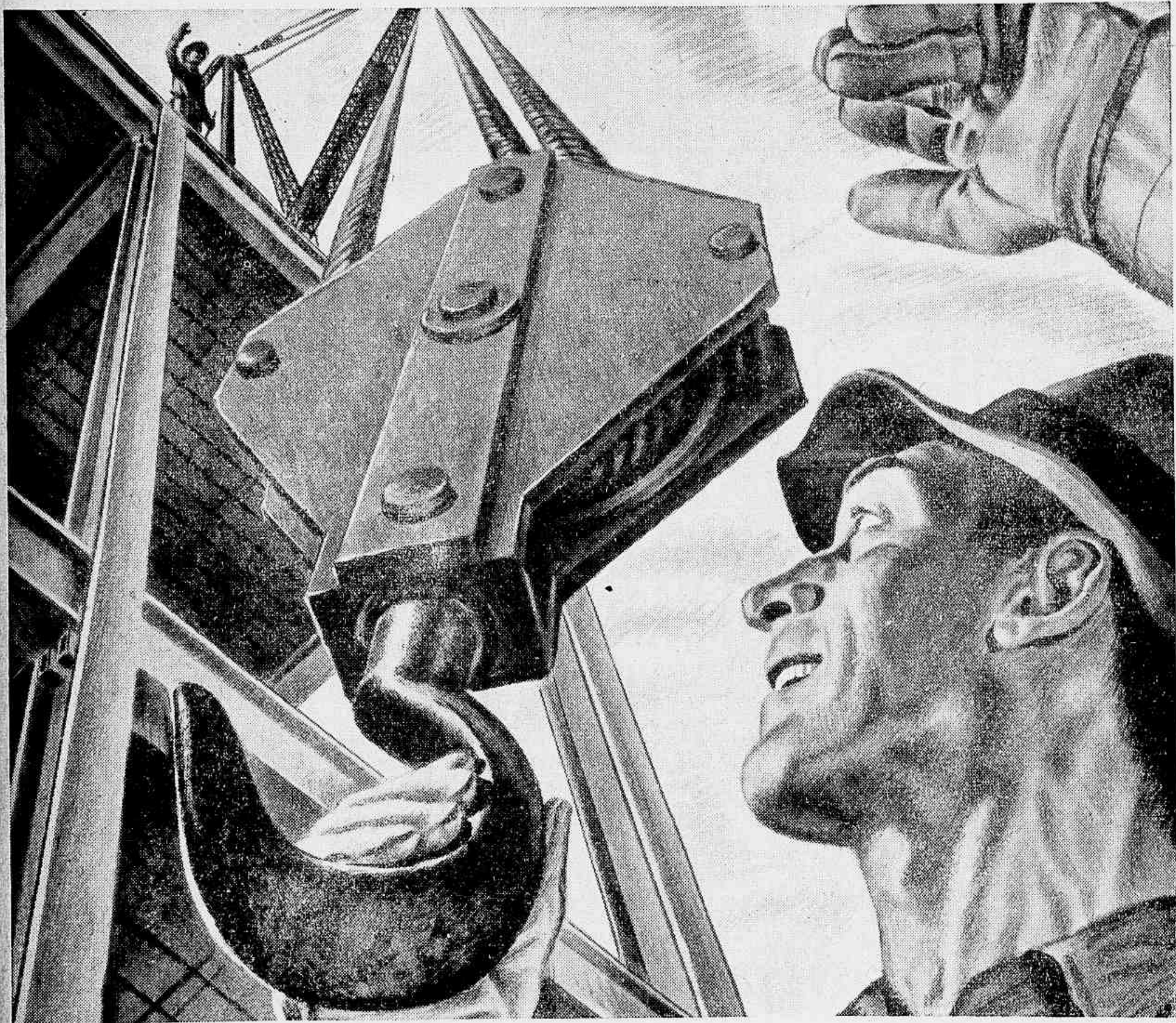
— Êle lhe contou tudo?

— Sim. Que deseja?

— Deve saber que eu fui... mas sozinho.

— Sim. Tem o dinheiro?

— Tenho. Mas serei acusado



McC

PETROLEO... Construtor de cidades

As resfolegantes pás mecânicas que escavam os alicerces... os caminhões pesados que levantam materiais... as ativas batedeiras para concreto... todos eles, como se sabe, são acionados e lubrificados por produtos de petróleo. Mas, em incontáveis outros meios, o petróleo também serve a milhões de pessoas na indústria das construções. Como querosene, alimenta a lanterna dos vigias, como material isolante protege a estrutura do teto contra o tempo, e como lubrificante interno dá segurança aos cabos dos elevadores. Os produtos especiais que Esso aperfeiçoou para construção são apenas alguns dos muitos empreendimentos com os quais Esso conquistou sua posição de líder da indústria petrolífera desde 1870.



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

ANO APÓS ANO, ESSO MARCHA À FRENTE

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE
ALEXANDRE

do roubo, assim que derem pela falta do dinheiro. Não me preocupei em cobrir o meu rasto. Liang deveria encarregar-se disso.

— Não pôde ser.

— Mas êle me tinha dito que o senhor...

— Nada posso fazer agora quanto ao desvio das suspeitas.

— Sei disso. A partida de Liang foi muito inoportuna.

— Mas, por outro lado, posso facilitar-lhe a fuga...

— Meu nome será transmitido para tôdas as estações. E estarão esperando...

— E se você fôsse viajar com um passaporte falso, mas perfeitamente em ordem?

— Seria possível obtê-lo?

— Não é fácil mas...

— Compreendo. Estou disposto a pagar bem.

— Quando a isso discutirmos depois. O que me preocupa não é precisamente isso, porque nosso serviço de passaportes é completo, mas eu precisava de alguém parecido com você.

— Parecido? Uma idéia atravessou a cabeça de Tuan. Um passaporte? Pensou no irmão. Sim, êle bem merecia aquele castigo. Voltou-se para Chang e disse:

— Parecido? Creio que encontrarei.

— Quem?

— Meu irmão.

— Mas êle ficará como culpado?

Tuan sorriu, impiedosamente.

— Temos velhas contas a ajustar.

Chang compreendeu:

— Nesse caso, seriam precisos os dados. Nós faríamos a troca de identidades.

— Eu fornecerei tudo.

— Nome?

— Makbar Tuan.

— Idade?

— A mesma que eu.

— Natural de onde?

— Delhi.

— Sinais característicos?

— Nenhum.

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



— E' parecido bastante com você? Usa bigode?

— Não.

— Nesse caso você mandará raspar o seu...

— E, depois disso, ninguém distinguirá.

— São assim tão parecidos?

— Irmãos gêmeos.

Chang sorriu:

— Mas não muito amigos...

— Ele tem uma velha conta comigo...

— Não me meto em negócios de família. Quanto ao dinheiro...

— Trouxe mil dólares.

— E' pena. Vai ter que voltar ao Hotel para buscar mais.

— Não é bastante?

— Quanto valerá a sua felicidade?

— Muito...

Chang mostrou-se habil.

— Mas do que mil dólares?

— Tem a certeza de que conquistarei a liberdade?

— Não há dúvida.

— Nesse caso, vamos ser generosos...

Dois mil?

Tuan aceitou. Tirou o dinheiro do bolso e entregou-o. Quando Chang viu o dinheiro tornou a sorrir:

— Eu sabia que você tinha consigo pelo menos o dobro do que ofereceu. Acertei.

Mas Tuan estava tão contente com a perspectiva da figura que nem se lembrou de protestar.

— Eis aqui seu passaporte, disse-lhe Chang, duas horas mais tarde.

Era perigoso voltar ao hotel, mas ele precisava ir buscar o dinheiro...

Mandou avisar que ia passar o fim de semana fora mas voltaria. Levou somente uma maleta. Uma maleta marron, cheia de notas...

O porteiro cumprimentou-o.

— Até segunda feira.

— Até segunda.

Na rua, sentiu-se livre, alegre. O trem estava abarrotado, mas ele ia confiante. Ninguém questionou a autenticidade do passaporte. Assim chegaram ao porto.

Ao saltar do trem ele teve um sobressalto. Um policial o chamou:

— Sr. Tuan!

Ele voltou-se:

— O senhor está preso.

— Mas... mas não sou eu quem o sr. procura, meu irmão é que... Eu sou Makbar Tuan.

O Guarda teve uma expressão de espanto:

— Pois é justamente quem estávamos procurando como responsável pela morte de Arthur Jones. O senhor está preso.

Tuan sentiu um frio da espinha. Era tarde demais para desfazer o equívoco. Ele ia pagar, não pelo roubo, mas pelo homicídio cometido pelo irmão.

Perfume
Rêve Rose
de
GALLY

Água de Colônia
Brilho
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Arroz

O sonho côr de rosa
dos perfumes!

A VENDA
EM TODO O BRASIL

P. Ferraz

M U S I C A

Muito superior ao primeiro foi o segundo concerto da orquestra sinfônica, no qual foi executada, com bastante equilíbrio e somente algumas ligeiras falhas a Sinfonia Italiana de Mendelssohn, obra leve, colorida, sem grande profundidade, mas, inegavelmente, graciosa e agradável. Há menos uma visão da Itália na música amena de Mendelssohn do que uma superficialidade internacional, como gostava de dizer Mário de Andrade. Em todo o caso, ain-

da conserva a mesma frescura e desempenha nobremente sua função de "hors d'oeuvre" orquestral, figurando no programa antes de obras mais substanciais.

Vasia, insignificante mesmo, é o Prometeu de Leopoldo Miguez que veio a seguir. O violoncelista Joseph Schuster, que estava presente ao concerto, teve, mesmo, ocasião de observar:

— Se eu não conhecesse a boa música brasileira, teria ficando

decepcionado com a amostra que ouvi.

Um tinturas wagnerianas acentuam certos defeitos da partitura nacional. Pouco eficiente em sua ostentação, também, a formação de um climax por meio dos pratos.

Triana, de Albeniz, desfez a má impressão, sendo muito aplaudida. Szenkar regou com bastante segurança esse trecho.

Um certo desajustamento mais criticável, que transparecera em todo o concerto, apesar dos progressos desde a última vez que tínhamos ouvido a orquestra, tornou-se mais evidente no Pássaro de Fogo, cuja orquestração vigorosa e nítida, cujo arrebatamento requerem uma precisão de execução que a

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bela. Hoje em dia só é fato quem quer. É a verdade. Os crimes proteles e a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alicao "Brilhante" ultra-concentrado que se cura pela sua ação rápida para embelezar, alisar e refrescar a pele.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua pele ganha um ar de saúde, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme Alicao "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, manchas e impurezas e a tendência à pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alicao "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios A. & F. de São Paulo.

Orquestra Sinfônica não conseguiu desta vez. E' explicável, contudo, a deficiência, uma vez que, tratando-se de obra não executada pela orquestra há bastante tempo, a escassez de ensaios não deu oportunidade para o aperfeiçoamento da interpretação.

Apesar de tudo, este segundo concerto da Orquestra Sinfônica já constituiu um progresso e relação ao anterior. Esperemos que continue.



O grande sucesso obtido pelo recital do violoncelista Josep Schuster veio confirmar o que a crítica americana disse dele. É um artista completo. Não somente ele dispõe de uma técnica surpreendente, uma virtuosidade maravilhosa como também caracteriza-se por uma aguda penetração e expressão do conteúdo das peças executadas. Iniciando o recital com um adágio em homenagem a Rodolfo Josetti, recentemente falecido, ele executou um programa escolhido com bom gosto, tendo concedido, a seguir, vários estratagemas a pedido do público.



Registramos, com simpatia, a publicação de um livro do maestro José Siqueira sobre instrumentação. Obra informativa encerra uma exposição sintética e lúcida a respeito dos principais instrumentos, sendo tão útil aos músicos, como para instrução do público que deseja folhear um trabalho acessível e completo.

O maestro Siqueira, que tem demonstrado sempre um interesse tão grande por toda obra de divulgação musical, realiza assim, mais um trabalho digno de louvor.

Roberto Lyra Filho

Todos estamos convencidos!

este creme dental antissético ...

limpa mais

A generosa espuma de Kolynos limpa completamente os dentes, e lhes restitue seu brilho natural, sem arranhar o esmalte. É que Kolynos é um creme dental antissético.

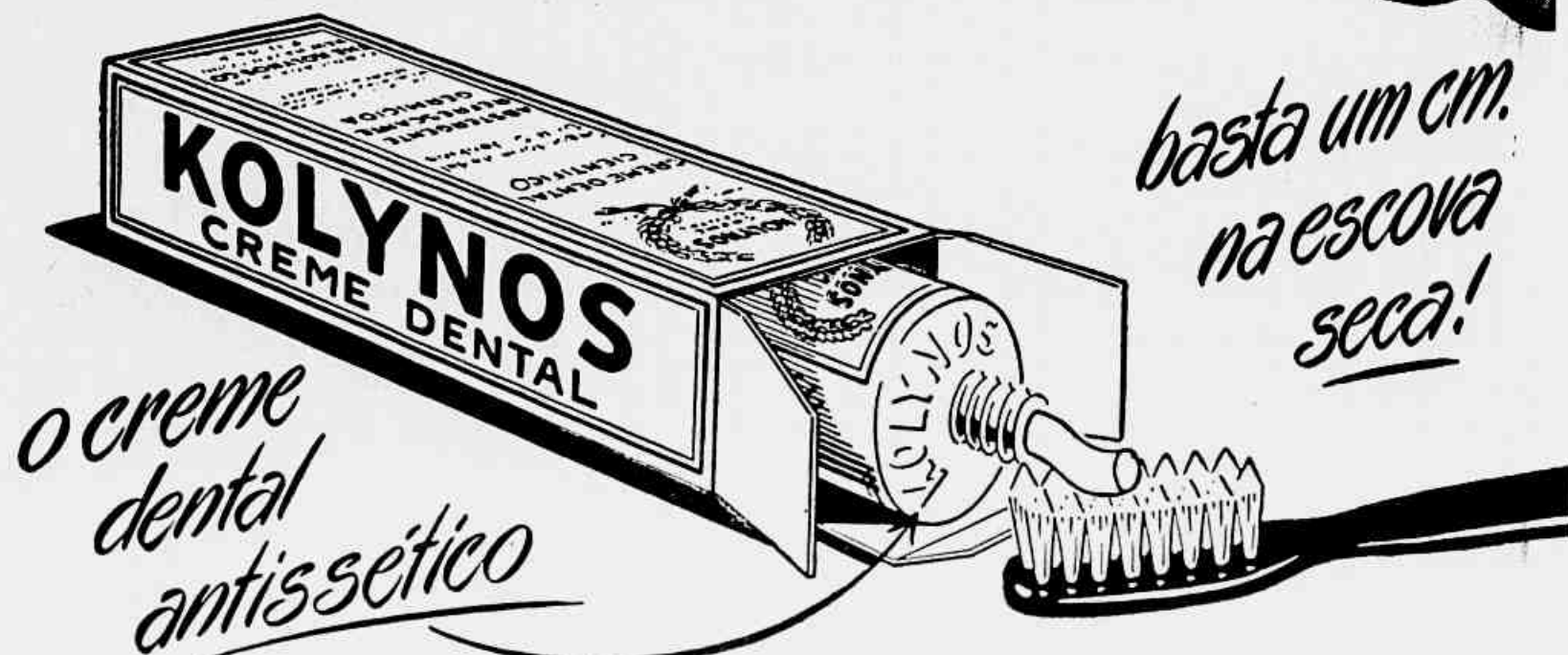
agrada mais

Não há a menor dúvida: o sabor de Kolynos agrada a todos; deleita, perfuma o hálito, deixa no paladar uma incomparável sensação de frescor.

rende mais

Kolynos é um creme dental concentrado: com uma quantidade menor de creme se obtém uma limpeza maior. Kolynos custa menos porque rende mais.

...todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.



Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto

Informações:
Rua Flack, 143-Blo. T. 23-240
OLEO — LOÇÃO

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

O moderno Cinema Britânico

Por ROGEL MANVELL

(COPYRIGHT DO B. N. S.)

Londres, abril — Durante dez anos antes de irromper a guerra na Europa em 1939, a Grã-Bretanha procurou estabelecer uma escola de produção de filmes documentários que veio a se transformar em um serviço de informação pública de méritos incontestáveis. Estes filmes, feitos em grande parte sob a inspirada direção de John Grierson e cuja influência abrangia todo o movimento, tinham por objetivo explicar as várias atividades da comunidade ao maior número possível de cidadãos. Assuntos como as indústrias da Grã Bretanha, a variedade da vida e os recursos das zonas rurais do país, as condições de vida em ultramar em lugares como Ceilão e Maláia, eram tratados nestes filmes quase sempre de qualidade superior. Muitos também tratavam dos problemas sociais da Grã Bretanha de antes da guerra. Tratava-se, em verdade de uma nova forma de jornalismo da tela, bastante distinto dos filmes de viagem e científicos produzidos na Grã Bretanha e outros países. Era, para usar as próprias palavras de Grierson — “um tratamento criador da atualidade.”

Com a deflagração da guerra em 1939, esta modalidade de cinema assumiu especial importância na Grã Bretanha. O próprio Governo Britânico tornou-se o mais importante produtor de filmes. Os filmes eram imprescindíveis para três principais funções: o treinamento das forças armadas, manter o público informado acerca de todos os aspectos da vida em tempos de guerra na Grã Bretanha, e desenvolver um serviço de cinema de ultramar. Os filmes destinados às forças armadas abrangiam um grande programa de

assuntos de treinamento, além disso um serviço especial de unidades cinematográficas iniciou a entrega de material para jornais de atualidades e para a produção de filmes documentários.

Muitos foram da maior importância tendo sido exibidos em quase todos os cinemas do mundo. “A Vitória do Deserto” e “A Vitória da Tunísia” (o último feito em colaboração com o Serviço Americano de Unidades Cinematográficas) foram mais do que simples relatos de campanhas militares; revestiram-se de um caráter épico

graças à habilidade e imaginação com que foram realizados, usando música, comentários e sons naturais. O espírito de ansiedade na preparação e de climax no ataque foi maravilhosamente reproduzido na “Vitória do Deserto”. Mais tarde vieram “A Vitória de Burma” e o incomparável “A Verdadeira Glória”, rodados em combinação com todas as unidades cinematográficas aliadas e produzidos por Carol Reed da Grã Bretanha e Garson Kanin de Hollywood, ambos diretores de filmes de ficção.

O Ministério Britânico da In-

formação e o Conselho Britânico foram os veículos através dos quais o Governo Britânico produziu os seus filmes além dos realizados diretamente pelos Serviços. Sómente uma unidade cinematográfica, a Crown, ficou sob o controle direto do Governo, agora a Colonial Film Unit que se especializou em fazer filmes para distribuição na África. A maioria dos filmes do Governo eram feitos por unidades profissionais que se dedicavam à realização de filmes documentários antes da guerra.

O Governo Britânico estabeleceu um plano de exibição es-



O SABONETE IDEAL PARA O BANHO!

VALE QUANTO PESA

Beijador

● Ao comprar um sabonete Vale Quanto Pesa, verifique, com atenção, se o mesmo tem gravada em seu envoltório a figura de uma balança. O verdadeiro sabonete Vale Quanto Pesa tem essa figura gravada como símbolo de sua legitimidade.

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça frouxa. **FIXODENT**, um novo pó para polvilhar a dentadura postiça, torna-a mais firme na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o “cheiro de dentadura postiça”. Perfuma o hálito. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário. Solicite amostras.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114 - 1.º andar
Rio de Janeiro

91-B

VALE QUANTO PESA

GRANDE, BOM E BARATO!

★ À VENDA EM TODO O BRASIL ★

• Ferraz •

ÁGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mrae. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

30 DIAS DE **FEIRA**



A PROGRESSO
AV. N.S. COPACABANA, 1350

A CRISTALEIRA
RUA SILVA JARDIM, 1 e 3

**ALFAIATARIA
GUANABARA**
RUA CARIOCA, 54

**CAMISARIA
PROGRESSO**
PRAÇA TIRADENTES, 2 e 4

Preços
VANTAJOSOS

A Camisaria Progresso incluiu nos seus "30 dias de Feira" não só os seus artigos de ótima qualidade e preços baixos, como também os da A Cristaleira, Alfaiataria Guanabara e A Progresso de Copacabana. Aproveitem os "30 dias de Feira" da Camisaria Progresso e façam uma boa compra.

CAMISARIA PROGRESSO

PRAÇA TIRADENTES, 2 e 4

CABELOS BRANCOS? LOCÃO Brilhante

pecial para as diversas produções das unidades. Alguns filmes, geralmente de curta metragem, foram exibidos pelos 4.750 cinemas da Grã Bretanha durante o transcurso da guerra. Muitos, entretanto, não foram apresentados em cinemas, mas faziam parte do material de um corpo de 150 técnicos que percorria as fábricas, clubes, cantinas, institutos, enfim todos os lugares onde se reunia um número considerável de pessoas, inclusive os abrigos anti-aéreos, igrejas e estações ferroviárias. Centenas de filmes foram pro-

duzidos para estes programas durante os seis anos de guerra, variando dos filmes instrutivos mais simples aos filmes documentários propriamente ditos, tratando de algum aspecto a comunidade com um todo sob as condições de guerra. Alguns dos mais bem recebidos foram produzidos pela Crown Unit focalizando as atividades da Marinha Mercante durante a guerra; por exemplo, "Merchant Seamen" e o filme colorido mais recente "Western Approaches". Outros como "Alvo para esta Noite" e "Comando Costeiro" retratavam as atividades das forças aéreas.

Outras unidades também produziram filmes muito importantes. Cerca de quarenta filmes foram feitos somente sobre a-

gricultura, cinquenta sobre educação e cidadania, vinte e cinco sobre alimentação, quarenta sobre saúde, cinquenta sobre trabalho e Indústria, etc.

Os filmes documentários vieram demonstrar que o povo da Grã Bretanha e de além-mar lucra muito mais com os ensinamentos ministrados através cinema do que por qualquer outro meio. O cidadão comum muitas vezes deixa de ler um artigo interessante por julgá-lo enfadonho "a priori", mas a sua atitude já não será a mesma em relação ao cinema.

E' esta, pois a importância do filme documentário. E' um processo rápido e popular de explicação, de valor imensurável, uma vez que seja realizado por pessoas que encaram com honestidade os problemas e complexidades dos assuntos ventilados.

Há cerca de dez anos atrás, Michael Powell fazia um filme na pequena ilha de Foula, ao largo da costa leste das ilhas Shetland ao norte da Escócia. Chamava-se esse filme "The Edge of the World" e a história do pequeno grupo de cinematógrafistas foi posteriormente narrada por Michael Powell num livro intitulado "200.000 Feet on Foula". Desde então, este diretor se tornou famoso por haver produzido alguns filmes invulgares sobre os mais variados temas, tais como "Paralelo 42," com cenários canadenses, e "The Canterbury Tale" que exibiu na tela a beleza paisagística do condado de Kent, ao sul da Inglaterra. O seu mais recente filme foi novamente buscar a cena escocesa, escolhendo as ilhas ocidentais do grupo das Hebridais, — ilhas de sol, mares revoltos, nuvens e tempestades rugindo sobre as montanhas e as paisagens silvestres.

O título da película, "I know where I'm going", reproduz o verso inicial de uma tradicional canção irlandesa. Michael Powell inicia a sua obra nos industriais Midlands da Inglaterra, com cenas da vida de Joan Webster, que desde os seus primeiros anos de existência se havia traçado um rumo. De acordo com a sua filosofia, o que importava era o dinheiro e a sua carreira se desenvolve rapidamente, até que se decide casar com um industrial muito mais velho do que ela. Joan vai para a Escócia, onde o seu casamento deverá ter lugar num castelo insular, Kiloran, de propriedade do seu futuro esposo. O filme tem uma história de amor, pois Joan se apaixona por um jovem local, antes mesmo de casar-se. A substância do filme é a transformação sofrida pelo espírito da jovem ambiciosa em contato com as forças naturais e humanas da região.

No sentido de obterem um local apropriado à filmagem dessa encantadora história, os seus



produtores escolheram uma faixa de 2.000 milhas de extensão ao longo das praias das Ilhas Ocidentais. Mull foi a decisão final. Um mapa da Escócia mostra a área que serviu à filmagem. De Glasgow, Joan se dirige para o norte de Oban, através do maravilhoso cenário natural de Argyll. Daí a travessia é feita em barco até a Ilha de Mull. Olhando para o sul, divisa-se Colonsay (Kiloran) a uma distância de, aproximadamente, 20 milhas. A leste de Colonsay existe o famoso rodadoiro de Corryvreckan, entre as ilhas de Scarba e Jura, ao largo do litoral de Argyll. As cenas de tempestade constituem o "climax" do filme e foram apanhadas em águas que as cartas oficiais da Royal Navy consideram "não navegáveis". A unidade de cinema encarregada de tais cenas enfrentou, como é óbvio, os maiores riscos nessa tomadas fotográficas.

Na própria Ilha de Mull ergue-se o castelo de Moy, uma antiga ruína que várias vezes aparece no decorrer da película. No cast de "I Know where I'm going", a exemplo do que sucedera anteriormente com "The Edge of the Word", do mesmo produtor, há vários habitantes locais que jamais estiveram diante de uma "camera". Parte do filme foi feito nos estúdios de Denham.

Roger Livesey, como Senhor de Torquil, oferece-nos uma atuação vigorosa. Trata-se de um brilhante ator já nosso conhecido pelo excelente desempenho que teve noutro filme de Powell, "The Life and Death of Colonel Blimp". Wendy Hiller, igualmente celebre nos palcos e telas da Inglaterra, pelas suas inesquecíveis "performances" em "Pygmalion" e "Major Barbara" de Shaw, encarna o principal caráter feminino. O tratamento dado ao filme pela excelente direção de Powell é um misto de leveza e lirismo natural, comédia e sátira.

De Lábio em Lábio...

dou volta ao mundo!



O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA



...como ESTÁ AUMENTANDO!

• Realmente, é notável o desenvolvimento dos nenês alimentados com Maizena Duryea, produto de alto valor nutritivo. Garanta a saúde de seu filhinho, dando-lhe diariamente a incomparável

MAIZENA DURYEA

Verifique o acampamento índio em cada pacote

A MAIZENA DURYEA
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____
ESTADO _____

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Eram três horizontes

(Continuação da pag. 47)

lho do "Luky Star" era um cargueiro que fazia rotas longas, tocando quase todos os continentes, transportando daqui para ali tudo o que um velho e desmoralizado cargueiro pode levar a seu bordo. Tinha uma tripulação pequena, de cerca de quinze homens temperados. O capitão era um homem sereno e extraordinário, envelhecido na dura lida, mas severo e pouco escrupuloso. Chamava-se êle Pitt, devia ser inglês ou filho das colônias. Conheciam-no como comandante Pitt. Bebia muito em terra, mas no mar, nem no seu beliche havia sequer um vidro de loção para barba. Era aliás a razão por que conseguia, naquela desmantelada embarcação, sempre por reparar no primeiro pôrto que tocasse, mas sem um tratamento adequado havia muitos anos, cruzar os mares em todas as direções, enfrentando o bom e o mau tempo. Mas isto não mporta em minha história. Quero falar de Jack.

Jack era um negro de cabeça pequena e inteligência menor. Fazia no barco os serviços mais pesados, mas nunca serviço de mando; era sempre mandado. Falava pouco, mas onde quer que houvesse trabalho duro ali estava êle, esticando os músculos, fazendo brilhar ao sol o suor do grande esforço, brilhando como um pedaço de ebonite lustrado. Uma tarde aquele colosso de músculos parou de existir na vida de bordo. Argolas de ferro que se despencaram do alto do mastro partiram-lhe o pequeno crâneo. E ele desmoronou como uma torre abalada por um terremoto. Desfalecido foi levado para o porão, onde dormia a tripulação. Ficou ali durante horas, perdendo sangue e força. O médico de bordo,

Da mocidade às portas da velhice...

A mulher se encontra sempre diante do seu grande problema: os males próprios do seu sexo. Desde os 13 anos, quando se torna verdadeiramente mulher, até os 50, quando atravessa a chamada idade crítica, os seus incômodos se repetem todos os meses, refletindo, muitas vezes, enfermidades que se forem descuidadas ou tratadas com remédios ineficazes tornar-se-ão crônicas e incuráveis. E tão grandes e torturantes são os sofrimentos que essas enfermidades lhe trazem que a sua vida se resume numa sucessão de martírios e há, para ela, em cada mês muitos dias que lhe são verdadeiros espantinhos. Não se deixe, prezada leitora, dominar por esses males. Não permita que êles lhe roubem a saúde, porque perder a saúde é perder a mocidade, os encantos, a alegria! O Regulador Xavier — fabricado em duas fórmulas diferentes, o N.º 1 e o N.º 2, de acordo com as naturezas diferentes das enfermidades femininas — é o remédio eficaz e poderoso contra essas enfermidades, pois as combate com vigor e as afasta definitivamente. O Regulador Xavier N.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas consequências. O Regulador Xavier N.º 2 se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, irregulares, retardadas, insuficiência ovariana e suas consequências.

Milhares de atestados médicos e populares, vários anos de grandes sucessos consagraram o Regulador Xavier como o remédio de confiança da mulher.

O REGULADOR XAVIER assegura para a mulher — desde a mocidade até as portas da velhice — a saúde, que é a chave e o segredo de sua felicidade, de sua alegria e seu bem-estar.

tão médico como eu sou dançarino, quasi dava cabo do que ainda restava de vida naquela brutal quantidade de músculos e vísceras que se chamava Jack. Mas o negro resistiu ao desastre. Ficou cego, porém. Dis depois já perambulava pelo tombadilho, tropeçando e murmurando queixas só intelegíveis aos africanos de sua tribu. Coitado! Era um espetáculo triste, mas a bordo ninguém se interessava por sua sorte. Tinha-se mais em que pensar, do que ter pena ou sentir a desgraça que desabara sobre a cabeça de Jack, desgraça em forma de argolas de ferro que pesavam alguns quilos. Havia dias que o pobre negro ficava esquecido de todos, lá por cima no tombadilho. Eu é que lhe levava um prato de ensopado ou uma sopa rala que nos serviam no porão. Eu lhe dava a comida e ficava olhando, pitando meu cachimbo, vendo o negro comer mecanicamente, sem dizer nada, sem se lamentar, sem mesmo me agradecer os cuidados. Ele comia, jogava o prato para o lado e voltava a cabeça na direção das ondas que roçavam o casco do "Luky Star" o qual se arrastava penosamente, empurrado pelo motor e pelo velame centenário. Ele não olhava o mar, mas o ruído do mar; ele via com os ouvidos e todos os demais sentidos alertas, o que não conseguia ver mais com os olhos. Era um colosso inerte, estupidificado; um bruto duplamente embrutecido, feito uma rocha, que nem chorar sabia. Seus olhos semelhantes a perfeitos, olhavam mas não conseguiam ver. Havia no fundo daquele crâneo estreito, de fronte convexa, de olhos oblíquos, nariz chato e largo, lábios grossos e sanguíneos; havia no fundo daquele crâneo uma lesão que escurecia tudo. Pobre Jack! Tinha pena dêle como de um animal que nada mais pode fazer por lhe terem tirado os olhos, como se fôra um cão correndo atrás de seu próprio rabo, estonteado pela súbita ausência da luz e da visão.

E foi olhando o negro Jack, foi vendo os olhos mortos de Jack, que eu vi o mesmo farol pintado por Duchain, farol ruindo sobre uma ponta de terra que avançava para o mar. Imaginei então o mesmo quadro apresentado por Duchain. De que valeria um farol apagado, perdido no meio de perigosos escólios, um farol morto e abandonado, como um gigante negro e cego, morrendo aos poucos, inútil e desesperado, entre três horizontes: o céu, a terra e o mar?

Jack, o negro e infeliz cego do "Luck Star", teria sido esplêndida personagem para uma novela que tivesse por título "Jack, O Pirata cego". Hoje, porém, ao recordar-me dêle, quando rabisco estas notas avulsas, vejo-o mais humno e menos fictício, mis triste e menos heróico.

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI

RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 130

Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo



Em São Paulo...

é sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 13

O pão de após-guerra

(Continuação da pag. 22)

COISAS NOSSAS

Seguiam os novos amigos pela rua, procurando o abrigo das "marquises" e evitando as pôças dagua, que formavam pequenos quipelagos das pedras mais salientes da calçada. Iam tristes e meditabundos. Tiravam as suas conclusões próprias da crise do país. Pela expressão de seus olhares, podia-se entreter que o pensamento de ambos era idêntico: "Isto vai mal".

De repente, um deles se lembrou que precisavam selar aquela amizade nova com alguma coisa quente. Mas, nestes tempos de inflação, não é qualquer pessoa que pode pagar um licôr. E então, muito ressaltado o homem propoz ao companheiro tímido:

— Vamos tomar um café?

— Pois não. Pelo menos este consolo ainda nos resta. Não temos pão, que é feito de trigo estrangeiro. Não temos vinho, não temos azeite. Mas não ha motivo para que falte famosa rubiacea. O café é nosso, a cana é nossa.

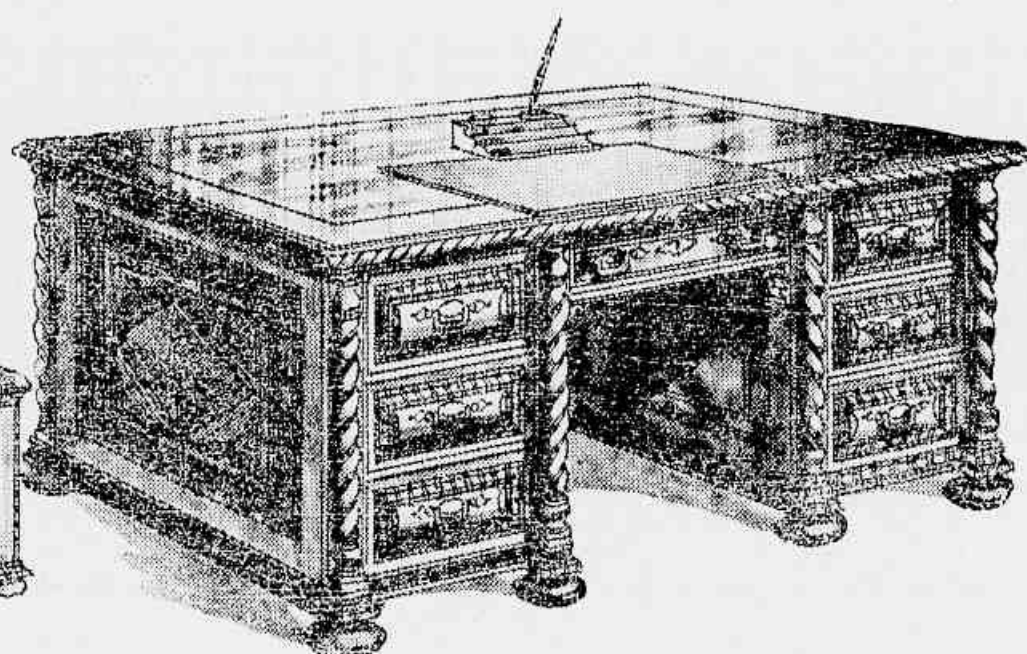
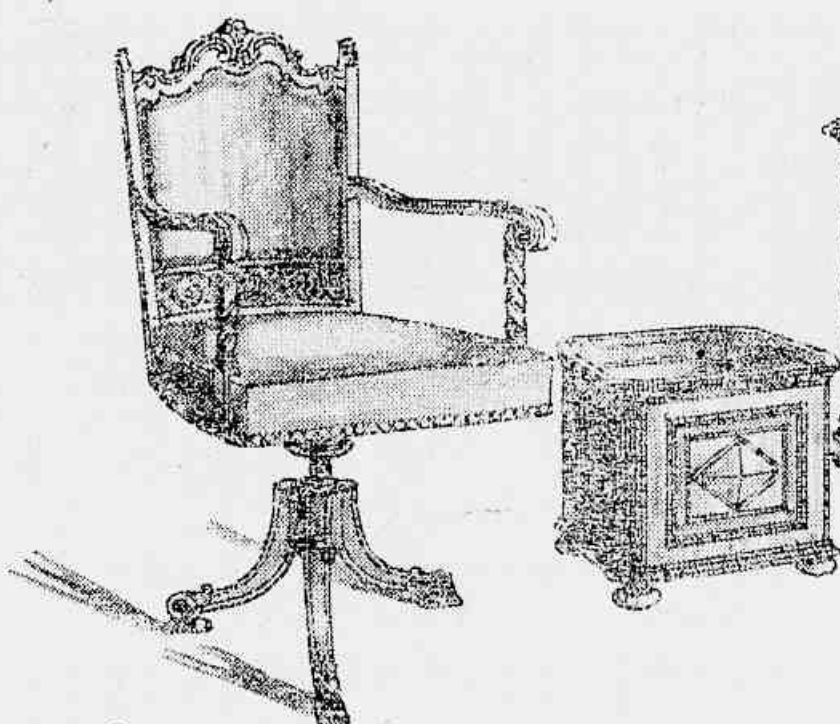
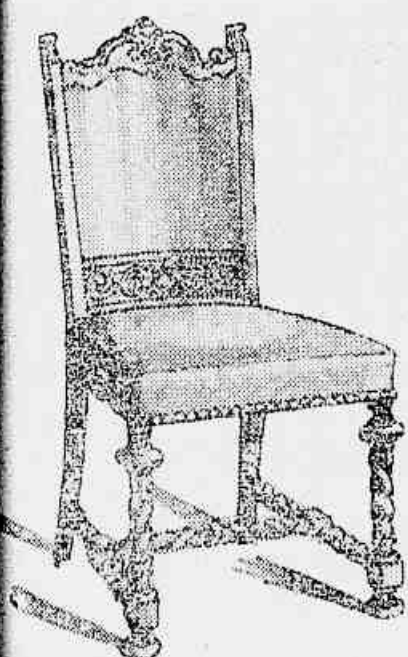
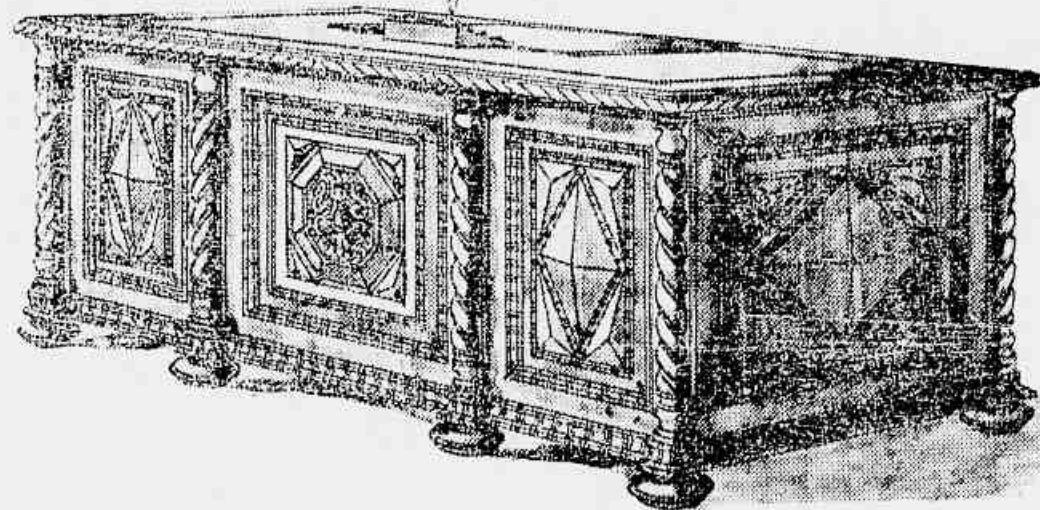
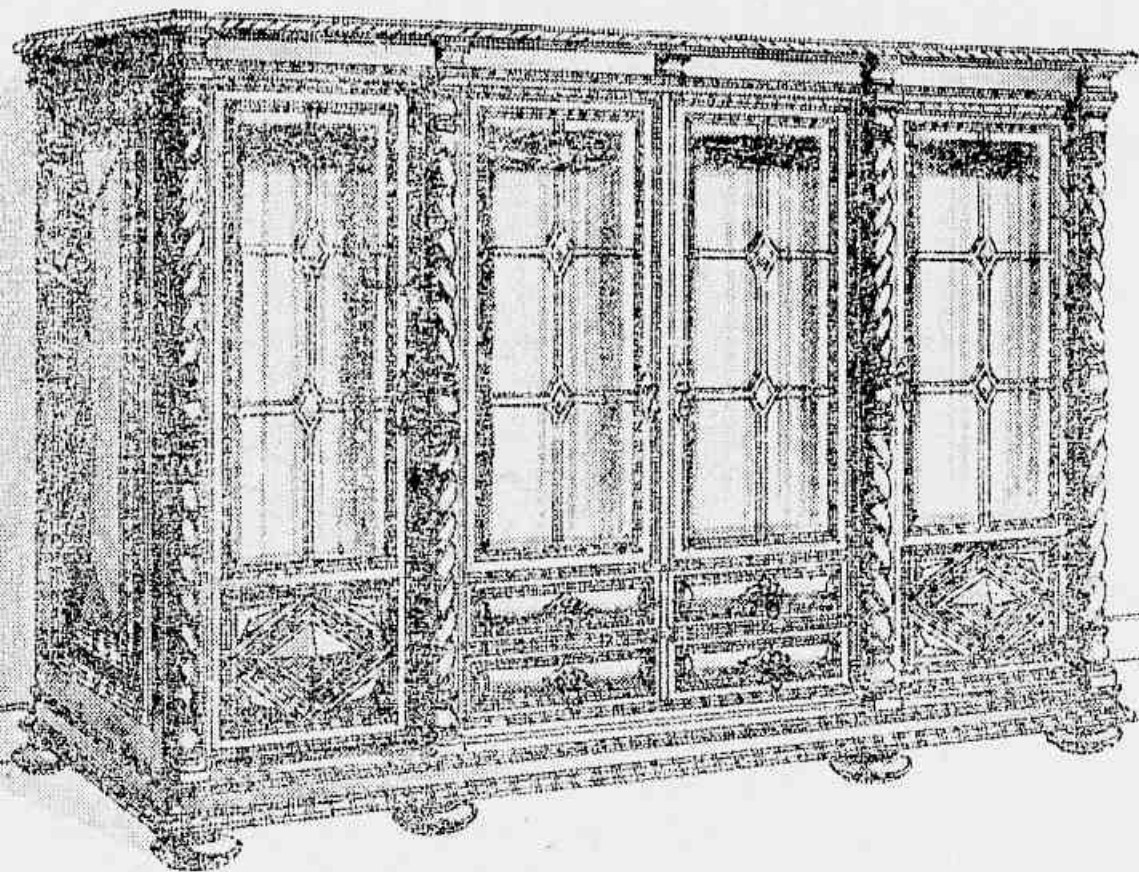
E os dois homens entraram no botequim. Um deles pediu em voz alta:

— Duas chicharas, garçon!

— Só se fôrem vasias — foi a voz do moço.

— Não ha açúcar nem para remédio...

O preço desta edição é de Cr\$ 1,50 no Rio de Janeiro e de Cr\$ 2,00 nos Estados não podendo ser vendida por preço superior.



Numa residência moderna, construída no espaço exíguo que a febre dos arranha-céus ainda deixa vago nas grandes metrópoles, quase nunca se pode ter uma ampla biblioteca. Aí fica pois uma sugestão aos nossos leitores para que aproveitem como tal o escritório de sua casa residencial. Para isto, é ideal a mobília que apresentamos acima: dois largos "bureaux" com gavetas grandes, que podem ser aproveitados também como mesa de leitura, uma cadeira giratória, uma cesta artística para papéis e uma cadeira fixa. E, dominando tudo, uma larga estante, com dois armários laterais fechados por portas de madeira e a parte central envidraçada.

ESCRITORIO COLONIAL

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

CIGARROS ASTORIA



CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz